

ENIO RECHTMAN

**ITABOCA, RUA DE TRISTE MEMÓRIA:
IMIGRANTES JUDEUS NO BAIRRO DO BOM RETIRO
E O CONFINAMENTO DA ZONA DO MERETRÍCIO (1940 A 1953)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação
do Centro de Estudos Árabes e Judaicos do
Departamento de Letras Orientais da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de Mestrado.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Topel

São Paulo

2015

INTRODUÇÃO.....	5
O IMPACTO DA MODERNIDADE NA CULTURA JUDAICA NO BAIRRO DO BOM RETIRO.....	8
CAPÍTULO 1	10
TEORIAS DA IMIGRAÇÃO.....	10
O QUE É UM IMIGRANTE?.....	10
IMIGRANTES ILEGAIS E INDESEJÁVEIS.....	14
A IMIGRAÇÃO DE JUDEUS A SÃO PAULO.....	15
BOM RETIRO: PORTO SEGURO.....	23
CAPÍTULO 2	27
BOM RETIRO: BAIRRO JUDAICO	27
BOM RETIRO DO TIETÊ ÀS ESTAÇÕES DE TREM	29
A IMIGRAÇÃO DE JUDEUS POLONESES AO BOM RETIRO, SUAS DIVERSAS ORIGENS	33
A PROBLEMÁTICA DO ENCONTRO HISTÓRICO ENTRE JUDEUS E NÃO JUDEUS:.....	35
O CASO PAULISTANO.....	35
INSTITUIÇÕES JUDAICAS	38
ESTIGMA OU ANTISSEMITISMO?	40
AS RUAS PERIFÉRICAS DO BOM RETIRO.....	46
O BAIRRO NA CIDADE.....	47
AS CATEGORIAS DA ANTROPOLOGIA URBANA APLICADAS À REALIDADE DO BAIRRO	51
CAPÍTULO 3	55
AS ORIGENS DAS POLACAS E SEUS RUFIOES	55
O TEMPO DA ÍTABOCA	57
A POLÊMICA EM TORNO DAS POLACAS DA CIDADE DE SÃO PAULO	59
CEMITÉRIOS JUDAICOS DE SÃO PAULO.....	62
CAPÍTULO 4	70
A HISTÓRIA DA RUA ÍTABOCA: RUA DE TRISTE MEMÓRIA	70
DO CONFINAMENTO AO FECHAMENTO DA ZONA DE MERETRÍCIO ENTRE 1940 A 1953.....	71
PROSTITUIÇÃO EM SÃO PAULO.....	72
O PERÍODO DO CONFINAMENTO DA ÍTABOCA, AIMORÉS, CARMO CINTRA E RIBEIRO DE LIMA.....	75
UM PASSEIO PELOS LUGARES DA MEMÓRIA	84
O FECHAMENTO DA ZONA DO MERETRÍCIO.....	89
PROCURANDO APAGAR A “TRISTE MEMÓRIA”.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
BIBLIOGRAFIA.....	98
ANEXOS.....	104

Resumo

O Bom Retiro, conhecido como “bairro judaico”, tornou-se local de recebimento de imigrantes que tiveram na sua adaptação uma história de grandes sacrifícios, lutando contra preconceitos e estigmas. Um desses estigmas está relacionado justamente àquele território, por se tratar de uma região ocupada por imigrantes de origem humilde e ter a fama de abrigar mascates e prostitutas – que na época eram popularmente conhecidas como “polacas”. Neste mesmo período, o bairro foi escolhido pelo interventor Ademar de Barros para confinar a Zona do Meretrício da cidade, que entre 1940 e 1953 ficou sob controle do Estado de São Paulo, revelando conflitos e resistências por parte da organizada comunidade judaica local. A principal rua que abrigava as “casas de tolerância” chamava-se Itaboca, mas, devido à má fama, após o fechamento da Zona, um projeto de Lei impôs a mudança de nome.

Palavras chave: judaísmo - imigração - topografias - prostituição - São Paulo

Abstract

The Bom Retiro, know as the “jewish quarter”, become a place of reception of immigrants who had in their adaptation a story os great sacrifice, fighting against prejudice and stigma. One of these stigmas is associated precisely with that territory, since it is a region occupied by migrants from poor backgrounds and have a reputation for harboring peddlers and prostitutes – who at the time were popularly know as “Polish” “*polacas*”. In the same period, the district was chosen by Ademar de Barros, a intervener, to confine the city's Red Light District, which between 1940 and 1953 became under control of the state of São Paulo, revealing conflicts and resistance by organized local Jewish community. The main street that housed the "houses of tolerance" was called Itaboca, but due to the bad reputation after the closing of the Zone a new law project imposed the change of name.

Keywords: judaism – immigration – topography – prostitution – São Paulo

Agradeço a minha Orientadora Profa. Dra. Marta Francisca Topel, pela paciência e rigor nas correções e indicações de leituras, e ao Prof. Dr. José Guilherme Magnani, por indicar novas perspectivas dentro do campo da Antropologia com sua maneira singela de compartilhar seus conhecimentos.

Dedico este trabalho aos meus avós, judeus imigrantes poloneses, corajosos mascates que conseguiram sair da Europa antes da catástrofe da Segunda Grande Guerra: Moisés Rechtman Z"l e Godel Bisker Z"l.

Introdução

“Mas o Judeu Errante é ele próprio um fantasma ‘retornante’ um visitante compulsivo que vem para nos recordar de eventos e responsabilidades passados, que de nossa parte preferíamos esquecer.”¹

O fenômeno da imigração judaica, na história da ocupação do bairro do Bom Retiro, entre as décadas de 1920 até 1950, apresenta-se como um caso que pode ser observado sob várias perspectivas. Pretendemos problematizar a categoria *imigrante judeu* e sua adaptação à vida urbana em São Paulo, assim como a estratégia de apropriação de um bairro central (do ponto de vista geográfico), porém periférico no que diz respeito a sua condição de bairro operário, repleto de cortiços e povoado por uma parcela de imigrantes. Há ligação entre a história do bairro e a passagem da comunidade judaica, que utilizou o lugar como porto seguro num período especialmente difícil para sua imigração em todo o mundo.

Note-se que, no início do século XX, as políticas de autorização para entrada de imigrantes nos Estados Unidos e na Argentina sofreram grandes restrições, e o Brasil passou a ser interessante, por não ter, até 1937, políticas claramente restritivas².

O caso do bairro do Bom Retiro representa exemplo peculiar de local de recebimento de imigrantes judeus de origem polonesa e de outros países da Europa Oriental, ambos passaram a habituar-se ao ambiente de diversidade étnica, convivendo com preconceitos e estigmas, dentro e fora da própria comunidade. Ao se estudar as relações entre esses diversos grupos, constata-se o caráter de rede de imigração, não só pela trajetória dos imigrantes judeus, como pelos processos envolvidos na formação da cidade de São Paulo, que se tornava uma metrópole.

Jeffrey Lesser³, por exemplo, discute questões vinculadas ao estigma de gueto. Entre elas, o preconceito contra o estrangeiro, o trabalho de mascate, a impressão sobre o

¹ FISCH, Harold. “A figura do Dibuk”, *In*: AN-SKI, Sch. **O Dibuk entre dois mundos** (Org. Jacob Guinsburg) São Paulo: Perspectiva, 1965.

² LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 26.

³ LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

bairro – visto pela elite paulista como periférico e estranho (e de imigrantes indesejáveis). Tal perspectiva era agravada pela presença de rufiões e prostitutas polacas na região.

Nesta pesquisa, pretendo estudar fenômenos típicos acontecidos no Bom Retiro nas décadas de 40 e 50 do século XX, a partir da análise das seguintes questões: quais foram os motivos pelos quais foi estabelecido confinamento das prostitutas pelo Estado, através de intervenção do Governo Estadual, no período de 1940 a 1953? Em que medida a tentativa de controle dos prostíbulos e das moradias das prostitutas em algumas ruas do bairro influenciou a identidade dos seus moradores? Quais foram os conflitos que ocorreram em função de tal confinamento, executado pelo interventor Ademar de Barros e mantido durante 13 anos? Como eram as relações entre os moradores de diferentes origens? A diversidade étnica foi motivo de conflitos? Houve episódios de antissemitismo? Acredito ser importante assinalar que as prostitutas consideradas não são o tema principal desta pesquisa, mas uma referência na construção da identidade dos imigrantes judeus.

A história da ocupação do bairro, em sua formação, urbanização e arruamento será objeto de estudo desta pesquisa, assim como a trajetória dos imigrantes judeus poloneses. O objetivo principal é estudar o processo de adaptação do imigrante judeu ao bairro do Bom Retiro entre as décadas de 1930 e 1950, levando em consideração as dificuldades decorrentes do estigma do qual o bairro foi “vítima”. Mais precisamente, ao longo da dissertação, tentarei descrever e analisar o estigma de bairro mal falado, devido ao confinamento da Zona do Meretrício no Bom Retiro entre 1940 e 1953.

Quando utilizo a palavra “confinamento”, estou me referindo à medida implementada pelo Interventor Federal no Estado de São Paulo, nomeado por Getúlio Vargas, Sr. Ademar de Barros. O confinamento implicava a restrição de circulação das prostitutas e dos frequentadores – brasileiros, em sua grande maioria. Existia a fama das “polacas” e das “polacas-prostitutas” com seus cafetões, respectivamente – do período anterior, na década de 1920 –, assunto fartamente pesquisado por Nachman Falbel⁴, Jeffrey Lesser⁵, Beatriz Kushnir⁶ e Margareth Rago⁷.

⁴ FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: EDUSP-Humanitas, 2008.

⁵ LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

⁶ KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras – mulheres judias e prostituição**. As polacas e suas associações de ajuda mútua. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁷ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

O primeiro capítulo trata de identificar os vários tipos de imigrantes de origem judaica, de acordo com suas procedências, identidades particularistas, suas atividades, bem como as estratégias utilizadas para confrontar e contornar as dificuldades nesse processo de adaptação às condições existentes na cidade.

O segundo capítulo aborda o bairro conhecido entre as décadas de 1940 e de 1980 como bairro judaico, principalmente pela ligação com o comércio, com a indústria de confecções, pelo estabelecimento de sinagogas e pela presença significativa de imigrantes judeus. O bairro apresenta, na sua arquitetura, os resquícios da passagem da comunidade judaica. Passagem que deixou marcas que, ainda hoje, podem ser vistas em seu território, com suas instituições, escolas, sinagogas, comércio e moradias, apesar do evidente êxodo de parte dos seus moradores, que ocuparam outros bairros da cidade.

No terceiro capítulo, é destacada a segregação e a tentativa de controle dos poderes públicos, de 1938 a 1953, para transformar as ruas do bairro num centro da prostituição da cidade, fenômeno sobre o qual há escassa documentação – sendo, portanto, muito pouco estudado.

Esta pesquisa procura o ponto de vista daqueles que frequentavam o bairro onde havia as “casas de tolerância”, ou seja, pesquisa quem eram os moradores e qual era a influência desse tipo de atuação do Estado, revelando, assim, os impactos ocorridos dentro de uma determinada comunidade.

No que diz respeito aos conceitos de periferia e centro, aqueles utilizados por Tereza Caldeira⁸ na abordagem do crescimento da cidade de São Paulo, demonstram-se anacrônicos, diante do desenvolvimento e das mudanças que ocorrem na cidade e nos indivíduos que a habitam. Nesse sentido, o Bom Retiro – bairro da cidade que, outrora, foi rural e periférico –, apesar das transformações da metrópole, continua abrigando imigrantes ou migrantes, mantendo a característica “periférica”, apesar de estar situado no centro.

Nos dias de hoje, cidadãos das mais diversas origens procuram a cidade e, em especial, o Bom Retiro, para estabelecer vínculos, criar redes étnicas e familiares, além de proporcionar renda e ascensão social através do trabalho e da educação, com a ajuda da comunidade local.

⁸ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2.ed. 1 reimp. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2008.

Para elaboração desta pesquisa empregou-se a seguinte abordagem metodológica: foram analisadas as condições atuais do bairro, através das categorias utilizadas na Antropologia Urbana. Procurou-se estabelecer parâmetros para compreender o bairro no contexto atual da cidade de São Paulo. Paralelamente, foi realizado um levantamento das fontes primárias através da imprensa (Arquivo do Estado de São Paulo, Arquivo Histórico Judaico de São Paulo; jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*; e acervo do Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo). O Museu Emílio Ribas, local do antigo desinfetório da Rua Tenente Pena, também é referência para os depoimentos orais de moradores do bairro – depoimentos escritos e pesquisados na bibliografia existente.

O impacto da modernidade na cultura judaica no bairro do Bom Retiro

Henrique Ratner já apontou a situação vivida pelo judeu imigrante dos séculos XIX e XX e o dilema entre a manutenção das tradições e as mudanças do racionalismo moderno⁹. Para muitos imigrantes, este processo de mudança também proporcionou a ruptura com as tradições familiares, isto é, com a religião, abrindo caminho para uma convivência mais intensa e diversificada para com o outro.

A necessidade em viver entre dois mundos¹⁰ faz da questão judaica um tema central na criação das cidades. No artigo “Um Dibuk entre dois mundos”¹¹, Nachman Falbel destaca a importância do trabalho etnográfico de An-Sky (Schloime Zanvil Rappaport – autor da peça teatral *O Dibuk*) por resgatar o mundo hassídico do *Rebe*, do *Tzadic*, da Torá Oral e da comunidade reunida em torno da aldeia e da presença do Mestre do Bom Nome, o *Baal Shem Tov*. Toda a riqueza cultural deste folclore estava ameaçada de extinção devido ao processo de urbanização e às mudanças ocorridas na Rússia no início do século XX. Os judeus do Bom Retiro, da primeira geração, foram os pioneiros não só na ocupação das ruas do bairro, como pela herança cultural deste mundo ídiche que eles trouxeram em sua bagagem cultural. A vida comunitária, solidária, pautada em princípios éticos e em tradições que – apesar das grandes transformações – mantiveram e sustentaram as gerações vindouras.

⁹ RATNER, Henrique. **Tradição e Mudança**. São Paulo: Ática, 1977.

¹⁰ FALBEL, Nachman. “Um Dibuk entre dois mundos”, AHJB, **Boletim do Arquivo Histórico Brasileiro** N. 48, agosto/2013 p. 6.

¹¹ FALBEL, Nachman. “Um Dibuk entre dois mundos”, AHJB, **Boletim do Arquivo Histórico Brasileiro**. N. 48, agosto/2013 pp. 5 e 6.

Edgar Morin, em *O mundo moderno e a questão judaica*, faz uma reflexão pertinente para a compreensão do papel dos judeus imigrantes:

“[...] De muitas formas o judeu gentio¹² participou da formação do mundo moderno. Singularmente ele está ligado à modernidade ocidental, para o melhor e para o pior. A diáspora foi um fator de cosmopolitismo intelectual e econômico. (...) [Os judeus] alimentaram também os sonhos emancipadores da humanidade e carregaram em si não a esperança em outro mundo celeste, mas a aspiração, amiúde ardente, a um mundo terrestre diferente.”¹³

Entretanto, o papel do judeu na cidade moderna sofreu grandes transformações e seu status de minoria étnica de origem estrangeira mudou. Paradoxalmente, se o imigrante que chegou à cidade de São Paulo no início do século XX tentou por diferentes estratégias assimilar-se à sociedade maior, ao participar do processo de secularização do judaísmo e da sociedade maior, hoje observamos um fenômeno oposto: a concentração de judeus em bairros étnicos e a escolha pelo particularismo judaico. Diferentes estratégias de ocupação do espaço urbano na atualidade revelam uma “judaização do espaço urbano”¹⁴ em bairros como Higienópolis, Cerqueira César e no próprio Bom Retiro, onde ruas mudam de nome e a presença de judeus ortodoxos é marcante e demarcada.

¹² Termo usado pelo autor para identificar os judeus seculares assimilados.

¹³ MORIN, Edgar. **O mundo moderno e a questão judaica**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006 p. 176.

¹⁴ TOPEL, Marta. “O *eruv* na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil: novas estratégias de demarcação do espaço judaico”. **Cadernos de língua e literatura hebraica**. n.10, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cilh/article/view/53661/57624>, acesso em 08/11/2014.

Capítulo 1

Teorias da imigração

É necessário um diálogo entre as várias formas de estudar o fenômeno da imigração para estabelecer parâmetros abrangentes que deem conta de entender tal processo de maneira mais ampla.

Nesse sentido, destacam-se a Escola Francesa – marxista, por excelência; macroestrutural; ligada ao materialismo histórico e à luta de classes¹⁵ – e a Escola de Chicago, com uma enorme contribuição vinda da sociologia que muito influenciou o período de efervescência de grandes movimentos migratórios do início do século, no sentido de explicar e, principalmente, de buscar uma adaptação social para os imigrantes nas grandes cidades norte-americanas. A visão americana ganhou outras importantes contribuições interdisciplinares, com a contribuição da História e com destaque para as pesquisas da Universidade de Harvard.

O fenômeno também foi analisado a partir do materialismo histórico, sob a perspectiva de teorias de atração e repulsão, porém, tais linhas já foram muito contestadas por se mostrarem insuficientes para explicar a realidade, que é mais complexa e heterogênea. Outras teorias históricas também foram elaboradas, sob um ponto de vista estrutural, capaz de abarcar sociedade, cultura e religião.

A partir da década de 1980, com a mudança dos fluxos migratórios, as teorias clássicas passaram a ser revistas, uma vez que era necessário buscar novas ideias para dar conta de novos processos.

O que é um imigrante?

A partir das palavras do sociólogo argelino Abdelmalek Sayad, que imigrou para a França na década de 50, algumas características básicas servem como esboço para uma definição da categoria imigrante:

¹⁵ HOBBSAWN, Eric. **A era do capital 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

“[...] estado indefinido e a dupla contradição caracterizam a figura do imigrante, dissimulado em sua situação temporária de transição, provisório inclusive na esfera do direito”¹⁶.

O autor complementa que o imigrante é, antes de tudo, um trabalhador, refém da expansão econômica que precisa de mão de obra permanente e numerosa. Na década de 1950, existia a ilusão da durabilidade do lugar do imigrante – porém, à margem da sociedade. Sua presença, mesmo com o custo e com o discurso político favorável ou contrário, era tida como incontestável – ideia partilhada pelos próprios imigrantes.

Criando novas concepções etnográficas e transformando as ciências sociais, Sayad afirma que as mudanças das condições econômicas colocaram em xeque a posição do imigrante. Este, legitimamente, ultrapassou seu campo de atuação, provocou conflitos e novas políticas de imigração, com leis mais rígidas – tal contexto conferiu o caráter provisório ao *status* de imigrante.

O saldo para o investidor da metrópole deve sempre ser positivo, ao passo que os custos da mão de obra devem ser sempre reduzidos: moradia, saúde e educação são gastos indesejáveis para um Estado preocupado apenas com o cidadão natural (nascido no país). Nos períodos de crise econômica, reforçamos a teoria que liga imigração ao trabalho, apesar de todo custo social envolvido. O imigrante é uma força de trabalho temporária, em trânsito, revogável. Esse discurso sobre o desemprego, para Sayad, confunde-se com o discurso sobre o imigrante, pois foi o trabalho que fez com que este nascesse, e existe um mercado de trabalho para o imigrante. Daí a conclusão: “ser imigrante e desempregado é um paradoxo”¹⁷, pois imigrante e trabalho são quase um pleonasma.

A questão ideológica é reforçada pela ação civilizatória. Sayad analisa as questões ligadas à adaptação a um mundo que discrimina através do etnocentrismo.

Entretanto, no que diz respeito aos imigrantes judeus que ocuparam as ruas do bairro do Bom Retiro no início da década de 1920, percebemos que eles tinham uma visão diferente do processo migratório. Eles não possuíam boas relações com os países de origem – na Europa Oriental sempre houve perseguições e privações – por isso também alimentavam grandes esperanças quanto ao local de destino.

¹⁶ SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998. p. 174-175.

¹⁷ *Idem*, p. 176.

A imigração em massa ocorrida nos séculos XIX e XX atraiu a atenção da sociologia e da antropologia. A Escola de Chicago esteve à frente desses estudos, desde a década de 1920, procurando não só entender e explicar, mas propor soluções para o seu próprio meio, pois a industrialização havia atraído em ritmo frenético, não só imigrantes da Europa e da Ásia, como também migrantes vindos dos êxodos rurais norte-americanos para os centros urbanos do país. Toda bagagem da Escola de Chicago é uma grande referência para os estudos sociológicos – e da imigração, em particular. Para entendê-la, é preciso compreender as posturas anteriores desse verdadeiro paradigma da sociologia e, conseqüentemente, dos estudos da imigração.

Richard Alba alega que as críticas à teoria da assimilação – como racista, reducionista e anacrônica – não a tornam totalmente descartável, e ela, portanto, não está perdida no contexto das novas imigrações¹⁸. Apesar do racismo (e etnocentrismo, ao se privilegiar os protestantes de língua inglesa), os mecanismos de adaptação apontados ajudam a entender o fluxo migratório.

Ainda segundo a crítica de Richard Alba, os imigrantes vindos da Europa em direção aos Estados Unidos, no final do século XIX e início do século XX, experimentaram uma “janela no tempo”, na qual foi possível associar “assimilação” a “mudança social”¹⁹. Foi um tempo de oportunidades para imigrantes que conquistaram espaço numa sociedade em formação. Entretanto, os movimentos migratórios da segunda metade do século XX até os dias de hoje têm como elemento principal a dificuldade na assimilação, apesar dos casos de relativo sucesso dos mexicanos e dos judeus russos. Existe uma notável diferença entre as eras. Um hiato enorme ocorreu na política de imigração da década da depressão, quando houve uma mudança também nas formas de assimilação. Atualmente, vivemos nesse mesmo hiato, onde políticas federais contrárias à imigração são a base das mudanças com maiores restrições e barreiras.

A Escola de Chicago revolucionou a forma de olhar o outro, pois passou a levar em consideração a realidade e a cultura dos imigrantes. A teoria da assimilação foi substituída pelo conceito de etnia, emprestado dos antropólogos.

A superpopulação causada pelo fenômeno da imigração em massa mobilizou os países com maior capacidade e espaço para se tornarem grandes locais de destino. Os

¹⁸ ALBA, Richard & NEE, Victor. "Rethinking assimilation theory for a new Era of immigration". *In: International Migration Review*, v. 31 p. 826-874, 1997.

¹⁹ *Idem, ibidem.*

Estados Unidos tiveram de desenvolver rapidamente formas de controle sobre esse fluxo. A Escola de Chicago deve ser entendida nesse contexto e sua influência também.

Membros da primeira geração da Escola de Chicago, Robert Ezra Park²⁰ e Burgess²¹ também contribuíram para as mudanças de paradigma nas formas de estudar o processo imigratório. As teorias de Burgess procuravam entender a ocupação espacial da cidade e os diversos mecanismos de poder envolvidos nesse processo (“as cidades como regiões morais”).

Segundo Park, o caso dos judeus era diferente quando comparado a outros povos. Os judeus não eram um povo subjogado, não foram colocados como uma casta inferior²². Na vida nos guetos, eles preservaram suas tradições e sua cultura e, muitas vezes, sua independência política. O judeu que deixou o gueto não escapou. Ele desertou e tornou-se aquele execrável sujeito: o apóstata. A relação entre o gueto judaico e a comunidade em que ele vivia – e, em alguns casos, ainda vive – é mais uma simbiose, ao invés de uma socialização.

“Quando os muros do gueto medieval caíram e ao judeu foi permitido participar da vida cultural, aparece um novo tipo de personalidade, nomeada cultura híbrida, uma vida cultural de duas pessoas distintas [...] ele era um homem à margem entre duas culturas e duas sociedades que nunca se interpenetraram ou se fundiram. [...] O judeu emancipado era e é historicamente e tipicamente o homem marginal, o primeiro cidadão do mundo cosmopolita [...]”²³

No início do século XX, havia um grande esforço de regulamentação das características indesejáveis do desenvolvimento urbano, baseadas no darwinismo social, que pretendia combater as patologias sociais criadas com o desenvolvimento das cidades no final do século XIX. Porém, como bem observou Robert Park, “as mansões podem se transformar em pensões”²⁴

²⁰ PARK, Robert Ezra. “Human migration and the marginal man”. *In: American journal of Sociology*, v. 33, n. 6, p. 881-893, May 1928.

²¹ BURGESS, Ernest W. “The Growth of the City: An Introduction to a research project”. *In: Urban Ecology*, 2008, p. 72. Disponível em http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-387-73412-5_5#page-2, acesso em 17/11/2014.

²² PARK, Robert Ezra. “Human migration and the marginal man”. *American journal of Sociology*, v. 33, n. 6, p. 881-893, May 1928.

²³ *Idem, ibidem.*

²⁴ *Idem, ibidem.*

Imigrantes ilegais e indesejáveis

Até o momento analisamos a imigração legal, ou seja, a imigração pela porta da frente, pessoas que vinham e depois traziam seus familiares ou não, porém, dentro da legalidade. Neste contexto cabe analisar também a imigração ilegal de indivíduos que entravam no país de forma clandestina. Era esse o caso dos rufiões e das prostitutas?

A obra de Edward Bristow, *Prostitution and Prejudice*²⁵, pode esclarecer alguns aspectos deste movimento tão pouco estudado devido à escassez das fontes e a dificuldade de estudar um fenômeno desenvolvido às escondidas, com códigos próprios de conduta onde o sigilo muitas vezes é a alma do negócio.

Assim, segundo Edward Bristow, podemos estabelecer entre 1860 e 1870 o período de criação da estrutura para administração dos bordéis e a facilitação da prostituição em larga escala comercial. Rotas domésticas de abastecimento foram inseridas entre os bordéis e as rotas internacionais foram estabelecidas. Algumas questões levantadas por Bristow são centrais para compreender a dinâmica deste fenômeno:

“Antes que possamos definir o comércio sexual imoral judeu, entretanto, é necessário um olhar para o todo. Qual era a extensão do comércio imoral naquele tempo? Por que a prostituição, em última análise, se tornou multinacional e migratória? Quais grupos além dos judeus participaram do comércio intercontinental de mulheres? E o que exatamente as pessoas querem dizer com o termo “escravidão branca” afinal?”²⁶

As questões colocadas são importantes para entender como as polacas foram para Rio de Janeiro e São Paulo. O autor destaca que no final do século XIX a prostituição comercial mudou, pois as rotas de abastecimento se alongaram e o tráfico se tornou internacional. Havia diversas razões para isso. Por um lado, a popularidade dos bordéis enfraqueceu entre a clientela e as integrantes, ambas começaram a achá-los confinadores. Em todo o lugar da Europa o número de bordéis diminuiu drasticamente. Entre 1868 e 1893 o número de bordéis licenciados em Odessa caiu de 76 para 16; entre 1889 e 1908 a quantidade de bordéis certificados em Varsóvia caiu de 17 para 8. Em Paris, entre 1840 e 1900, a queda foi de 140 para 50. Naturalmente havia casas clandestinas nestes lugares.

²⁵ BRISTOW, Edward J. **Prostitution and Prejudice: the jewish fight against white slavery, 1870-1939**, Oxford: Clarendon Press, 1982.

²⁶ *Idem*, p. 17.

Porém houve uma mudança na sensibilidade e o comércio imoral estava se deslocando para apartamentos, tabernas e cabarés.²⁷

“Essa mudança de gosto apertou os lucros do comércio sexual, em relação ao que era na escala econômica de um grande bordel. Felizmente para os empreendedores, o desequilíbrio entre os gêneros em outros continentes por causa da emigração desproporcional de homens europeus significava que havia demanda por prostitutas no exterior. O navio a vapor e o telégrafo tornaram possível responder à nova situação do mercado. Há um estranho paralelo entre a crise real da prostituição comercial e à alegada crise do capitalismo no mesmo período, ambas resolvidas pela expansão marítima.”²⁸

A imigração forçada das chamadas escravas brancas (brancas, por se tratar de suposta legalidade aos olhos dos agentes dos Estados Nacionais envolvidos) será tratada no terceiro capítulo.

A imigração de judeus a São Paulo

Os pioneiros

Vários são os motivos que provocam o deslocamento de um grupo de pessoas de um lugar a outro, porém dois motivos se destacam: a procura de novas oportunidades para adquirir os bens e o prestígio social de difícil acesso no país de origem e a insegurança física devido a perseguições e intolerância. Os judeus podem ser incluídos nos dois casos. A leva de imigrantes judeus em São Paulo é decorrência das levadas migratórias que ocorreram da Europa Oriental (Polônia, Rússia e Bessarábia) no final do século XIX e início do XX. Fugindo dos *pogroms*, da miséria e da estagnação econômica nessas regiões, os judeus abandonaram seus países de origem dirigindo-se maciçamente para “o país das grandes oportunidades econômicas e da democracia liberal” – a América, identificada como os Estados Unidos. Raros eram os judeus que chegavam ao Brasil neste período inicial. Ao final do século XIX, os que chegaram e se distribuíram pelo Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Paraná, Minas e São Paulo pareciam movidos por iniciativa

²⁷ BRISTOW, Edward J. **Prostitution and Prejudice: the jewish fight against white slavery, 1870-1939**, Oxford: Clarendon Press, 1982.

²⁸ *Idem, ibidem.*

própria, sem muitas pretensões de se fixarem no país. Quase todos eram solteiros, homens e desacompanhados de família. Vinham para ganhar algum recurso e, em muitos casos, o anseio era voltar aos lugares de origem. No início do século XX, entre 1905 e 1929, a situação mudou devido às restrições à imigração impostas pelo governo americano. Neste período aumentou significativamente a ida de imigrantes para Argentina e, em menor número, para o Brasil, abrindo um caminho para a estruturação da comunidade judaica paulistana que teria outras ondas de imigração da mesma origem no final da década de vinte e no período pós segunda guerra.

Em entrevista à Revista *Shalom*²⁹, o Dr. Rodolfo Schreiber, que em 1975 já morava no bairro do Bom Retiro há quarenta anos e era considerado pela reportagem da Revista *Shalom* “uma página viva da História do bairro do Bom Retiro e da comunidade judaica”, afirma:

“Eles [judeus imigrantes pioneiros] chegaram em pequeno número lá pelos idos de 1905, vindos da Bessarábia, Ucrânia, Lituânia e outras cidades, onde era grande o número de judeus. Seus nomes eram Klabin, Gordon, Tabacow, Lafer, Lichtenstein, Nebel, Noslasky e alguns outros mais. Vinham com suas famílias com seus trastes, diretamente de um país semi-medieval – a Rússia Czarista – para se instalar em uma São Paulo recém-desperta de seu sono colonial [...] assim que sentiram que as condições do novo país eram favoráveis, passaram a chamar – por carta – seus amigos e parentes. É assim se estabeleceram os elos da nova corrente imigratória que irão funcionar com intervalos até a década de 1950.”³⁰

Segundo o artigo, o bairro era de imigrantes. O italiano predominante até a década de 1940 foi substituído gradativamente em pouco tempo pelo “reinado judaico”. As autoridades governamentais indicavam o bairro quando se tratava de instalar novos imigrantes. A fama do bairro vinha desde o final do século XIX quando para lá se dirigiu um grande contingente de imigrantes operários italianos. O antigo nome da Rua José Paulino era Rua dos Imigrantes. Para lá foram os primeiros judeus, seguindo o rastro dos pioneiros italianos.

²⁹ **SHALOM, Revista.** Edição de Novembro de 1975, entrevista com Rodolfo Schreiber, p. 43.

³⁰ *Idem, ibidem.*

Shreiber acrescenta que a proximidade com a Estação da Luz foi outro fator que influenciou a fixação dos judeus no Bom Retiro. Literalmente:

“O Judeu entrava em São Paulo pelo porto de Santos, onde frequentemente era esperado por outro judeu. Atrapalhado com suas malas e baús e não conhecendo o idioma, o espantado e recém-chegado era conduzido para uma pensão, a dos Brickmans, que se incumbia de oferecer a primeira refeição em terras brasileiras. Alimentado, o judeu era colocado num trem da Santos-Jundiaí e ia dar na parada final, a Estação da Luz. Aí era recebido por outros judeus, amigos ou parentes, e era conduzido à casa destes. Se não houvesse parentes para alojá-lo acabaria se instalando ali pelas redondezas mesmo, devido à simples precariedade dos caminhos que ligavam a Luz a outros pontos da cidade e à ausência absoluta de meios de transporte. Assim como hoje [1975] proliferam as pensões em torno das estações de trem (da Luz e do Brás) para acomodação do migrante nacional, o nordestino, naqueles idos 1910 e 1920 as pensões viviam em função do imigrante.(...) no encontro da Rua Silva Pinto com a José Paulino. Era no Bar do Jacó que o recém-chegado fazia suas alimentações e que, na falta de recursos, deixava para pagar depois”.³¹

Mais tarde, com o aumento da imigração e quando já haviam surgido as primeiras instituições judaicas de caráter comunitário, como a Ezra- Sociedade Israelita Amigos dos Pobres (1916), tentou-se organizar melhor o acolhimento aos imigrantes.

Adolfo Berezin, em *História da Ezra*, relata a seguinte característica da imigração judaica ao Bairro e o papel da organização Ezra:

“Ao mesmo tempo providenciou-se o aluguel de um armazém, onde eram guardadas as bagagens dos imigrantes até que os mesmos encontrassem morada própria”. A Sociedade Ezra atendia desde a chegada do imigrante no Porto de Santos até São Paulo, onde eram acomodados em pensões, com despesas pagas pela Ezra, ou em casas de parentes, recebiam auxílio financeiro e encaminhados a empregos e a cursos de português. Dos 680 imigrantes que passaram pela Ezra no ano de 1928, 425 conseguiram em curto espaço de tempo reorganizar suas

³¹ SHALOM, Revista. Edição de Novembro de 1975, entrevista com Rodolfo Schreiber, p. 43.

vidas. Os que tinham ofício especializado recebiam material para trabalhar imediatamente. Mais de 68 famílias foram encaminhadas para outros Estados através da Ezra no ano de 1928.”³²

No início, os que mais conheciam a língua ensinavam o essencial aos que desconheciam. Mais tarde, a Ezra passou a ministrar cursos noturnos para os vendedores. As atas da Ezra se encontram no Arquivo Histórico Judaico de São Paulo e revelam os detalhes, tanto da ajuda financeira, como da lista com nome e sobrenome de imigrantes que participavam do curso de língua portuguesa, além das reuniões da diretoria e suas deliberações. Portanto, proporcionar casa, trabalho, móveis, cursos, dinheiro, empréstimos foi o modo em que os judeus já estabelecidos procuraram ajudar os novos imigrantes.

Mas o que um recém-chegado num país totalmente estranho podia fazer para ganhar dinheiro até dominar o português de forma eficiente?

Mascatear. Tornaram-se vendedores de bens de consumo necessários para o suprimento da população local. *Klientelchik* era a forma ídiche para designar o mascate, “judeu da prestação” era como o chamavam seus clientes não judeus. Mala nas costas, o *Klientelchik* ia de casa em casa, procurando vender às “donas Marias” brasileiras o seu produto. Alguns passaram a fabricar mercadorias manufaturadas em casa com a ajuda da família.

Gradativamente os negócios melhoraram e os primeiros *Klientelchik* já não eram mais ambulantes: compraram máquinas para produzir mercadoria que vendiam em suas próprias lojas. Passaram a empregar novos imigrantes para visitar sua freguesia ou trabalhar na confecção. Vendia-se, inclusive, “a clientela”, ou melhor, os cartões com endereços dos clientes. E como na maioria dos casos, era o judeu que vendia para outro judeu, mais pobre, o pagamento em prestações era o meio mais fácil de obter esses cobiçados cartões.

Concluindo, o artigo a Revista *Shalom* afirma:

“O que se destaca dessa primeira fase de adaptação dos judeus em São Paulo é o seu sentido de organização comunitária. Essa organização é a

³² **SHALOM, Revista.** Edição de Novembro de 1975, entrevista com Rodolfo Schreiber, p. 43.

resposta às necessidades de um grupo que procurava assegurar sua sobrevivência num ambiente estranho, às vezes hostil”³³

Percebemos desde a década de 1920, a vinda de judeus que têm a tradição de pertencer às primeiras gerações de imigrantes desta nova era. Nachman Falbel, Jeffrey Lesser, Maria Luiza Tucci Carneiro, Henrique Ratner, Eva Blay e Sarah Feldman, também estudaram tal fenômeno, destacando a importância e a particularidade do imigrante judeu do século XX. Porém, além da dificuldade natural da adaptação do imigrante, havia mudanças na política do Estado após a Revolução de 1930 e a Guerra Civil de 1932. O controle da entrada de estrangeiros durante o Estado Novo classificava os judeus como “imigrantes indesejáveis”³⁴.

Um artigo publicado por Fábio Koifman coloca a dimensão histórica de um período delicado para as populações do mundo – fascismo e nazismo, no final da década de 1930, na Europa; e o Brasil com a ditadura Vargas, que nutria grandes simpatias pelos regimes totalitários:

“Enquanto isso, no Brasil, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), intensificaram-se as políticas restritivas à imigração. Essas medidas de controle da entrada de estrangeiros atingiram diretamente os judeus e eram apresentadas ao público como fundamentais para reforçar os valores e ideais de nação. Já em um discurso feito em 1930, quando ainda era candidato à Presidência, Vargas afirmou: ‘Durante muitos anos, encaramos a imigração exclusivamente sob os seus aspectos econômicos imediatos; é oportuno entrar a obedecer ao critério étnico, submetendo a solução do problema do povoamento às conveniências fundamentais da nacionalidade’”³⁵.

As elites dominantes estavam à procura de imigrantes para substituírem a mão de obra, e a política de branqueamento da população era explícita. A densidade demográfica do Brasil era muito baixa, e havia espaço em todo o imenso território. O eugenismo era defendido por vários intelectuais de peso, baseados nas ideias de Renato Khel, como as

³³ SHALOM, *Revista*. Edição de Novembro de 1975, entrevista com Rodolfo Schreiber, p. 49.

³⁴ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Antissemitismo na Era Vargas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

³⁵ KOIFMAN, Fábio. “Seleção questionável: o controle da entrada de estrangeiros durante o Estado Novo classificava os judeus como imigrantes indesejáveis”. In: *Revista de História*. Rio de Janeiro, 19 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/selecao-questionavel>>. Acesso em: 26/06/2012.

conhecidas figuras de Monteiro Lobato e Afonso Arinos³⁶. Portugueses e nórdicos seriam os povos de preferência. Havia os indesejáveis: orientais, negros, indígenas, judeus, assim como os portadores de deficiências físicas congênitas ou hereditárias, os doentes físicos ou mentais, além de homens e mulheres fora da idade reprodutiva³⁷. Segundo Fábio Koifman:

“A Constituição de 1934 trouxe as primeiras restrições. Como naquele período os judeus imigravam de várias nações, com a vigência do novo sistema, israelitas de diferentes origens entraram no Brasil dentro das cotas de suas respectivas nacionalidades. A partir de 1935, ano do Levante Comunista, o governo Vargas intensificou o controle policial interno dos estrangeiros e determinou que a legislação relacionada à entrada de imigrantes fosse aprimorada”³⁸.

Mesmo com todo aparato estabelecido com o objetivo específico de restringir a entrada de judeus no Brasil durante o Estado Novo, o país recebeu cerca de nove mil judeus no período considerado crítico, isto é, entre 1938 e 1941. Segundo Koifman:

“[...] boa parte dessas entradas esteve relacionada a três fatores principais. O primeiro foi a brecha estabelecida nos últimos meses de 1938, possibilitando a concessão de vistos a parentes até segundo grau de judeus já residentes no Brasil. O segundo foi a boa vontade de alguns diplomatas brasileiros para conceder vistos mesmo à revelia das instruções, dos quais o mais expressivo foi o embaixador na França, Luiz Martins de Souza Dantas. Por fim, judeus que lograram entrar no Brasil não evidenciando a condição de israelitas. Considerando o montante de centenas de milhares de judeus saídos da Europa na época e o enorme contingente que bateu às portas das representações brasileiras naquele continente e recebeu visto, o número de imigrantes israelitas foi relativamente pequeno. O total de judeus que veio para o Brasil não superou os recepcionados pela Argentina e foi mais de dez vezes inferior

³⁶ LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 175.

³⁷ MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis**: desclassificados da modernidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

³⁸ KOIFMAN, Fábio. “Seleção questionável: o controle da entrada de estrangeiros durante o Estado Novo classificava os judeus como imigrantes indesejáveis”. In: **Revista de História**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/selecao-questionavel>>. Acesso em: 26/06/2012.

ao número de refugiados que foram para os Estados Unidos no mesmo período”.³⁹

O imigrante judeu polonês tradicional, vindo do *shtetl*, da geração posterior à Primeira Guerra, geralmente falava ídiche em sua casa. Isaac Bashevis Singer⁴⁰ conta que, na Polônia, era proibido falar a língua dos gentios em casa. Porém, nas grandes cidades, como Varsóvia ou Cracóvia, muitos judeus falavam o polonês. Normalmente, as mulheres falavam as línguas vernáculas e não precisavam estudar a língua sagrada, pois os estudos eram restritos aos homens. Contudo, o ídiche era a língua falada na maioria das casas dos imigrantes, e já a primeira geração dos filhos que, em São Paulo, tiveram a oportunidade de participar da universalização do ensino escolhia tanto escolas judaicas como estaduais e privadas, nas quais se falava o português. Através da língua e da continuidade do processo de secularização, houve a mudança cultural e a transformação dos padrões de comportamento.

A questão da língua constitui um diacrítico importante para perceber as diferenças entre as várias “turmas” da comunidade do bairro. Os conflitos ideológicos intensificaram-se depois da criação do Estado de Israel; porém, desde a década de 1920 havia a ideologia sionista, também de vários matizes e divisões, e o hebraico iniciava seu retorno como língua falada, tanto nas comunidades da Palestina como nas comunidades numerosas da diáspora.⁴¹

A constituição do Estado de Israel como pátria nacional do povo judeu trouxe o dilema relativo à língua que seria adotada, e a escolha do hebraico colocou o ídiche como uma língua do passado e a estigmatizou, enquanto língua da diáspora. Essa postura funde a questão mais profunda da identidade judaica, tão ligada às leis, à existência dos judeus e de Israel. Verdadeiro paradigma, a comunidade judaica também no bairro do Bom Retiro dividiu suas opiniões, e, após uma geração, o ídiche caiu no esquecimento, muitos falavam português em casa.

A língua ídiche, embalada pela imprensa dos jornais, folhetos e livros trazida na bagagem de imigrantes de toda a América, sucumbiu à modernidade, apesar do teatro

³⁹ KOIFMAN, Fábio. “Seleção questionável: o controle da entrada de estrangeiros durante o Estado Novo classificava os judeus como imigrantes indesejáveis”. In: **Revista de História**, Rio de Janeiro, 19 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/selecao-questionavel>>. Acesso em: 26/06/2012.

⁴⁰ SINGER, Isaac Bashevis. **No tribunal do meu pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁴¹ BAROCAS, Ester. “A língua hebraica? Vai bem, obrigada, pelo menos por enquanto...” In: **Cadernos de língua hebraica**. Vol. 5 São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2006, pp.29-63.

ídiche e de alguns jornais em ídiche continuarem florescendo⁴². Porém as razões para a morte da língua ídiche tem imediata relação com o massacre nazista de comunidades inteiras falantes do ídiche e com a guerra das línguas em Israel.

Importante é salientar e compreender a mentalidade da segunda geração, ou seja, dos filhos dos imigrantes judeus em São Paulo, que negam boa parte da tradição de seus pais e se identificam com a tendência geral de secularização de toda a sociedade.

Afirmando a identidade brasileira, esses judeus, optaram por torcer pelo Corinthians ou São Paulo, escutar Francisco Alves ou Ângela Maria, ir a um bom cinema da cidade, viver uma vida comum de um paulistano de classe média, comprar seu carro, ter sua casa própria, abrir um negócio, ser médico, engenheiro ou advogado. Outros, de caráter mais revolucionário, tomaram rumos diferentes. Alguns se tornaram comunistas; outros, sionistas, imaginavam uma sociedade livre de toda a herança “capitalista” – sonhavam com uma utopia e lutavam para transformar a realidade.

O movimento que pregava a imigração de todos os judeus para a Palestina, chamado de sionismo, teve forte presença no bairro do Bom Retiro, como veremos posteriormente. Muitos movimentos juvenis sionistas tinham suas sedes no bairro. Em *Os fragmentos de memórias*, de Avraham Milgram⁴³, depoimentos demonstram o caráter peculiar desse grupo muito pouco conhecido: judeus brasileiros que seriam protagonistas de mais uma jornada emigratória rumo ao sonho do kibutz, em Israel pertencentes ao movimento sionista socialista *Dror* (atualmente *Habonim Dror*), fundado em 1945. A atmosfera do Estado Novo e a iminente criação do Estado de Israel são o pano de fundo da decisão de alguns veteranos – à época, jovens. Nos depoimentos, percebemos as singularidades e os detalhes subjetivos que nos ajudam a compreender um movimento emigratório peculiar.

Jovens brasileiros da segunda geração, que haviam abandonado os estudos nas universidades, criaram uma fazenda modelo em Jundiáí, um kibutz no interior de São Paulo, em plena era Vargas.

A maioria dos depoentes tem origem na Europa Oriental, muitos chegaram com os pais ao Bom Retiro, e todos apontam a atuação no movimento juvenil como marcante em

⁴² Ver WALDMAN, Berta. **O teatro ídiche em São Paulo**: memória. Introdução de Jacob Guinsburg. São Paulo: Casa Guilherme de Almeida; Annablume, 2010; e FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil**: estudos e notas. Humanitas/Edusp, 2008.

⁴³ MILGRAM, Avraham (Org.). **Fragmentos de memórias**. São Paulo: Imago, 2010.

suas vidas. Todos eram judeus e muitos moravam no Bom Retiro: Paul Singer, economista fundador do PT; Bernardo Cymeryng, morador do kibutz *Bror Chail* e, por muitos anos, secretário-geral da *Histadrut* (Central Geral dos Trabalhadores de Israel); Evyatar Friesel e outros⁴⁴.

A criação do Estado de Israel e o movimento migratório dos judeus de todo o mundo atingiram a comunidade judaica brasileira; entretanto, não houve uma emigração maciça de brasileiros para Israel. Os sionistas, apesar do apelo sentimental e das imposições ideológicas, não eram a maioria – em São Paulo e no Brasil –, mas a experiência em movimentos juvenis foi fundamental para a unidade da comunidade, demonstrando os antagonismos, as diversas posições e grupos que a dividiam. Durante muitos anos, as colônias de férias dos movimentos juvenis tiveram importância vital na formação das crianças e jovens. A existência de vários tipos de movimentos juvenis demonstra, mais uma vez, as diversas posturas culturais dentro da mesma comunidade.

As Sinagogas e as instituições chamadas religiosas sempre marcaram presença no Bairro. Além da Sinagoga *Kehilat Israel*, na Rua da Graça, da Sinagoga *Talmud Torah*, na antiga Rua Tocantins, atual Rua *Talmud Torah*, já citadas, havia outras sete no total de nove: cada uma com sua congregação e suas particularidades. Muitas eram pequenas e modestas, mas em seu entorno ocorriam intensas atividades, festas e rituais religiosos através de trabalho voluntário. Havia também muitas obras assistenciais, pois surgiram muitas instituições a partir do *Shil*⁴⁵ de cada comunidade.

Bom Retiro: Porto Seguro

A teoria das redes sociais de imigração pode ser aplicada integralmente no caso dos judeus do Bom Retiro. Apesar das diversas procedências (entre as quais se destacam *ashkenazitas*⁴⁶ de diferentes regiões da Europa e *sefaraditas*⁴⁷), das divisões ideológicas e das políticas restritivas do governo brasileiro, percebemos a importância das instituições judaicas na ajuda aos imigrantes, antes e depois das catástrofes da segunda guerra. A religião contribuiu como fator de aglutinação na primeira fase da imigração, porém,

⁴⁴ MILGRAM, Avraham (Org.). **Fragmentos de memórias**. São Paulo: Imago, 2010.

⁴⁵ *Shil* é o nome em ídiche para Sinagoga.

⁴⁶ *Ashkenazitas* (ou *asquenazitas*), judeus da Europa Central e Oriental.

⁴⁷ *Sefaraditas* (ou *sefarditas*), judeus saídos da Espanha (*Sfarad*) que imigraram a partir da expulsão dos judeus (1492) para a África do Norte e Oriente Médio.

muitos já eram secularizados, e as ligações interfamiliares, a necessidade de procurar um lugar onde houvesse meios de subsistência e a propaganda feita pelos agentes da imigração foram centrais nesse processo, assim como as instituições apontadas por vários autores como Nachman Falbel, Jeffrey Lesser, Roney Cytrynowicz.

Não há espaço para dúvidas no fato de que o trabalho e a rede de mascates formada desde o interior até a capital paulista tornaram a imigração financeiramente possível. Foi esse dinheiro, somado à ajuda de algumas instituições, que pagou as passagens dos familiares que haviam ficado na Europa. Havia uma Agência Judaica que providenciava ajuda econômica e passagens para salvar judeus de todo o mundo.

A Unibes⁴⁸, sucessora da Ezra, continua funcionando até os dias de hoje prestando ajuda a judeus considerados pobres e à população do bairro no qual está sediada – na Rua Rodolfo Miranda, divisa do Bom Retiro com a Ponte Pequena.

As escolas judaicas – como o colégio *Talmud Torah*, da Rua Tocantins, e o Renascença, da Rua Prates, assim como, posteriormente, o *Sholem Aleichem*, na Rua Três Rios – tiveram fundamental importância na continuidade da vida comunitária. O delicado equilíbrio entre a adaptação à sociedade maior e a manutenção das tradições judaicas, até hoje, provocam discussões dentro da comunidade⁴⁹.

O estigma de ser judeu polonês morador do Bom Retiro existiu dentro e fora da comunidade. Peculiar, esse preconceito velado através de piadas e de discursos de intolerância generalizada atingia os judeus de origem humilde, que tiveram de lutar e provar o seu valor, num bairro onde havia uma zona de meretrício. Conforme passavam por um processo de ascensão social, os italianos, portugueses e os próprios judeus abandonavam o bairro, o gueto estigmatizado, e procuravam lugares mais nobres da cidade.

As pesquisas demográficas realizadas por Rene Decol apontam subsídios para o melhor entendimento do movimento migratório dos judeus no Brasil e sua distribuição posterior na cidade de São Paulo.⁵⁰ Ademais, pode-se observar uma tabela que revela a

⁴⁸ União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social, fundada em 1915.

⁴⁹ Durante meio século, o Bom Retiro e suas ruas serviram como reduto judaico. Posteriormente, acolheu e continua oferecendo seu espaço e sua estrutura para novos imigrantes do final século XX e início do XXI – basicamente, coreanos, bolivianos e migrantes nordestinos.

⁵⁰ DECOL, Rene. “População judaica no Brasil: um estudo demográfico”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol.16. n. 46.1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a08v1646.pdf> . Acesso em 07/04/2014.

quantidade de imigrantes de origem judaica em determinado período de aumento do fluxo migratório.

No quadro a seguir, observa-se a comparação entre o fluxo migratório judaico para o Estado de São Paulo e sua distribuição posterior nas áreas distritais da cidade de São Paulo.

Tabela 10. Imigrantes judeus residentes no Estado de São Paulo, por data de chegada e região/continente de origem, de acordo com o cadastro da Federação Israelita -- 1979

Período	Região/Continente de origem										Total	
	Europa Oriental (1)		Ásia		Europa Central (2)		América		Europa Meridional/Ocidental (3)			
1901-1910	10	0,1%	3	0,1%	1	0,1%		0,0%	5	0,8%	19	0,1%
1911-1920	171	2,3%	26	0,8%	9	0,5%	21	2,4%	9	1,5%	236	1,7%
1921-1930	1.688	23,0%	90	2,9%	85	4,8%	31	3,5%	26	4,2%	1.920	14,0%
1931-1940	2.084	28,4%	54	1,7%	1.116	63,6%	27	3,0%	122	19,7%	3.403	24,8%
1941-1950	868	11,8%	38	1,2%	210	12,0%	52	5,9%	97	15,7%	1.265	9,2%
1951-1960	2.037	27,8%	2.051	65,6%	265	15,1%	274	30,9%	301	48,6%	4.928	35,9%
1961-1970	467	6,4%	689	22,0%	65	3,7%	406	45,7%	48	7,8%	1.675	12,2%
1971-1979	9	0,1%	177	5,7%	4	0,2%	77	8,7%	11	1,8%	278	2,0%
Total	7.334	100%	3.128	100%	1.755	100%	888	100%	619	100%	13.724	100%
% do total	53,4%		22,8%		12,8%		6,5%		4,5%		100%	

Fonte: Suzana P. Taschner e René Decol, População judaica no Brasil: um estudo demográfico – projeto de pesquisa (mimeo, 1992).

(1) Polônia, Romênia, Rússia, Hungria, Lituânia, Bessarábia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Bulgária, Letônia e Ucrânia.

(2) Alemanha e Áustria.

(3) França, Bélgica, Inglaterra, Holanda, Suíça, Suécia, Itália, Grécia, Portugal, Espanha e outros.

Tabela 11. População judaica no município de São Paulo, por distritos, na data do censo de 1980

Distrito	Homens	Mulheres	Total	Razão de Sexo	% do Mun	% Acum	Posição
Sta. Cecília	3.542	3.510	7.052	1,01	17,1	17,1	1
Bom Retiro	2.615	2.749	5.364	0,95	13,0	30,1	2
Cerqueira César	2.025	2.198	4.223	0,92	10,2	40,4	3
Jardim Paulista	2.074	2.100	4.174	0,99	10,1	50,5	4
Consolação	2.048	2.031	4.079	1,01	9,9	60,4	5
Jardim América	1.060	1.036	2.096	1,02	5,1	65,4	6
Perdizes	1.032	990	2.022	1,04	4,9	70,3	7
Vila Mariana	769	875	1.644	0,88	4,0	74,3	8
Ibirapuera	613	653	1.266	0,94	3,1	77,4	9
Bela Vista	588	526	1.114	1,12	2,7	80,1	10
Outros	4.303	3.902	8.205	1,10	19,9	100,0	
TOTAL	20.669	20.570	41.239	1,00	100,0		

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Capítulo 2

Bom Retiro: bairro judaico

O surgimento do Bom Retiro tem, como todos os bairros da cidade, uma história singular. Segundo Henrique Veltman, Manfred Mayer, judeu da Alsácia,

“[...] foi um comissário agente do consulado francês, instalou a primeira grande olaria de São Paulo e – homem de visão – comprou grandes terrenos no que viria a ser o bairro judaico. Dividiu a área em lotes prontos para construção, abriu ruas e realizou melhoramentos. Tudo isto ainda em 1860.”⁵¹

O Bom Retiro deve seu nome às inúmeras chácaras de retiro da região, à beira dos rios Tietê e Tamanduateí, atuais Avenida Marginal Tietê e Avenida do Estado.

Segundo Henrique Veltman, coube ao filho de Manfred, Elias Mayer, advogado, a venda dos lotes para os italianos e, posteriormente, para os judeus. Foi em 1916 o ano da inauguração da sede da associação de ajuda EZRA. Logo após, surgiram as Escolas *Talmud Torah* e Renascença, sinal da presença efetiva da comunidade judaica no bairro a partir de 1916 e 1918, respectivamente. Segundo Roney Cytrynowicz, no caso da Sociedade Israelita de Beneficência Ezra, a estratégia para adequar-se à legislação também foi engenhosa:

“A Ezra, fundada em 1916, foi a principal entidade local dos judeus em São Paulo até pelo menos 1946, com a criação da Federação Israelita. A Ezra cuidava de todo o processo legal, social e econômico de entrada, inserção e manutenção dos imigrantes e dos residentes locais que precisassem de auxílio. Uma alteração nos estatutos registrada no ano de 1946 passa a definir no Capítulo 1, artigo 1º, que a Ezra é composta de ‘ilimitado número de sócios de ambos os sexos, de qualquer nacionalidade, pertencentes à religião Israelita’. No Capítulo 2, Artigo 2º, sobre a admissão de sócios, diz que somente poderão ser admitidos

⁵¹ VELTMAN, Henrique. **A História dos judeus em São Paulo**. São Paulo: Expressão e Cultura, 1996.

como sócios da Sociedade ‘os maiores de 18 anos, de qualquer nacionalidade e sexo, que professem a religião israelita’⁵².

[...] “Há neste estatuto provavelmente um eco das restrições do Estado Novo, um jogo entre ‘nacionalidade’ e ‘religião’ que poderia passar despercebido, não fosse ele uma eficiente estratégia que, ao enfatizar religião em detrimento de nacionalidade, adequava-se às restrições do Estado Novo sem, de fato, alterar, do ponto de vista interno à entidade, nenhuma cláusula importante”⁵³.

Um estudo sobre a urbanização do bairro, realizado por Liziane Peres Mangili, confirma a intensa atividade de venda de lotes, demolições e construções residenciais, tanto no setor mais próximo ao centro (ruas José Paulino, Ribeiro de Lima, Três Rios, Prates), como na faixa ocupada após a então recente retificação da calha dos rios Tietê e Tamanduateí (ruas Mamoré, Barra do Tibaji, Newton Prado)⁵⁴.

⁵² Estatutos da Sociedade Israelita de Beneficência *Ezra apud* CYTRYNOWICZ, Roney. “Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial”. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, pp. 393-423, 2002.

⁵³ CYTRYNOWICZ, Roney. “Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial”. *In: Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44, pp. 393-423, 2002.

⁵⁴ MANGILI, Liziane Peres. **Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências 1930-1954**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2011, pp. 29-63.

Bom Retiro do Tietê às Estações de trem



Figura 1 – Rio Tietê década de 1930, anterior a retificação⁵⁵

O rio Tietê, o principal rio da capital, é um tanto incomum – e não estamos falando do mau cheiro e aparência ruim, causadas pela poluição que o caracterizam na atualidade. Ele nasce em Salesópolis (SP), a 96 km da capital e 22 km do Oceano Atlântico. As escarpas da Serra do Mar, porém, fazem com que as águas não sigam o caminho mais óbvio, que seria correr para o mar. Ao invés disso, o rio segue continente adentro até desembocar no rio Paraná, a mais de mil quilômetros de distância em um percurso que o diferencia da maioria dos rios que desembocam no mar.⁵⁶ No caminho, ele cruza a cidade de São Paulo. O limite do bairro do Bom Retiro fica nas margens do Tietê, onde nasceram as chácaras e a Olaria devido a grande quantidade de areia das margens. No início do século XX, os Clubes de regatas utilizavam as águas limpas do Rio para prática do Remo, como o Clube Espéria e o Clube de Regatas Tietê.

Antes de sua retificação, o Tietê era um rio típico de planícies: meândrico, cheio de curvas, de baixa declividade. O leito menor, espaço ocupado na seca, não tinha mais que 60 metros de largura, mas o leito maior, na época das chuvas, chegava a um quilômetro. E, depois da cheia, ele não voltava a ser o mesmo: seu curso mudava.

⁵⁵ Histórico do rio Tietê, disponível no **Portal do Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE)**: http://www.daee.sp.gov.br/index.php?option=com_content&id=793:historico-do-rio-tiete&Itemid=53. Acesso em 25/10/2014, às 17h 20.

⁵⁶ *Idem, ibidem.*



Figura 2 – Rio Tietê, na década de 1930, sem poluição⁵⁷

É neste ponto que existia um problema: a inundação natural das várzeas trazia doenças para a população pobre que vivia perto do rio. Entre os anos de 1875 e 1918, a cidade enfrentou surtos de varíola, morfeia, febre amarela, tifo, gripe espanhola e peste bubônica. A questão sanitária estava, portanto, no centro do debate público. Não por acaso foi instalado pelo Governo do Estado um desinfetório na Rua Tenente Pena. Na Rua Três Rios havia a Faculdade de Farmácia da Universidade de São Paulo.

Por muito tempo, o rio Tietê foi o limite norte da cidade. Na década de 1920, a ocupação urbana para além do rio se resumia ao que seria, futuramente, o bairro de Santana. A cidade precisou cruzar o rio para continuar crescendo.

⁵⁷ Histórico do rio Tietê, disponível no **Portal do Departamento de Águas e Energia Elétrica (DAEE)**: http://www.daee.sp.gov.br/index.php?option=com_content&id=793:historico-do-rio-tiete&Itemid=53. Acesso em 25/10/2014, às 17h 20.



Figura 3 – projeto de retificação das margens do Tietê⁵⁸

O engenheiro da Diretoria de Obras Municipais João Florence de Ulhôa Cintra formulou, então, uma proposta com um percurso mais sinuoso para o rio e diques mais baixos. Também havia vias arborizadas e uma faixa de parques. A largura da área de intervenção era de 400 metros.⁵⁹

Havia outros estudos de Ulhôa Cintra. Um deles foi o Plano de Avenidas, feito em parceria com o engenheiro Francisco Prestes Maia, chefe da Secretaria de Viação e Obras Públicas da Prefeitura de São Paulo de 1926 e 1930. Prestes Maia seria ainda nomeado prefeito da cidade pelo interventor Adhemar de Barros em 1938.

As obras de retificação começaram na década de 1940, baseadas num projeto de Cintra de 1937. A expansão urbana desenfreada e a posterior decisão de lançar esgoto diretamente no rio, sem qualquer tipo de tratamento, levaram-no a uma situação de poluição. Ela, no entanto, não é o único problema: já nos anos 1960, antes mesmo da conclusão das obras, as inundações se tornaram um grande transtorno, que permanece até hoje.

É importante salientar a função da prefeitura de Prestes Maia e do plano de Avenidas⁶⁰, o qual mudou a cidade, abrindo espaço para o automóvel e transformando a cara de São Paulo, ao implementar uma série de mudanças: a Avenida Nove de Julho, a Avenida Vinte e Três de Maio, entre outras.

A característica do Bom Retiro de bairro misto – por abrigar atividades comerciais, industriais e residenciais – pode ser considerada como um fator de

⁵⁸ Créditos das imagens: Fotos dos rios (disponíveis no **Portal do DAEE**, citado acima): Figura 2 – Victor da Silva Freire – “A Canalização do Rio Tietê no território da Capital e municípios adjacentes”; / Figura 3 – Francisco Rodrigues Saturnino de Brito – “Obras completas de Saturnino de Brito”, v. XI.

⁵⁹ *Idem.*

⁶⁰ MANGILI, Liziane Peres. **Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências 1930-1954**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2011. pp. 29-63.

permanência dos imigrantes que, além do trabalho, encontram moradia e vida social no mesmo local. Em sua origem, o processo de urbanização do bairro privilegiou a divisão das antigas chácaras em pequenos lotes, com custos mais acessíveis, ou ruas novas em locais desvalorizados, devido à ocorrência de enchentes ou à predominância de populações de baixa renda.

Logo após a formação do bairro, sinagogas, açougues *Kasher*, instituições judaicas das mais diversas foram criadas, além de muitas moradias terem sido gradativamente ocupadas pelos imigrantes judeus vindos da Polônia, Rússia e demais países da Europa Oriental. Esses novos imigrantes, paulatinamente, foram ocupando e convivendo com os imigrantes italianos, frequentando as oficinas, fazendo o pequeno comércio do bairro, que ia crescendo. Os pioneiros dessa leva imigratória eram, na maioria, mascates de tecidos, roupas, gravatas e uma variedade enorme de artigos que, literalmente, sustentaram os primeiros passos dessa comunidade no Brasil. Esses primeiros imigrantes falavam ídiche como língua comum, alguns eram religiosos, outros seculares, ou seja, seria um erro achar que todos fossem da mesma formação ou tivessem as mesmas aspirações. Havia diferenças de origem, ideologias e classe social.

Cabe lembrar que o Bom Retiro não foi o único bairro ocupado pelos judeus que vieram a São Paulo a partir da Primeira Guerra Mundial. A comunidade judaica da Alemanha escolheu a Vila Mariana como ponto central; os judeus vindos da Galitzia, região da Polônia, foram para a Lapa e havia comunidades com sinagogas no Brás, Cambuci, Pinheiros e no Centro.

No entanto como fora mencionado, o Bom Retiro logo ganhou a fama de Bairro Judaico e certo estigma, por ser um bairro fabril, periférico, com várias casas antigas, cortiços, onde a presença de populações “indesejáveis” ocorria misturada ao comércio e às indústrias de fundo de quintal. Tratava-se, enfim, de uma região típica da periferia, apesar da sua localização central. Desta forma as Estações de Trem da Luz e Júlio Prestes foram fator de atração, pois em seu entorno o comércio e a passagem de pessoas eram pontos privilegiados.

A imigração de judeus poloneses ao Bom Retiro, suas diversas origens

Apesar de uma vida cultural intensa e da unidade entre os diversos tipos de judeus, a vida judaica, além de extremamente heterogênea, não estava isolada da sociedade maior e dos outros grupos de imigrantes. Havia trocas econômicas e culturais com indivíduos e instituições da sociedade maior. Os imigrantes chegados ao Bom Retiro, mesmo aqueles que haviam primeiramente ocupado várias cidades do interior paulista (como Jaú, Pompéia, Campinas), mascates em sua maioria, seguiram o padrão milenar de organização em *Kehilot*, ou seja, comunidades do interior da Europa Oriental. Assim:

“A nação judaica legou também uma quantidade de Ruas da judiaria, Rua dos Judeus [...] no coração dos centros antigos, onde construíram um modo de vida particular. Convém lembrar que no alvorecer da formação das cidades, com o dinamismo comercial determinante, no desenvolvimento urbano, muitas delas convidam judeus para que ali se instalem. Se hoje podemos evocar a sociedade tradicional *asquenazita*, é que a singularidade religiosa dos judeus no interior das nações conseguiu se perpetuar graças às instituições e ao modelo comunitário, encontrado em todas as esferas do mundo *asquenazita*, atravessando fronteiras e evoluindo ao longo dos séculos”.⁶¹

Organizado inicialmente em torno de uma sinagoga, as moradias e os moradores do bairro judaico da Europa Oriental até o início do século XX tinham várias atividades centrais na casa de orações: usavam-na como casa de estudos, como escola e academia de estudos religiosos (*cheder* e *yeshivá*); como casa de banhos (*mikve*); como casa para realização de festas de *bar mitzvá* e casamentos; como casa do tribunal rabínico; como ponto de hospedagem e ajuda aos pobres. Nas cidades maiores, surge a tendência de verticalizar as moradias dentro do espaço limitado na ocupação do solo urbano. Existe, em muitos locais, o desmembramento da sinagoga em várias casas separadas. Na Polônia, muitas cidades tiveram origem nesse núcleo da rua judaica, tornando-se autênticos centros urbanos. A aldeia do interior, conhecida como *shtetl*, era uma forma bem comum de ocupação, mas não era a única. Os guetos em grandes cidades, muitos de características simples, também não são uma entidade homogênea; existem e coexistem vários tipos desde a Idade Média até a emancipação nos séculos XVIII e XIX. O Gueto

⁶¹ GOLDBERG, Sylvie Anne. In: WIEVIORKA, Annette; BAUMGARTEN, Jean; ERTEL, Rachel; NIBORSKI, Itzhok (Orgs.). **Mil anos de culturas asquenazes**. São Paulo: Editora do Bispo, 2010.

de Frankfurt, por exemplo, era de uma classe de ricos comerciantes, com portais e características de um bairro rico e bem organizado⁶². Porém, o imaginário do judeu do gueto, do judeu errante sem lugar certo, do judeu migrante, em constante exílio, predomina e, até o século XX, influencia a imagem que o cidadão comum tem dos judeus. Esse tópico será tratado posteriormente, à luz da cultura urbana e da discussão do gueto como categoria na ocupação espacial da cidade.

No final do século XIX e início do XX, todas as comunidades judaicas desse mundo extinto da *ydishland*⁶³ receberam uma grande influência das ideias iluministas e dos processos de transformações que tiveram origem nas revoluções francesa e industrial. As ideias da emancipação do homem moderno presentes no nacionalismo e no socialismo, dentro dos estudos judaicos, têm sua origem na *Haskalá* – “iluminação” –, movimento que, após anos de judaísmo tradicional encerrado na dualidade entre os rabinos tradicionais e o Hassidismo⁶⁴. A *Haskalá* abriu novas perspectivas, isto é, a transformação e estruturação da sociedade seguindo parâmetros racionalistas, baseados nos princípios da ciência e da tecnologia, e abandonando gradativamente as tradições religiosas. Nesse contexto, a exclusão convive com a emancipação e rapidamente são criadas diferentes formas de se viver a identidade judaica. Alguns exemplos dessa diversidade da vida judaica demonstram a característica da condição heterogênea da imigração judaica⁶⁵.

Havia, no final do século XIX e início do XX, uma variedade enorme de tipos judaicos e mentalidades díspares, além de variações quanto a classes sociais, situação de cidadania e de direito. No capítulo “Novos Aspectos Culturais do Judaísmo Polonês”, Edith Gross Hojda aponta o florescimento de uma literatura ídiche de grande importância, combinada a estudos bíblicos, talmúdicos, hassídicos, místicos e folclóricos das massas judaicas da Europa Oriental:

“[...] antes da Segunda Grande Guerra, havia cerca de 27 periódicos e mais de 100 semanários judaicos na Polônia. Em 1939, 645 livros em ídiche foram

⁶² GOLDBERG, Sylvie Anne. *In: WIEVIORKA, Annette; BAUMGARTEN, Jean; ERTEL, Rachel; NIBORSKI, Itzhok (Orgs.). Mil anos de culturas asquenazes*. São Paulo: Editora do Bispo, 2010.

⁶³ (A Terra do Ídiche) Região ocupada durante os séculos XIII até o XIX da Europa Oriental (Polônia, Rússia, Romênia, Hungria...).

⁶⁴ Hassidismo: movimento de popularização do judaísmo, por meio dos ensinamentos dos *hassidim* – os tementes, pensadores e conhecedores do *Talmud* que tinham por objetivo popularizar o conhecimento através do contato direto com os tementes.

⁶⁵ RATNER, Henrique. *Tradição e mudança*. São Paulo: Ática, 1977.

publicados, com cerca de 900.000 exemplares. Havia instituições científicas, museus judaicos e grupos teatrais nas principais cidades”.⁶⁶

O próprio universo polonês e russo contém uma grande amostra desta variedade de opiniões. Havia diferentes formas de identificação e representação política dos judeus, entre as que se destacam as seguintes: *Poalei Tzion* (sionistas socialistas e de direita), *Bund* (Partido dos Operários Judeus), *Mizrachi* (religioso) e *Agudat Israel*, o partido mais votado. Unidos, todos os votos conseguiram 35 cadeiras no Parlamento Polonês e seis no Senado. Os judeus representavam 10% da população polonesa em 1922. Havia muitas escolas, jornais em ídiche, teatro, clubes, sinagogas, associações⁶⁷. Todo esse mundo diversificado, quando do seu desmantelamento – através das imigrações e, posteriormente, das perseguições –, veio para as Américas. Os Estados Unidos receberam mais de 2.800.000 de judeus e, na década de 1990, contava com 5.000.000 de judeus, das mais diversas identidades e origens⁶⁸. É nesse contexto que deve ser entendida a imigração judaica para o Brasil.

Devido a leis que restringiam o fluxo imigratório para Argentina e para os Estados Unidos, o destino passou a ser o Brasil – especificamente, Santos, porta de entrada para o interior e para a capital. Assim, o período entre guerras foi uma época de recepção dos imigrantes judeus, poloneses, russos e de muitas regiões da Europa Oriental.

A problemática do encontro histórico entre judeus e não judeus: o caso paulistano

No que diz respeito à chegada e adaptação dos primeiros imigrantes judeus ao Brasil em geral e a São Paulo em particular, no século XX, podemos afirmar que foi um processo complexo.

Jacob Guinsburg explica bem este processo quando afirma:

“A situação dos judeus em São Paulo era muito difícil, não foi simples sobreviver. Ninguém estava esperando por eles com almofadas na mão. Boa parte dos imigrantes chegava a São Paulo como mascates, que

⁶⁶ HOJDA, Edith Gross. **Imigração dos judeus poloneses em São Paulo (1925-1940)**. São Paulo: Edusp, 1995. p. 77.

⁶⁷ GOLDBERG, Sylvie Anne. In: WIEVIORKA, Annette; BAUMGARTEN, Jean; ERTEL, Rachel; NIBORSKI, Itzhok (Orgs.). **Mil anos de culturas asquenazes**. São Paulo: Editora do Bispo, 2010.

⁶⁸ LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

chamávamos de ‘braço fixo’, numa alusão a um grande magazine paulistano, na Praça do Patriarca, o Preço Fixo, e aprendiam a língua nas ruas. Então abriam oficinas de tecelagem, depois lojas. Tinham cooperativas de empréstimos. Daí, colocavam os filhos para estudar. Foi assim que o meu pai fez. Foi assim que todos os nossos pais fizeram.”⁶⁹

Muitos preconceitos tiveram de ser ultrapassados pelos primeiros imigrantes judeus do Bom Retiro, no início do século XX. Além da questão do antissemitismo registrado no período Vargas⁷⁰, existia a confusão de origem, a ponto de identificarem judeus sírio-libaneses, sírios, libaneses, armênios e outros imigrantes com o nome “turco”, devido, talvez, à semelhança dos traços e à efetiva origem comum do então Império Turco Otomano, em decadência após a primeira guerra. Muitos se dedicavam à mesma atividade de mascate ou comerciantes estabelecidos, ampliando a mesma confusão identitária. Porém, no caso do Bom Retiro, havia um agravante, principalmente devido ao fato da perseguição política aos comunistas. No capítulo “A comunidade Judaica sob Suspeita”, do livro *Bolchevismo e Judaísmo*, Taciana Wiazovski destaca:

“O fato de um indivíduo ser judeu ou simplesmente de origem judaica interferia negativamente enquanto critério de julgamento da Polícia Política brasileira [...] Outras referências condicionavam o investigador policial a associar comunismo, judeus e Bom Retiro, conforme aparece registrado no prontuário Boletins e Propagandas Comunistas”.⁷¹

Outra evidência da desconfiança com alguns membros da comunidade pode ser encontrada no artigo abaixo, que mostra uma reportagem acerca de uma “investigação sobre comunismo” em uma associação judaica na Rua José Paulino:

“O centro de Cultura e Progresso, associação judaica com sede à Rua José Paulino, 64, 2º andar, vem merecendo, desde 1950, as atenções do Serviço Especial de Vigilância do Departamento de Ordem Política e Social, por ter sua diretoria, naquela época, convocado uma reunião no Clube Pinheiros, à qual compareceram vários elementos de destaque do Partido Comunista Brasileiro, Osmar e Eunice Catunda, Faustino

⁶⁹ GUINSBURG, Jacob. “Bom Retiro dos anos 30 - Estou falando de uma cidade que não existe mais”. *Revista 18*, ano IX, n. 30 p. 44-47, set. 2011.

⁷⁰ CARNEIRO, Maria Luísa Tucci. *Cidadão do Mundo - O Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo, 1933-1948*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

⁷¹ WIAZOVSKI, Taciana. “A comunidade Judaica sob suspeita”. In: CARNEIRO, Maria Luisa Tucci & WIAZOVSKI, Taciana (Orgs.). *Bolchevismo e Judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001. pp. 31-36.

Bonimani e outros. Por esse motivo, foi a reunião proibida, mas os diretores a realizaram em sua própria sede [...] Por esses motivos, o Departamento de Ordem Política e Social, convicto de que o Centro de Cultura e Progresso não passa de uma célula comunista internacional judaico-brasileiro, ali efetivou uma diligência, apreendendo para os arquivos da sociedade “.⁷²

Apesar de farta documentação comprovando o preconceito e a perseguição aos imigrantes judeus, através das políticas restritivas do Estado Novo, ditadura do Presidente Getúlio Vargas, percebemos, por parte do povo paulista e brasileiro, tolerância para com os novos imigrantes e espaço para a adaptação deles à sociedade brasileira.

O comércio é um grande quebrador de barreiras. Apesar da dificuldade da língua, das diferenças culturais e religiosas, muitos imigrantes já possuíam experiência na vida urbana e utilizaram essa bagagem sociocultural para conquistar a nova cidade. Já não eram apenas os moradores das pequenas vilas do interior da Polônia, Rússia ou tantas outras da Europa Oriental. A convivência do bairro, que possuía presença de imigrantes italianos, gregos, sírios e portugueses facilitou o processo de adaptação dos imigrantes judeus. Toda a cidade estava em mudança, recebendo uma grande leva de imigrantes e migrantes internos de várias procedências.

O convívio diário acontecia no comércio, nas pequenas indústrias; aos fins de semana, no Jardim da Luz ou nos campos da várzea, às margens do Tietê e nos passeios de bonde para o Centro. Havia muitos judeus laicos da segunda geração que passaram a frequentar as escolas estaduais Alarico Silveira, Marechal Deodoro e Prudente de Moraes. Cinemas, cantinas e teatros eram locais de lazer. Os filhos dos imigrantes falavam o português na rua e o ídiche em casa. Logo passaram a frequentar universidades e a adquirir outras profissões, como engenheiros, médicos e advogados. Como assinala Jacob Guinsburg:

“Da Rua Guarani para baixo, em direção ao Tietê, existiam sapateiros italianos, mascates judeus e pequenos funcionários. Mas o que nos interessava de verdade ali eram os campinhos de futebol de várzea. Era o lugar onde nos reuníamos. Não passávamos de uns moleques, e a maioria

⁷² NOTAS Policiais. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, Notícias diversas, 10 jan. 1953, coluna 3.

tinha o pé no chão. De calções e suspensórios, nossa única preocupação era jogar bola e fazer traquinagens”.⁷³

Instituições judaicas

A verdadeira rede de solidariedade oferecida pela comunidade judaica, através de suas instituições, foi um fator fundamental para o estabelecimento dos imigrantes. Entre elas se destacam cooperativas de crédito⁷⁴, agências de fomento com assistência social, ajuda alimentar e de saúde, além de formação profissional e educacional. Todas as instituições tinham presença no Bom Retiro⁷⁵. Além das escolas já citadas, outras entidades de educação não formal faziam parte da rede comunitária. Eram os movimentos juvenis, predominantemente sionistas em suas diversas matizes ideológicas: *Hashomer Hatzair*, *Dror* (posteriormente, *Ichud Habonim*, ambos de tendência socialista kibutziana), e *Bnei Akiva* (de tendência religiosa e nacionalista). Todos os Movimentos Juvenis tinham atividades aos sábados, promoviam acampamentos de férias em sítios do interior do Estado e proporcionavam o convívio dos jovens judeus, combinado com uma intensa educação informal. Era comum ver as crianças caminhando em grupos numerosos pelas ruas do Bom Retiro com seus monitores, vestindo camisas azuis, típicas dos movimentos juvenis. Cabe lembrar que a independência do Estado de Israel, feita em 1948, mobilizou a comunidade judaica em todo o mundo. O movimento sionista era muito atuante no Bom Retiro. A adesão, na prática, porém, foi muito pequena, e a maioria preferiu continuar morando no Brasil.

O processo de *judaização* do bairro contava com estratégias interessantes, como comenta Jacob Guinsburg:

“[...] Para mim, o que interessa lembrar é o ápice dos judeus no Bom Retiro: começando nos anos 20, 30, com pique em meados dos anos 40 até início dos anos 50. Havia jornais fortes, como *Nossa Voz* (comunista) e *Novo Momento* (sionista), assim como revistas e livros. Existia um jornal em ídiche, o *São Paulo Yiddish Zeitung*, e escolas como *Talmud Torah*, *Sholem Aleichem* e a *Renascença*, do seu Wainer, inicialmente na

⁷³ GUINSBURG, Jacob. “Bom Retiro dos anos 30 – Estou falando de uma cidade que não existe mais”. *Revista 18*, ano IX, n. 30 p. 44-47, set. 2011.

⁷⁴ AHJB. *Boletim do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro*, julho de 2011, nº 44, pp. 14-24.

⁷⁵ CYTRYNOWICZ, Roney. “Instituições de assistência social e imigração judaica”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 1jan.-abr. 2005, pp. 169-84.

esquina da Salvador Leme com a Tiradentes, e depois na Prates. Havia, é claro, o clube dos trotskistas (na José Paulino), e também o Yugent Club (na Ribeiro de Lima com Silva Pinto). A vida cultural era muito ativa: o Yugent Club tinha biblioteca, onde li Rosa Luxemburgo e outros livros da editora polonesa Groschen, além de grupo teatral e coral. O Bom Retiro militava até fora do bairro. No Yugent Club, houve a primeira exposição de quadrinhos do mundo, em 1951, organizada pelo Álvaro de Moya e companheiros. A vida cultural brasileira era bastante forte. Sinto muitas saudades daquela época”.⁷⁶

Sara Feldman em artigo sobre a identidade do Bairro descreve bem a característica mista do Bom Retiro e seu papel na cidade nos anos 1940. Segundo a autora, o bairro desde seu nascimento:

“[...] se estrutura como um bairro múltiplo – nas atividades, nos grupos de estrangeiros, na composição social da população que mora, trabalha e frequenta o bairro. A importância adquirida pela atividade concentrada nas mãos dos judeus não significa a homogeneização do bairro. Muito pelo contrário, sua condição de bairro central se potencializa em vários aspectos, e o centro de indústria e comércio de confecções convive com um amplo leque de atividades no bairro.”⁷⁷

Quanto à questão da judaização do Bairro, a autora conclui em seu artigo:

“Apesar do bairro não perder seu caráter múltiplo, apesar da permanência e potencialização de processos pré-existentes no bairro desde sua origem, é entorno dos anos de 1940 que se confere ao Bom Retiro uma identidade étnica - bairro “dos israelitas” ou “dos judeus”.

Os dados do censo de 1934 mostram que a maioria da população é constituída por brasileiros: de um total de 28.449 moradores do Bom Retiro, 64,4% são brasileiros e 35,6 são estrangeiros. E destes, 11% são

⁷⁶ GUINSBURG, Jacob. “Bom Retiro dos anos 30 - Estou falando de uma cidade que não existe mais.” **Revista 18**, ano IX, n. 30 p. 44-47, set. 2011.

⁷⁷ FELDMAN, Sara. “Bom Retiro – Bairro múltiplo, identidade étnica mutante”. Disponível em: www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/.../4381, 2013, pp. 13 a 15. Acesso em 25/10/2014.

italianos, 2,54% portugueses, 2,30 % russos, e entre últimos estão incluídos os judeus.” (Araújo, 1940:235)⁷⁸

Como já foi observado no capítulo sobre a imigração, Feldman confirma a visão defendida por boa parte das elites políticas da década de 1930, alegando a identificação do judeu com o comunista, subversivo, além de ser visto como um concorrente comercial, invasor do mercado brasileiro responsável por quebrar a tradição do velho e honrado comércio varejista português.

“No entanto, a esta condição política, não podemos deixar de associar o universo de trabalho que se constrói no bairro do Bom Retiro na identidade étnica que lhe é atribuída. A organização da base material compreendendo todos os elementos da cadeia de produção e vendas, num território delimitado e fortemente concentrado em um grupo de estrangeiros – uma economia de base étnica – é o que lhe confere identidade.”⁷⁹

Estigma ou Antissemitismo?

Um olhar descuidado bastante difundido entre setores da comunidade judaica e alguns acadêmicos pode facilmente concluir que os judeus que chegaram ao Bom Retiro foram vítimas do antissemitismo e, no entanto, minha hipótese é a de que um olhar mais próximo, aplicado a esse caso, mostra que a realidade foi bem mais complexa, e o estudo da trajetória da comunidade judaica no Bom Retiro demonstra claramente isso. O problema não era o antissemitismo e, sim, o estigma do qual foi alvo o bairro por ser um bairro com a fama de mascates e prostitutas. Em relação a este aspecto, Jeffrey Lesser afirma:

“A preocupação com a imagem foi provocada pela existência de um número pequeno, mas visível, de prostitutas e rufiões judeus na maioria das grandes cidades”⁸⁰.

⁷⁸ FELDMAN, Sara. “Bom Retiro – Bairro múltiplo, identidade étnica mutante”. Disponível em: www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/.../4381, 2013, pp. 13 a 15. Acesso em 25/10/2014.

⁷⁹ *Idem, ibidem.*

⁸⁰ LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995. pp. 68-77.

O estigma pressupõe uma divisão da sociedade entre as pessoas normais e as pessoas que não se enquadram na normalidade. Segundo Erving Goffman, primeiro sociólogo a trabalhar o tema do estigma:

“O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: assume o estigmatizado que a sua característica distinta já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso está-se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável”.⁸¹

Procurando diferenciar as diversas formas de estigma, Goffman busca entender os mecanismos sociais que agem para definir o que é normal em detrimento do anormal. Para esclarecer este tópico, autor afirma:

“Existem meios urbanos que possuem um núcleo de instituições de serviço que fornecem uma base territorial para prostitutas, viciados, homossexuais, alcoólatras e outros grupos desacreditados (...). Finalmente, dentro da cidade, existem comunidades residenciais desenvolvidas, étnicas, raciais ou religiosas, com uma alta concentração de pessoas tribalmente estigmatizadas e (diferente de muitas outras formações de grupos entre estigmatizados) tendo a família, e não o indivíduo como unidade básica de organização.”⁸²

A comunidade judaica organizada, inserida no contexto econômico da sociedade paulista através do comércio, e posteriormente ocupando os bancos nas universidades, é um claro sinal da adaptação dos imigrantes. Assim, apesar de episódios pontuais de preconceito e estigmatização, podemos concluir que o estigma inicial foi colocado em segundo plano.

A imigração judaica *ashkenazita* que, pouco a pouco, ocupou as ruas do bairro, transformou o cotidiano, pois toda a bagagem cultural de instituições veio se somar ao *ethos* desses cidadãos – uma base sólida para a vida comunitária, certamente transformada, mas que trazia muitas das características desses judeus da Europa, seus conflitos internos, divisões sectárias e seu processo de emancipação e afirmação.

⁸¹ GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro:LTC, 1988, p. 14.

⁸² *Idem, ibidem.*

Assim, surgem várias sinagogas de várias correntes, sendo a primeira da Rua da Graça, “Kahal Israel”, em torno da qual toda a comunidade se organizou, posteriormente, a sinagoga *Talmud Torah*, juntamente com a escola que têm o mesmo nome transmitindo o judaísmo tradicional, com abertura para o ensino de português e hebraico. Muitos filhos dos primeiros imigrantes também estudaram no Colégio Renascença, laico, de orientação mais sionista. Posteriormente, a Escola *Sholem Aleichem*, ligada ao judaísmo operário do *Bund*⁸³, que tinha como apoio a Casa do Povo, reduto de esquerda, de orientação mais transformadora e experimental, tinha peculiarmente a língua ídiche como parte de seus estudos. Muitos filhos de imigrantes estudavam em escolas estaduais como o Prudente de Moraes, Marechal Deodoro e o Alarico Silveira. Interessante notar que os judeus paulistanos, nos dias atuais se refiram às sinagogas do Bom Retiro pelo nome das ruas: Sinagoga da Rua da Graça, Sinagoga da Rua Newton Prado, demonstrando grande familiarização com o bairro.

Durante a era Vargas, nem sempre as instituições puderam desenvolver-se, mas as restrições tinham caráter ideológico, ligadas ao anticomunismo, não sendo de cunho antisemita. Conseqüentemente é possível afirmar que os judeus que se estabeleceram no Bom Retiro e em outras regiões da cidade foram muito bem acolhidos na sociedade brasileira. Como lembra Bernardo Sorj em relação à imigração judaica ao Brasil em geral:

“A identidade nacional brasileira valorizava o novo em detrimento do antigo, neste sentido o imigrante faz parte do contexto da formação do caráter nacional e sua contribuição além de numerosa é muito bem vinda”.⁸⁴

A inegável restrição aos imigrantes, que ocorreu no final da década de 1930 até o término da Segunda Guerra, tinha origem na burocracia totalitária do Estado Novo, notadamente anticomunista, e o judeu russo ou polonês era suspeito de atividades subversivas por parte dos agentes do DIP e do DOPS.⁸⁵

⁸³*Bund*: partido operário judaico, com origem na Rússia e posteriormente na Polônia, deu base ao movimento revolucionário bolchevique, desde 1905 – muitos membros da cúpula do partido comunista, posteriormente foram descartados pela ditadura de Lenin e Stalin. Pregava a manutenção do ídiche dentro do contexto do socialismo internacionalista, cuja figura de Leon Trotsky é emblemática.

⁸⁴SORJ, Bernardo. **Diáspora, Judaísmo e Teoria Social**. Disponível em:

<<http://www.bernardosorj.com.br/pdf/diasporajudaismoeteoriasocial.pdf>>. Acesso em 26/10/2014.

⁸⁵ DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e DOPS (Departamento de Ordem Política e Social).

Como o judeu da Europa Oriental, o judeu do Bom Retiro mantinha relações com a sociedade maior, e, nesse âmbito, o encontro transforma muito sua identidade, que já estava passando por um processo de secularização. As mulheres, como na Europa, já tinham livre acesso às ruas e, através do comércio, ganharam autonomia, passando a frequentar as escolas, universidades e ocupando posições no mercado de trabalho. O futebol, a música brasileira, os bailes da orquestra de Sílvio Mazzurca, a pizza, o cinema são atividades de lazer que demonstram a perfeita adaptação do judeu à sociedade brasileira ou paulistana.

Quem conheceu a Rua José Paulino na década de 1950, assim como aquele que transita hoje por ela, pode perceber facilmente uma de suas características principais: a mistura de lojas de roupas e confecções, trabalhadores, ambulantes, sacoleiras e demais pessoas que fazem parte desta enorme cadeia produtiva e comercial, na qual as mais diversas origens étnicas convivem num mesmo espaço de forma contínua, diária e harmônica. Enfim, o comércio do bairro, em geral, demonstra a diversidade e as múltiplas possibilidades de integração cultural.

Entretanto, grupos mais arraigados às tradições judaicas apontam a assimilação como fator de risco à continuidade do judaísmo, e os casamentos “mistos” são condenados pelos imigrantes da primeira geração. Eles investem nas carreiras acadêmicas de seus filhos e filhas, que, por sua vez evitam o passado de *Klientishk* do mascate e, agora, pequeno comerciante, buscando uma vida na qual as profissões liberais foram muito importantes. Além disso, há um processo de secularização e muitos preferem uma vida distante dos parâmetros comunitários.

Uma pesquisa realizada pelo geógrafo Carlos Alberto Póvoa⁸⁶ destaca a territorialização do bairro, a qual se acha presente ainda nos dias de hoje – na arquitetura, no comércio, nas instituições religiosas e até no nome de algumas ruas, como *Talmud Torah* (antiga Tocantins) e Lubavitch (antiga Correa dos Santos). Nesse processo o papel do *Chabad*⁸⁷ merece destaque, principalmente após o êxodo dos moradores judeus que

⁸⁶ PÓVOA, Carlos Alberto. **A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo**. 2007. 284 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

⁸⁷ *Chabad* ou *Lubavitch*, vertente nascida na Europa, no século XVIII, que deu origem ao Hassidismo e revitalizou a ortodoxia ao enviar emissários a diversos países com o objetivo de divulgar sua filosofia. Com a terceira maior população judaica das Américas – atrás apenas de Nova York, com 1,6 milhão de adeptos, e de Buenos Aires, com 165 mil –, a capital paulista hoje registra a presença de templos e casas de oração em bairros sem raízes hebraicas, como Vila Mariana, Morumbi, Perdizes, Pompeia, Pinheiros, Brooklin e Itaim Bibi.

migraram para outros bairros, como Higienópolis, Pacaembu, Morumbi, Jardins e Perdizes.

Durante alguns anos, o Bom Retiro era visto como gueto judaico pela sociedade maior e pelos próprios judeus, apesar das diferenças enormes com o gueto dos judeus que viviam na Europa. O Bom Retiro não era fechado por muros como a maioria dos guetos europeus, e os judeus não estavam confinados no bairro em determinadas horas e circunstâncias. Existia uma população de não judeus significativa, e algumas igrejas e instituições governamentais ainda ocupam espaço no bairro, que sofreu grandes transformações. O estigma de gueto, porém, atingia os próprios moradores.

O termo “gueto”, desgastado nas ciências sociais, pode ser utilizado em várias situações históricas de grupos sociais e regiões diferentes. Como afirma Loïc Wacquant:

“A partir da produção historiográfica sobre a diáspora judaica na Europa renascentista, da Sociologia da experiência negra na metrópole fordista dos EUA e da Antropologia da marginalidade étnica na Ásia Oriental, este artigo constrói um conceito relacional de gueto como um instrumento bifacetado [*Janus faced*] de cercamento e controle etno-racial. Por meio desse procedimento, o gueto revela-se como um dispositivo sócio-organizador composto de quatro elementos (estigma, limite, confinamento espacial e encapsulamento institucional) que emprega o espaço para reconciliar seus dois propósitos contraditórios: exploração econômica e ostracismo social. O gueto não é uma ‘área natural’, produto da ‘história da migração’ (como Louis Wirth defendia), mas sim uma forma especial de violência coletiva concretizada no espaço urbano”.⁸⁸

O autor defende a ideia da articulação do conceito de “gueto”, possibilitando a separação da relação entre “guetização”, pobreza urbana e segregação, assim como o esclarecimento das diferenças estruturais e funcionais entre guetos e aglomerações étnicas.

“Esse proceder também possibilita que realcemos o papel do gueto como matriz e incubador simbólico da produção de uma identidade maculada, indicando que seu estudo seja feito por analogia a outras instituições

⁸⁸ WACQUANT, Loïc. “O que é Gueto, construindo um conceito Sociológico”. **Revista de Sociologia e Política**, n. 23, pp. 155-164, nov. 2004.

voltadas para o confinamento forçado de grupos despossuídos e desonrados como o campo de refugiados, a reserva e a prisão”.⁸⁹

Entretanto é importante destacar que no artigo citado, Wacquant faz uma distinção entre gueto e bairro de imigrantes principalmente nos Estados Unidos, utilizando a categoria gueto para os bairros negros e salienta as diferenças entre estes bairros e os bairros de imigrantes.

Em relação aos bairros judaicos paulistanos contemporâneos com alta densidade de judeus, a exemplo de Higienópolis e Cerqueira César, Topel, em artigo que discute o novo fenômeno do *eruv*⁹⁰ na cidade de São Paulo, salienta:

“No caso dos novos bairros judaicos, é importante esclarecer que se trata de uma segregação voluntária e não de uma segregação imposta como aquela que caracterizou grande parte de comunidades judaicas europeias na Idade Média. Bauman (2003) analisa em profundidade a criação de guetos voluntários na Modernidade líquida, a exemplo dos bairros fechados nos subúrbios ou dentro das próprias cidades. Segundo o sociólogo, a ideia central que orienta esses novos arranjos sociais é a procura por segurança que só é encontrada no convívio entre iguais.”⁹¹

Por último, citando Wacquant, a autora complementa: que o gueto é o resultado de uma dialética em movimento e com todas as tensões entre a hostilidade externa e a intimidade interna que resulta como uma ambivalência que opera no consciente coletivo.⁹²

⁸⁹ WACQUANT, Loïc. “O que é Gueto, construindo um conceito Sociológico”. **Revista de Sociologia e Política**, n. 23, p. 155-164, nov. 2004.

⁹⁰ *Eruv* é o cercamento imaginário, porém efetivo, de um determinado perímetro urbano que permite aos judeus ortodoxos realizar atividades que seriam proibidas durante o *Shabat* (sexta feira e sábado).

⁹¹ TOPEL, Marta. **Cadernos de língua e literatura hebraica**. “O *eruv* na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil: novas estratégias de demarcação do espaço judaico”. n.10, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cilh/article/view/53661/57624>, acesso em 08/11/2014, página 17

⁹² WACQUANT, L. (2004:p.159) *Apud* TOPEL, Marta. **Cadernos de língua e literatura hebraica**. “O *eruv* na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil: novas estratégias de demarcação do espaço judaico”.n.10, 2012 .

As ruas periféricas do Bom Retiro

Devemos salientar que a ocupação sócio-espacial da cidade de São Paulo, de alguma forma, segregava e continua segregando as populações menos abastadas em detrimento das elites.

Os bairros operários e industriais formaram-se nas terras mais baixas das várzeas dos rios Tietê e Tamanduateí. Essa ocupação foi possível porque o custo da terra era inferior ao de outras regiões. Além do mais, interessava às indústrias se estabelecerem perto das ferrovias. Surgiram, então, os vários bairros: Pari, Brás, Mooca, Ipiranga, Vila Prudente, Belenzinho, Bom Retiro, Barra funda, Água Branca e Lapa. Todos esses bairros, da elite e dos operários, surgiram de loteamentos feitos em antigas chácaras.

Entretanto, o período republicano marca a transformação urbana. Todos os donos de chácaras da Santa Ifigênia, Bom Retiro, Brás, Consolação, Liberdade e Cambuci mandaram abrir ruas, avenidas, alamedas e largos em suas terras, processo ocorrido não só nesses bairros, mas também no Higienópolis, Av. Paulista, Mooca, Pari, Ipiranga, Barra Funda e Água Branca.

Nas primeiras décadas do século XX, a segregação se evidencia na cidade. Porém, as classes sociais não se encontravam tão distantes umas das outras como no momento da década de 1940 a 1970 em que a cidade começaria a ter como modelo de expansão o crescimento pela periferia.

Da virada do século até 1940, a elite morava em casas próprias, nos seus bairros exclusivos (Campos Elíseos, Higienópolis, Avenida Paulista, Jardins). Já os trabalhadores ocupavam os chamados bairros operários; porém, moravam em casas alugadas, geralmente cortiços. As ruas Barra do Tibaji, Rua da Graça, Rua Tenente Pena, Rua do Areal, enfim, todas as ruas próximas ao Rio Tietê ou ao “paredão” da Ferrovia. Devido à especulação imobiliária e aos baixos salários, as pessoas das classes operárias, mais humildes, não tinham condições de alugar uma casa decente para uma única família. Por isso, o cortiço foi o tipo de habitação popular dominante em São Paulo, até a década de 1950. O Bom Retiro possuía uma enorme quantidade de cortiços. As autoridades, no início da metropolização da cidade, desde a década de 30 do século XX, preocupavam-se com esse tipo de habitação, que era vista como foco de epidemias. Mas é importante lembrar que, mesmo antes da década de 30, já se falava sobre a higiene pública da Rua

Itaboca. Em 1905, é sugerida a proposta na Câmara Municipal de providenciar escarradeiras e colocá-las na Rua Itaboca urgentemente. O local recebeu grande número de operários que utilizavam a Estação Júlio Prestes e que iam a pé até a Olaria situada às margens do Rio Tietê. Havia a preocupação com as doenças infectocontagiosas e não por acaso, o bairro abrigava o Desinfetório da Rua Tenente Pena, local necessário e respeitado pela população, e ao mesmo tempo temido pelos “desocupados, doentes, prostitutas, bêbados” e outros “indesejáveis” por recolher os indivíduos, enviá-los aos sanatórios, passando antes por uma triagem ali. Eram feitas campanhas preventivas contra as doenças venéreas (ver anexo) e muitas ações partiam deste prédio que guarda boa parte da história da higienização e cuidados com a saúde da população do Estado de São Paulo.

Porém, existe pouca referência à prostituição nessa região, anterior ao confinamento feito pelo prefeito Prestes Maia a mando do Interventor Federal Ademar de Barros.

O Bairro na cidade

Claude Lévi-Strauss, em olhar retrospectivo da visita ao Brasil na década de 1930, inclui a cidade de São Paulo em suas descrições:

“Um espírito malicioso definiu a América como uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização. Poder-se-ia, com mais acerto, aplicar a fórmula às cidades do Novo Mundo: elas vão do viço à decrepitude sem parar na idade avançada. [...] Para as cidades europeias, a passagem dos séculos constitui uma promoção; para as americanas, a dos anos é uma decadência. Pois não são apenas construídas recentemente; são construídas para se renovarem com a mesma rapidez com que foram erguidas, quer dizer, mal.”⁹³

As observações do antropólogo francês de origem judaica foram feitas no início da década de 1950 e demonstram uma visão eurocêntrica, contudo, acurada por sua experiência como intelectual. Lévi-Strauss foi um dos professores fundadores da Universidade de São Paulo, responsável pelos passos iniciais das Ciências Sociais no

⁹³ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. (1955, Edição Brasileira) São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 91-92 .

Brasil. Apesar do tom crítico, não podemos obliterar alguns aspectos realistas observados por ele em sua descrição da cidade de São Paulo:

“Em 1935, os paulistas vangloriavam-se de que construíam em sua cidade, em média, uma casa por hora. Tratava-se, na época, de mansões; garantem-me que o ritmo se manteve igual, mas com edifícios. [o texto é de 1955] A cidade desenvolve-se a tal velocidade que é impossível obter seu mapa: cada semana demandaria uma nova edição. [...] Na época, descrevia-se São Paulo como uma cidade feia [...] Contudo, São Paulo nunca me pareceu feia: era uma cidade selvagem, como o são todas as cidades americanas, com exceção talvez de Washington, D.C. [...]”⁹⁴

Descrevendo São Paulo como uma cidade “indômita”, criada às Margens dos rios Anhangabaú e Tamanduateí, que por sua vez desembocam do Rio Tietê, o autor é testemunha da metropolização da cidade. Ele destaca o centro que tanto orgulho dava aos paulistas, com seus letreiros e o movimento do comércio entre as ruas Direita e Quinze de Novembro. Para nós, interessa a descrição do trajeto da nova avenida que estava sendo pavimentada a partir do centro: um gigantesco canteiro de obras da Avenida São João. Ao descrever o percurso da “nova” avenida, Lévi-Strauss afirma o seguinte:

“Depois, a Avenida passando ao pé de um arranha-céu – então único e inacabado –, o rosado Prédio Martinelli, enfiava-se pelos Campos Elíseos, outrora domicílio dos ricos, onde os palacetes de madeira pintada se deterioravam no meio de jardins de eucaliptos e mangueiras; a popular **Santa Ifigênia, margeada por um bairro reservado de casebres com portão alto, de onde as moças berravam para os clientes pelas janelas.** Por fim, nos limites da cidade, progrediam os loteamentos pequeno-burgueses de Perdizes e de Água Branca, fundindo-se a sudoeste na colina verdejante e mais aristocrática do Pacaembu.”⁹⁵
[grifo nosso]

O antropólogo não descreve de forma abrangente os atores sociais da cidade. *Tristes trópicos* teve seu trabalho de campo com os nativos, especialmente os índios Nhambiquaras, do Mato Grosso, como foco – capítulo que entrou para a História das

⁹⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. (1955, Edição Brasileira) São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 93.

⁹⁵ *Idem*, p. 94.

Ciências Sociais. Somente a geração posterior de antropólogos criou mecanismos para entender os moradores da cidade. Este é o campo de estudos da antropologia urbana.

No ensaio “De perto e de dentro”, José Guilherme Magnani alega que apesar da existência de várias abordagens quanto à urbanização e ao desenvolvimento das metrópoles, com todas as suas mazelas, as conclusões são muito parecidas no plano da cultura urbana. A crítica da falta de estrutura de transporte, saúde, saneamento básico, poluição, violência é ponto comum. Segundo Magnani:

“Haveria que se perguntar se o exercício da cidadania, das práticas urbanas e dos rituais da vida pública não teriam, como contexto das grandes cidades contemporâneas, outros cenários: para tanto é necessário procurá-los com uma estratégia adequada [...]”

“A presença de migrantes, visitantes, moradores temporários e de minorias; de segmentos diferenciados com relação à orientação sexual, identificação étnica ou regional, preferências culturais e crenças; de grupos articulados em torno de opções políticas e estratégias de ação contestatórias ou propositivas e de segmentos marcados pela exclusão – toda essa diversidade leva a pensar não na fragmentação de um multiculturalismo atomizado, mas na possibilidade de sistemas de trocas de outra escala, com parceiros até então impensáveis, permitindo arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes [...] Mas a pergunta que ainda paira é: isso é tudo? Este cenário degradado esgota o leque das experiências urbanas?”⁹⁶

A cidade, segundo Magnani, não se esgota na degradação. Através da etnografia realizada com enfoque “de perto e de dentro” em oposição à “de fora e de longe”, isto é, procurando nas microrrelações humanas, no bairro e no cotidiano das pessoas que o habitam, uma referência para uma pesquisa reveladora da dinâmica social das cidades.

Antonio Teixeira Fernandes, em seu artigo “Espaço social e suas representações”, afirma que existem várias dicotomias da ocupação espacial: o sacro e o profano, o centro e a periferia, o interior e o exterior, onde o espaço da casa torna-se o depósito de memória. Há ainda: alto e baixo, privado e público, natural e construído.

⁹⁶ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, p. 12, junho/ 2002.

“O espaço privado transforma-se em lugar de familiaridade e da intimidade, em contraposição ao espaço público e que será o lugar da multidão, do anonimato. [...] o próprio e o alógeno, o escondido e o manifesto, o particular e o geral [...].

A rua, espetáculo público, é tanto o lugar da banalização como de ostentação que aviva a diferença entre riqueza e privação. Somente pelo imaginário se conseguem eliminar aqui as diferenças.”⁹⁷

Os contrastes do espaço social urbano, na cidade de São Paulo, especificamente no Bairro do Bom Retiro, é visível e representa uma oportunidade ímpar para o estudo da cidade e seu desenvolvimento de província a metrópole, de metrópole a atual megalópole.

O Bom Retiro mudou muito, principalmente pela saída de judeus a partir do final da década de setenta do século XX, pela entrada dos coreanos durante os anos oitenta e, mais recentemente, pela chegada dos bolivianos.

Contudo, esta é uma visão “de fora”, de quem não participa do cotidiano da região. Observando a dinâmica do Bairro, percebemos a permanência das balconistas, descendo em multidão através da Rua Silva Pinto, rumo às lojas da Rua José Paulino e região. Existe a presença constante de “sacoleiras” que vêm do interior paulista e de outras regiões do país à procura das famosas mercadorias de confecção feminina nas ruas José Paulino, Aimorés e Professor Cesare Lombroso. Esta população que trabalha sempre existiu e participa do bairro, no entanto, a visão de fora e de longe não percebe sua presença e as possibilidades de interação.

O fato da estação de trem ser tão próxima do bairro foi central para a presença de imigrantes em geral e dos judeus em particular. Torna-se um atrativo tanto para a mão de obra em confecções, como para clientes, ambulantes, balconistas e sacoleiras que povoam o bairro. Quando o trem deixou de ser central e passou a ser periférico pode observar-se uma estrangulação do bairro e de sua população. *A Carta de Atenas*, no artigo 53⁹⁸, discute a questão das linhas férreas como obstáculos para o desenvolvimento das cidades e a necessidade do planejamento estratégico das suas respectivas localizações. A cidade

⁹⁷ FERNANDES, Antonio Teixeira. **Espaço Social e suas representações** Porto: Publicações da Universidade do Porto.1995.

⁹⁸ CORBUSIER, Le. **A Carta de Atenas**. CIAM (Centro Israelita de Apoio Multidisciplinar) /Hucitec /EDUSP, 1993.

de São Paulo e o Bom Retiro, a Barra Funda e outros bairros operários são exemplos desta distorção causada pela falta de planejamento.

Certamente, houve um êxodo dos judeus do Bom Retiro. Pesquisas demográficas já o confirmam na década de 1980 e são acentuadas pelo censo de 2000. Os coreanos chegaram e fizeram do bairro seu reduto; mas, como os portugueses, italianos e judeus, utilizaram o bairro como ponto de partida para estabelecer-se na cidade e já têm residências em Higienópolis e Aclimação. Os bolivianos ocupam algumas ruas do bairro, são ruas periféricas, abandonadas pelo interesse imobiliário. Essa ocupação só pode ser entendida no contexto do sistema capitalista e da dura segregação socioespacial da cidade de São Paulo.

As categorias da antropologia urbana aplicadas à realidade do bairro

Algumas reflexões a respeito da família de categorias da Antropologia Urbana, criadas por Magnani são profícuas para melhor entender as características do Bom Retiro. Uma delas é a noção de pedaço, desenvolvida para descrever e analisar a periferia de São Paulo na década de oitenta. Assim, o pedaço:

“[...] supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles. Esta, aliás, é a primeira de uma série de categorias que terminaram conformando uma ‘família’ terminológica – pedaço, trajeto, mancha, pórtico, circuito – e surgiu no contexto de uma pesquisa sobre lazer na periferia de São Paulo. Contrariamente a uma visão corrente, para a qual o lazer era uma questão de pouca relevância no cotidiano dos trabalhadores, o que se constatou por meio da observação de campo foi um amplo e variado leque de usos do tempo livre nos finais de semana dos bairros de periferia: circos, bailes, festas de batizado, aniversário e casamento, torneios de futebol de várzea, quermesses, comemorações e rituais religiosos, excursões de farofeiros, passeios etc. Eram, evidentemente, modalidades simples e tradicionais, que não tinham o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer, nem apresentavam conotações políticas ou de classe explícitas, mas estavam profundamente vinculadas ao modo de vida e às tradições dessa população.”⁹⁹

⁹⁹ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 17, n. 49, p. 12, junho/ 2002.

Aplicada ao Bairro, a noção de “pedaço” permite diferenciar as várias “tribos” – italianos, gregos, judeus, coreanos, paulistanos natos, nordestinos, paulistas do interior – existentes e suas diversas formas de relação. Também poderíamos realizar um exercício de utilizar tal categoria em distintos períodos históricos e comparar as mudanças no pedaço. Por se tratar de uma periferia no centro devido ao baixo custo da moradia e à facilidade da localização, o Bom Retiro abrigou e hoje abriga vários pedaços. Os imigrantes italianos foram os pioneiros deste pedaço no início do século XX, com suas oficinas de costura, sapateiros, cantinas, jogos de bocha nos terrenos às margens do Rio Tietê e o futebol de várzea, que teve no Bairro o seu grande reduto. O próprio Sport Clube Corinthians Paulista é fruto das atividades deste pedaço, fundado em 1910 por um barbeiro e outros moradores do bairro.

Posteriormente, a esquina das ruas da Graça e Correia de Melo com a Rua Ribeiro de Lima formava o saudoso *Pletzale*, local famoso por abrigar os imigrantes judeus que o utilizavam como autêntica praça, onde faziam negócios, trocavam moedas, discutiam política, enfim, conviviam. O local deixou de ser central para a comunidade judaica e na década de 1990 já não era mais parte de seu “pedaço”.

As conclusões de Magnani a respeito da categoria pedaço nos esclarecem a dinâmica do bairro do Bom Retiro:

“Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda, o viaduto é usado como local de passeio a pé, a esquina recebe despachos e ebós, e assim por diante. Na realidade são as práticas sociais que dão significado ou ressignificam tais espaços, através de uma lógica que opera com muitos eixos de significação: casa / rua; masculino / feminino; sagrado / profano; público / privado; trabalho / lazer e assim por diante.”¹⁰⁰

¹⁰⁰ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Rua, símbolo e suporte da experiência urbana” (Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em **Cadernos de História de São Paulo** 2, jan/dez 1993, Museu Paulista – USP).

Segundo Magnani, é preciso distinguir o pedaço de outra categoria, “o trajeto que se aplica a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas.”¹⁰¹

Os trajetos levam de um ponto a outro através dos pórticos, outra categoria criada por Magnani. São espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens. “Lugares que já não pertencem ao pedaço ou mancha de cá, mas ainda não se situam nos de lá; escapam aos sistemas de classificação de um e outra e, como tal, apresentam a ‘maldição dos vazios fronteiros’. Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras liminares e para a realização de rituais mágicos – muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados...”¹⁰²

Observando o mapa do Bom Retiro, percebemos inúmeros pórticos. Uma simples caminhada pela região identifica os locais perigosos, como as várzeas do Rio Tietê, também do Rio Tamanduateí, atual Avenida do Estado, as ruas em volta da Estação da Luz e os paredões da antiga Rua Itaboca. Não seriam pórticos utilizados pelo poder público para abrigar as ruas para o confinamento na década de 1940?

A utilização de outra categoria da verdadeira família criada por Magnani é importante para compreender as mudanças acontecidas na comunidade judaica de São Paulo e, conseqüentemente, no Bairro do Bom Retiro. Trata-se do circuito, definido pelo autor da seguinte forma:

“[...] une estabelecimentos, espaços e equipamentos caracterizados pelo exercício de determinada prática ou oferta de determinado serviço, porém, não contíguos na paisagem urbana, sendo reconhecidos em sua totalidade apenas pelos usuários: circuito gay, circuito dos cines de arte, circuito esotérico, dos salões de dança e shows Black, circuito do povo-de-santo, dos antiquários, brechós, clubes e outros.”¹⁰³

A noção de circuito pode caracterizar o abandono do Bom Retiro por grande parte dos judeus, fenômeno que tirou dele o caráter de ser o pedaço da comunidade judaica para passar a ser apenas parte de seu circuito, devido à presença das Sinagogas,

¹⁰¹MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Rua, símbolo e suporte da experiência urbana” (Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em **Cadernos de História de São Paulo** 2, jan/dez 1993, Museu Paulista – USP).

¹⁰² *Idem.*

¹⁰³ *Idem.*

Instituições Judaicas e alguns locais como a mercearia *Menorah*, que comercializa comida típica judaica – nesse caso, vale lembrar que o dono, o Sr. José, não é de procedência judaica.

Apesar de no passado, definitivamente, não se tratar de um gueto, mas de vários pedaços, cercados por pórticos, o bairro do Bom Retiro e os seus moradores sofriam do preconceito, herança cultural não só das elites paulistas, mas também por parte de outros judeus, que, muitas vezes, evitavam o bairro “perigoso”, motivo pelo qual muitos moradores que atingiam alguma ascensão social rapidamente procuraram outros bairros. Os italianos ocuparam os bairros das Pompéia, Lapa e Perdizes; os judeus, posteriormente, Higienópolis e Jardins, evitando o estigma de pertencer a um Bairro periférico e desvalorizado. Este mesmo estigma mobilizou a comunidade do bairro no sentido de fechar a Zona do Meretrício, promovendo o desenvolvimento social e econômico da região e valorizando o mercado imobiliário, atraindo construtoras, comerciantes e mantendo os moradores. Como fora mencionado, muito contribuiu para esse preconceito a presença da Zona do Meretrício em algumas ruas do bairro, tema do próximo capítulo.

Capítulo 3

As origens das polacas e seus rufiões

A presença de rufiões e prostitutas, polacos e polacas, como fora mencionado várias vezes, foi uma das causas do estigma sofrido pelo bairro do Bom Retiro. A Rua Timbiras era local conhecido na cidade por abrigar bordéis das polacas, mas com o tempo os rufiões foram expulsos, pois rufianismo é crime. As polacas permaneceram e muitas se tornaram cafetinas.

Este processo tem origem na Europa Oriental, e um dos estudos mais completos a respeito das polacas, a partir de 1880 e sobre a prostituição em geral, é a obra de Edward Bristow. Uma afirmação pertinente desta obra ao caso desta dissertação segue na livre tradução feita pelo autor, assim:

“Se a prostituição é a profissão mais antiga, então proxenetismo é a segunda mais antiga. E no clima favorável para negócios do século XIX, o proxenetismo entrou no que seria sua era de ouro. Recrutadores frequentavam as estações rodoviárias, portos e enfermarias de DSTs; eles se postavam em portões de prisões para receber as prostitutas que eram liberadas; eles portavam falsos anúncios de emprego nos jornais e montavam falsas agências de emprego para parecerem insuspeitos; no caso judeu, era comum casar garotas inocentes e depositá-las em bordéis estrangeiros.”¹⁰⁴

Segundo Bristow, os proxenetistas eram essenciais porque podiam prover garotas onde elas eram solicitadas. A dinâmica básica do sistema de comércio imoral era o movimento constante; a movimentação entre bordéis era o centro do sistema. Algumas estimativas para a França no século XIX demonstram que cerca de metade dos bordéis fechavam depois de dois meses ou menos. A frequente modificação se dava por um número de fatores. Mesmo que a clientela fosse regular, ela exigia variedade, e o alto índice de doenças venéreas entre as prostitutas muitas vezes as afastava do trabalho, pelo menos temporariamente. Além disso, o autor destaca:

¹⁰⁴ BRISTOW, Edward J. **Prostitution and Prejudice: the jewish fight against white slavery, 1870-1939**, Oxford: Clarendon Press, 1982.

“[...] movimentar prostitutas por toda parte permitia ao homem que controlava o comércio imoral a exercitar o máximo poder sob suas trabalhadoras. Mulheres fora de território familiar estavam, por vezes, em desvantagem. Em parte isso ocorria por causa do costume universal dos bordéis que se asseguravam que suas ocupantes acumulassem dívidas substanciais com lingerie, lavanderia, cosméticos etc. Quando essas dívidas eram ‘assumidas’ por um cafetão ou proxeneta, a prostituta se tornava ainda mais dependente daqueles que viviam de seu trabalho.”¹⁰⁵

Por muito tempo o esquema ficou conhecido como o “Sistema Francês”, uma forma de organização das atividades do meretrício em algumas cidades grandes da Europa que, ao longo do século, foi adaptado para as condições locais em virtualmente toda parte – com exceção do mundo Anglo-Saxão, no qual a opinião pública era mais relutante em sancionar a legalização da prostituição. Bristow esclarece sobre tal prática destacando que o “Sistema Francês” foi criado para combater as doenças venéreas, manter a boa ordem pública e moralizar as ruas, limitando a prostituição a lugares fechados e controlar o submundo. Na prática, em vários níveis, o sistema era ineficiente, brutal e corrupto. O alicerce consistia em inscrever e formar um dossiê para cada participante. Uma vez registradas, as mulheres era confirmadas como párias profissionais e poderiam se libertar do sistema somente com considerável dificuldade. Um das poucas saídas oficiais era o refúgio ou as casas de resgate, tão ameaçadoras e hipócritas que no século XVIII eram conhecidas como “prisões sagradas”.¹⁰⁶

Ao analisar todo o processo do confinamento do meretrício em São Paulo, parece-nos que foi uma reação tardia, após longo período de certa flexibilidade das autoridades paulistanas quanto à tolerância de tais atividades nas ruas do centro antigo de São Paulo. O sistema francês apontado por Edward Bristow foi aplicado no Bom Retiro, bairro que contava com a estrutura e presença do Estado, através do Desinfetório e das sedes dos Batalhões da Polícia Militar.

¹⁰⁵ BRISTOW, Edward J. **Prostitution and Prejudice: the jewish fight against white slavery, 1870-1939**, Oxford: Clarendon Press, 1982.

¹⁰⁶ *Idem.*

O tempo da Itaboca

A antiga Rua Itaboca, atual Professor Lombroso, entre o fim da década de 1930 e 1953 foi conhecida como a Rua das Prostitutas do bairro do Bom Retiro. É muito interessante que, no caso do Bom Retiro, em especial da Rua Itaboca, a “zona” se transferiu para lá a partir de um decreto governamental, a respeito do qual Edith Gross Hojda, em sua pesquisa *Imigração dos Judeus Poloneses em São Paulo (1925-1940)*, afirma:

“[...] em 1940, ocorreu um fato *sui generis*. O então Governador Adhemar de Barros transferiu a ‘Zona’ para o Bom Retiro (Rua Aimorés e Rua Itaboca) alegando o seguinte: ‘É produto vosso, fica para vocês’.”¹⁰⁷

O Bom Retiro tornou-se, assim, local famoso por abrigar moças vindas da Europa, fugidas da Guerra, as quais, aqui, na maioria, desenganadas, entraram para essa profissão. Parte delas era de procedência judaica, russa e polonesa. Este processo culminou na década de 1930, com a expulsão dos cafetões do país.

Os termos “polaca” e “polaco” eram pejorativos na população, entretanto, o que interessa descobrir é: como eram utilizados esses termos e como o próprio judeu polaco comum, cidadão decente, convivia com eles?

Nachman Falbel em sua pesquisa na imprensa ídiche da época relata na atmosfera no período anterior, já na década de 1920, algumas interpretações a exemplo da que segue no comentário do autor:

“A comunidade, na tentativa de preservar sua identidade judaica, encontrou-se perante uma situação extremamente dolorosa e difícil: como usar abertamente o nome judeu sem ser confundida com “eles” [referindo-se aos cafetões], como apresentar uma identidade judaica sem associá-la à criminalidade? Como romper o estigma judeu-traficante exatamente nos termos que os “memorialistas” mais tarde formularão. Entre eles devemos lembrar Aron Shenker, que em seu livro *Vort um Tat* (Palavra e Ação) escreve referindo-se à comunidade de seu tempo:

¹⁰⁷ SHALOM, Revista. Edição de Novembro de 1975, p. 52 *Apud* GROSS HOJDA, Edith. **Imigração dos Judeus Poloneses em São Paulo (1925-1940)**. São Paulo: Edusp, 1995.

*Aqui queremos enfatizar que estamos falando apenas de judeus decentes e não dos tmeim¹⁰⁸. Eles eram nossa vergonha. Eles envergonhavam o nome judeu. Nós, portanto, não tínhamos com eles nenhum contato. Como leprosos, eles moravam em outras ruas e não se mostravam nos quarteirões onde nossos judeus se encontravam [...]*¹⁰⁹

Como fora mencionado, entre fins do século XIX e a década de 1930, havia prostitutas de origem judaica em ruas de grandes cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires e Nova York. Tratava-se de judias nascidas no Leste Europeu e conhecidas como “polacas”, pobres, quase sempre analfabetas e sem dote para um bom casamento. Saíram de seus países, ameaçadas por ondas de antissemitismo, sem perspectivas, e acabaram recrutadas por cafetões – muitos dos quais eram também judeus.

A estranha sociedade¹¹⁰ denominada “*Tzvi Migdal*” era uma verdadeira máfia, formada por judeus poloneses e russos, traficantes de escravas brancas para a Argentina e depois para o Brasil. A “sociedade” tinha seus próprios métodos de trabalho, com enviados para a Europa Oriental com o objetivo de conseguir vários contratos de casamento. O artigo da Revista *Shalom* explica o *modus operandi* da rede *Tzvi Migdal*, ou Sociedade Varsóvia, com as seguintes palavras:

“Eram enviados em grupos de cinco pessoas em geral para uma mesma cidade. Lá, casavam-se no religioso e, com muitas promessas de um futuro melhor, acabavam em bordéis em Buenos Aires. Havia ocasiões onde jovens vendiam suas noivas para agentes da sociedade, em troca de algum dinheiro. Depois de algum tempo estabeleceu-se um tráfico entre a Argentina e o Brasil. Aqui as “*mimmes*”, “*titias*” como eram chamadas, eram conhecidas do povo como “as polacas”, que para dar maior charme a profissão utilizavam no seu linguajar, expressões em francês.”¹¹¹

Concluindo os motivos para o surgimento da escravidão branca entre os judeus Bristow afirma que, na política social do período, a escravidão branca “era muitas coisas para muitas pessoas”. Segundo o autor a ironia mais amarga de todas, contudo, é que enquanto antissemitas adicionavam essa acusação em sua lista de calúnias, traficantes judeus estavam lidando primariamente com mulheres judias. A Associação Judaica

¹⁰⁸ Apóstatas.

¹⁰⁹ FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil**: estudos e notas. São Paulo: EDUSP-Humanitas, 2008. p. 509.

¹¹⁰ Baseada em artigo da **Revista Shalom**, Edição de Novembro de 1975, p. 58.

¹¹¹ *Idem, ibidem*.

registrou em um relatório confidencial para sua subsidiária, a Associação Judaica de Colonização (ICA), que dos vinte oito casos reais de traficantes de escravos brancos lidados em 1898, tanto os traficantes como as vítimas eram membros de origem judaica da Polônia, Rússia, Galícia etc. Somente em três circunstâncias judeus tinham em seu poder garotas cristãs. O Comitê notou que esse tráfico, em uma extensão muito grave, era realizado por judeus e judias, contudo, não exclusivamente. Enquanto o Secretário Samuel Cohen, enviado especial deste comitê, estava na trilha de traficantes judeus em Southampton, ele descobriu e eventualmente resgatou duas garotas cristãs que estavam sendo traficadas por proxenetas gentis estrangeiros.

Para a distribuição interna de prostitutas nos bordéis mantidos por judeus na Europa Continental e na Argentina pós-guerra, a proporção de não judeus era maior, porém em toda parte traficantes judeus trabalham principalmente com judias.”¹¹²

Bristow afirma que nos guetos do Novo e Velho mundo, jovens com a sabedoria das ruas apelavam para o proxenetismo como uma maneira de conseguir uma mobilidade ascendente e sair do isolamento. A questão central, segundo o autor, seria: “quem mais eles poderiam atacar sozinhos, senão as mulheres indefesas?”¹¹³

Este tipo de atividade por parte de alguns desajustados, por um lado, foi usado em larga escala na Europa e no Brasil para justificar o antissemitismo, por outro, foi claramente apagado da memória oficial, ou seja, dos historiadores e líderes comunitários que temiam a confusão de identidades e preferiram posteriormente eleger apenas os pontos elogiosos, gloriosos da memória da imigração judaica no Brasil, escondendo o que, segundo eles, era uma vergonha.

A polêmica em torno das Polacas da cidade de São Paulo

Em entrevista a Fábio Varsano, que realizava uma matéria sobre as polacas para a *Revista Aventuras na História*, encontramos informações importantes:

“A historiadora Beatriz Kushnir, diretora do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro e autora de *Baile de Máscaras*, segundo ela, o relato mais antigo da trajetória delas por aqui fala da chegada, em 1867, de 104

¹¹² BRISTOW, Edward J. **Prostitution and Prejudice: the jewish fight against white slavery, 1870-1939**, Oxford: Clarendon Press, 1982, p. 25.

¹¹³ *Idem*, p. 27.

‘meretrizes estrangeiras’ ao porto do Rio – dessas, 67 ficaram e 37 seguiram para Argentina. ‘No período, o mercado brasileiro era propício à prostituição, com a população masculina bem maior que a feminina’, diz Beatriz”¹¹⁴.

A matéria da revista destaca que no início do século XX, o chamado tráfico de escravas brancas ganhou contornos de debate mundial. O declínio efetivo desta atividade ocorreu nos anos 1940. Judeus haviam sido perseguidos e exterminados pelo nazismo no Leste Europeu e os sobreviventes eram imigrantes com outro *status*, o *status* de refugiados.

Nachman Falbel discute a questão da influência desse episódio tanto na memória como na identidade da comunidade judaica paulistana, que mobilizou suas forças para combater os traficantes e lutou contra a exploração das prostitutas¹¹⁵. Merece destaque a polêmica em torno do assunto e, especificamente, as críticas de Falbel a fenômenos encontrados pela pesquisa de Beatriz Kushnir, na sua obra *Baile de máscaras*¹¹⁶, que segundo Falbel não levou em consideração as fontes dos jornais em ídiche. Outra crítica à pesquisa de Kushnir diz respeito ao fato de a autora destacar apenas o ponto de vista das prostitutas e dos cafetões, vitimando as prostitutas, sem levar em consideração as implicações para a comunidade judaica.

Procurando resgatar a história das prostitutas polacas, principalmente no Rio de Janeiro, do final do século XIX até o início do século XX, a autora Beatriz Kushnir retrata também as cidades de Santos e São Paulo, e confirma a existência de várias organizações das prostitutas em torno de sociedades beneficentes que providenciavam ajuda, pecúlio, sinagogas e serviços religiosos. Observa ainda a existência de cemitérios – Inhaúma, no Rio de Janeiro, Cubatão, perto de Santos e Chora Menino, em São Paulo. Este último, centro de uma polêmica em torno da documentação das sepulturas que foram enviadas ao Arquivo Histórico Judaico de São Paulo, porém não chegaram ao seu destino.

¹¹⁴ VARSANO, Fábio. "Tráfico de escravas brancas: polacas no Brasil". **Aventuras na História**, n. 38, out. 2006. Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/trafico-escravas-brancas-polacas-brasil-434879.shtml>>. Acesso em: 26/06/2012.

¹¹⁵ FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil**: estudos e notas. São Paulo: EDUSP-Humanitas, 2008. pp. 449-508.

¹¹⁶ KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras – mulheres judias e prostituição**: as polacas e suas associações de ajuda mútua. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

O fenômeno das prostitutas judias chamadas “polacas” do Bom Retiro é alvo de narrativas e memórias contraditórias. Assim, Beatriz Kushnir representa um ponto de vista alternativo ao resgatar a questão de gênero, mostrando as estratégias das polacas para defender e construir um mundo judaico, enquanto Nachman Falbel foca sua atenção na comunidade organizada, nas ideias conservadoras defendidas na imprensa ídiche, ideias do contexto do período que, condenando os impuros cafetões e excluindo as prostitutas da convivência nos teatros, sinagogas, festas, casamentos e principalmente o isolamento dos cemitérios, procura defender a dignidade e a legitimidade das atitudes da liderança comunitária, preocupada, com a má influência desta imagem na identidade dos judeus brasileiros.

Controvérsias entre historiadores e outros cientistas sociais são muito frequentes, principalmente quando envolvem temas ligados ao tabu. No caso das polacas, muitas questões são importantes, entre elas, destaco as dificuldades e a vergonha dos judeus em geral e das comunidades em particular em admitir que existisse entre o “povo escolhido” uma máfia dedicada ao tráfico e prostituição de escravas brancas com contornos internacionais. Devemos lembrar que tais acontecimentos ocorreram num período difícil para os judeus, tanto no continente europeu como nos locais de destino, quando havia restrições impostas a sua imigração como nos Estados Unidos, Argentina e posteriormente no Brasil, a partir de 1937. O fato de ser uma minoria étnica de origem estrangeira no início do seu estabelecimento no novo país gera diferentes tipos de insegurança e obstáculos concretos para sua inserção bem sucedida na sociedade hospedeira. Assim o estigma das polacas que, de algum modo, foi projetado por alguns setores à comunidade como um todo, não era conveniente naquele momento tão delicado e em qualquer outro momento para todas as comunidades.

Outro aspecto importante a destacar seriam as condições e os pontos de vista dos historiadores de gerações diferentes, influenciados por suas respectivas épocas: assim, enquanto Falbel foi contemporâneo aos fatos, por ser imigrante vindo da Galitzia para São Paulo na década de trinta, Beatriz Kushnir pesquisou este período como um fenômeno de um passado desconhecido para ela. Ambos foram influenciados pelas questões de gênero muito em voga na historiografia a partir dos anos 1980 e 1990, ponto em comum de tão didática polêmica a cerca da prostituição judaica em São Paulo.

No entanto, ambos deixaram escapar um detalhe importante neste processo histórico: o confinamento do meretrício no Bom Retiro na década de 1940.

Cemitérios Judaicos de São Paulo

O ato de isolar os “impuros” de um cemitério judaico revela a forma como ocorreram os conflitos dentro da comunidade.¹¹⁷

A Comunidade Judaica de São Paulo, através da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo (*Chevra Kadisha*), é a única instituição judaica que se dedica a dar sepultamento aos judeus em cemitérios judeus seguindo o ritual do grupo, unindo todo o serviço funerário, instituição que congregou toda a comunidade judaica desde o início do século XX. Até então, segundo Egon e Frida Wolf, devido ao desenvolvimento tardio de São Paulo, até 1923, poucos judeus paulistas eram sepultados nos Cemitérios dos Protestantes e o Cemitério do Araçá, onde existem as lápides dos pioneiros da comunidade israelita¹¹⁸. A fundação do Cemitério Israelita da Vila Mariana data de fevereiro de 1923 e um terreno anexo ao Cemitério Municipal da Vila Mariana, foi doado por Maurício Klabin. Segundo os autores:

“[...] pouca documentação ficou guardada dos tempos iniciais da instituição. Há o registro do primeiro enterro realizado no cemitério, que foi de uma menina, Clothilde Rabinovitch, falecida em 14 de abril de 1923. [...]

Um infausto acontecimento sacudia a *Chevra Kadisha*¹¹⁹ – e toda a coletividade paulistana – poucos meses depois, o falecimento de Maurício Klabin, ocorrido a 24 de setembro, em Heidelberg, Alemanha. O corpo foi trasladado e sepultado no ‘seu’ cemitério a 24 de outubro de 1923, na quadra número 1, rua 4, sepultura 51. O atestado tem o número 20 demonstrando que este foi o número de enterros nos primeiros seis meses de existência.”¹²⁰

¹¹⁷ Existem preceitos para regular a ocupação do campo santo judaico, além da seleção através da compra dos terrenos existem proibições em caso de não cumprimento de algumas leis judaicas com ênfase para o suicídio, apostasia, prostituição e proxenetismo. Ver GANTZFRIED, Rav Shlomo, Z”L. **O Código da Lei Judaica Abreviado (*Kitsur Shulchan Aruch*)**. Livro 2, p.1016, cap. 201. Leis acerca de um suicida e o enterro dos demais iníquos.

¹¹⁸ WOLF, Egon e Frida. **Breve Histórico da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo**. Rio de Janeiro: Edição Comemorativa da SCISP, 1989, páginas 30 a 33

¹¹⁹ *Chevra Kadisha*: sociedade religiosa responsável pela administração do serviço funerário judaico.

¹²⁰ WOLF, Egon e Frida. **Breve Histórico da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo**. Rio de Janeiro: Edição Comemorativa SCISP, 1989, p. 32.

O Cemitério da Vila Mariana era o único oficial de toda comunidade paulistana até 1953, ano da Inauguração do Cemitério do Butantã, na Rodovia Raposo Tavares, também adquirido e mantido pela mesma sociedade.

A *Chevra Kadisha* tinha sua administração inicialmente na sede da Comunidade Israelita de São Paulo, conforme ata de 1930, na Rua da Graça, no Bom Retiro, tendo o senhor Hugo Lichtenstein como presidente. Após longo período sem documentação, em 4 de abril de 1946, ficou sob a responsabilidade do Rabino David Valt atuar como administrador da sociedade e o mesmo apontava como grave problema: a falta de uma sede administrativa própria (construída em 1952 na Rua Prates, Bom Retiro) e a necessidade de ampliação do Cemitério da Vila Mariana, que já não comportava mais a demanda da comunidade. Egon e Frida Wolf destacam em seu *Breve Histórico*:

“[...] na ata de 8-11-1949, dois fatos curiosos destacamos da reunião da diretoria”¹²¹ : [...]

‘referente às pessoas que seriam enterradas no campo santo:’ Para quem seja conhecido como israelita pela irmandade religiosa que cuida do sepultamento [*Chevra Kadisha*], ou se declare israelita ou seja declarado tal pelos dois parentes mais próximos que se encontrem em São Paulo, ou na falta de parentes, por dois amigos” [...]

O outro tópico tratado na mesma reunião da diretoria foi a proibição de colocar fotografias nas lápides. Segundo os autores: “costume contrário aos preceitos religiosos, conforme o Rabino Valt.”¹²²

Desde o princípio do século XX, portanto, já havia a preocupação e a mobilização comunitária através da iniciativa de doações e trabalho voluntário no sentido de adquirir um local apropriado para o sepultamento dos integrantes da comunidade, sem distinção de origens ou de posses. Muitas foram as doações da *Chevra Kadisha* para várias instituições, além do apoio aos imigrantes e posteriormente aos sobreviventes vindos ao Brasil.

Note-se que, segundo as leis rituais judaicas, os “ímpuros” não têm lugar no campo santo – e entre eles, estão os suicidas, os ímpios, os cafetões e as prostitutas.

¹²¹WOLF, Egon e Frida. **Breve Histórico da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo**. Rio de Janeiro: Edição Comemorativa SCISP, 1989, p. 32.

¹²² *Idem, ibidem*.

Como identificar e julgar um ser humano como impuro? Certamente, como notamos, cabia aos líderes religiosos responsáveis pelo sepultamento seguindo as rígidas normas rituais, resolver esta questão tão polêmica vista sob o ponto de vista secular.¹²³

Desta forma, até na hora da morte, o conflito das polacas paulistas deixou pistas, no sentido da memória que permaneceu viva através das lápides e dos túmulos, em oposição a uma História Oficial que procurou excluir as polacas.

Beatriz Kushnir dedicou um capítulo de sua obra *Baile de Máscaras* (“As Moças do Chora Menino”) à instalação e desenvolvimento da Sociedade Religiosa e Beneficente Israelita, fundada em 1924, incluindo um Cemitério e posteriormente uma sede que funcionava como Sinagoga, administrada pelas prostitutas organizadas em São Paulo, em contato com Santos e Rio de Janeiro.¹²⁴ Esta parte aborda uma questão central do conflito. As atas das reuniões e a mobilização das mulheres para manter seu vínculo com o judaísmo foram o tema. Ao concluir a trajetória destas associadas, a autora relata que quando não havia mais a possibilidade de manter os sócios, os remanescentes foram para o Lar Golda Meir, na Vila Mariana – mantido pela coletividade – que aceitou receber a adesão, permitindo às “polacas” remanescentes a cobertura e o abrigo. Porém na nota de rodapé, percebemos o cerne do conflito entre os historiadores Beatriz Kushnir e Nachman Falbel. Kushnir afirma:

“Não se pode afirmar com absoluta certeza quantos enterros ocorreram entre 1928/1971 em Chora Menino. O único documento Oficial, o Livro de Registro dos enterros dos sócios da SFRBI [sigla da Sociedade Funerária Religiosa Beneficente Israelita] encontra-se em um arquivo privado de uma pessoa que nada teve com a Sociedade e que, mesmo tendo o título de historiador, parece não estar preocupado com a questão da memória coletiva. Insistindo que o passado é um lugar de justificativas e perdões, parece crer que esconder e censurar são as melhores formas de vivenciar uma identidade comum. Assim, aquelas pessoas que em vida se preocuparam com sua dignidade e com sua morte

¹²³ Nos dias atuais em Israel esta questão tornou-se um verdadeiro paradoxo, pois a fronteira entre a pureza e a impureza é muito tênue e como determinar quem é judeu – tendo o direito de permanecer no campo santo – e quem não é, excomungado ou não.

¹²⁴KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras** – mulheres judias e prostituição. As polacas e suas associações de ajuda mútua. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.167-214.

– ao adquirirem seu cemitério próprio – se encontram hoje, por causa de tal intransigência e arbitrariedade, em lugar de indignação.”¹²⁵

No capítulo do livro *Judeus no Brasil* sobre a “Identidade Judaica, Memória e a Questão dos indesejáveis no Brasil”, o historiador Nachman Falbel descreve, de forma abrangente, o conflito dentro e fora da comunidade judaica, devido à presença da prostituição e do tráfico de escravas brancas, com origem nas terras de Odessa, e seu desenvolvimento pelas cidades da Europa e, posteriormente, nas Américas.

“A luta contra os traficantes de escravas brancas e a prostituição, entre os judeus foi importante para afirmar a identidade judaica desde o início da sua imigração no continente sul-americano, e em especial na Argentina e no Brasil, onde os judeus eram denominados ‘russos’, ‘turcos’, e ‘polacos’, este último nome associado aos *tmeim* (impuros) ou aos assim denominados *chevre-leit* (pessoal da sociedade ou do grupo), e, portanto, evitado pelos judeus. O termo ‘polaco’ passará com o tempo a ter a conotação de traficante, ou cáften, assim como ‘polaca’ equivalerá a prostituta aos olhos da população não judia”.¹²⁶

Numa das reedições de sua obra *Judeus no Brasil: estudos e notas*, em 2008, Nachman Falbel responde às acusações de Beatriz. Destacando a preocupação do Arquivo Histórico Judaico de São Paulo em manter e preservar os documentos históricos inclusive dos “*tmeim*” (impuros), o autor alega:

“Mesmo se as lápides viessem a desaparecer, pelo menos teríamos os registros e os dizeres das *matzeivot* (lápides) e essa preocupação levou a que se fizessem os levantamentos dos cemitérios ainda nos anos 70. Naqueles anos, recebemos o registro de óbitos de certo cemitério com a condição clara e bem específica de não revelá-lo publicamente, sem fixar qualquer tempo para fazê-lo [...] Criminosos, traficantes de escravas brancas, cáftens e suas vítimas, as prostitutas, nunca tiveram esse sentimento, portanto não podiam compartilhar com os demais uma convivência comum e normal com o povo de Israel na diáspora, onde quer que se encontre.”¹²⁷

¹²⁵ FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: Edusp-Humanitas, nota de rodapé, p. 14.

¹²⁶ *Idem*, p. 449.

¹²⁷ *Idem*. p. 506.

Conforme afirma o jornal *O Estado de São Paulo*, em reportagem sobre o tema:

“As polacas foram numerosas em São Paulo. Seus corpos eram enterrados no Cemitério Israelita de Santana, o Chora Menino, desapropriado na década de 1970. Os restos mortais foram então levados para o Cemitério Israelita do Butantã. Os corpos lá ficaram, separados dos demais, sob lápides sem identificação. Em 2000, a Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo colocou nomes nas lápides, em cerimônia comandada pelo rabino Henry Sobel. Ele também liderou movimento para que a história das polacas fosse ensinada aos jovens judeus. Parte da comunidade considera hoje que elas foram enganadas ao vir para o Brasil com promessa de vida melhor – a prostituição foi o último recurso.”¹²⁸

A própria Associação Cemitério Israelita de São Paulo, em livro comemorativo dos 85 anos de sua fundação, com o nome comunitário de *Chevra Kadisha*, relata, entre outros fatos históricos:

“Em fevereiro de 2000, depois de encontrada uma segunda lista nos arquivos na prefeitura com os nomes das sepulturas do antigo Cemitério Israelita de Santana, através de um culto religioso liderado pelo Rabino Henry Sobel, foi celebrada a nomeação das lápides, mas também o reconhecimento desta parcela de pessoas que fizeram parte da história da imigração à condição de israelitas.”¹²⁹

No anexo encontra-se um texto de Gilberto Dimenstein sobre a conduta do Rabino Henry Sobel no episódio das lápides.

Conforme consta no mapa do cemitério (anexo), adquirido em visita ao local em abril de 2013, as cerca de 167 sepulturas podem ser conferidas no Cemitério do Butantã. A grande maioria é de mulheres nascidas na última década do século XIX e as datas de falecimento na maioria são da década de 1942 a 1947. Algumas não possuem identificação e em nenhuma existem os textos das lápides originais. Fato interessante que abre perspectivas a novos estudos históricos. Estudo similar foi feito por Beatriz Kushnir no Cemitério de Inhaúma, Rio de Janeiro.

¹²⁸Torres, Flávia, *Jornal O Estado de São Paulo*, Caderno Cidades/Metrópole, Dia 18/05/2011, página C 6

¹²⁹ CYTRYNOWICZ, Roney & MUSSATTI, Monica. **Associação Cemitério Israelita de São Paulo 85 Anos**. São Paulo: Narrativa Um, 2008.

A respeito das Prostitutas (e suas famílias) de Santos – litoral do Estado de São Paulo –, Eva Alterman Blay relata em seu artigo “Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil”¹³⁰ a existência de um cemitério de prostitutas em Cubatão. A partir da indicação de Moyses Wagon – morador de Santos – sabe-se que em 1981 foi feita uma visita ao local que pertence à Sociedade Cemitério Israelita de Santos, naquele período muito pouco conhecido.

“Em Santos não havia um cemitério judaico e os corpos dos judeus eram trazidos para o Cemitério Israelita de São Paulo, localizado na Vila Mariana, exceto os de homens e mulheres ligados à prostituição. Prostitutas e rufiões constituíram um tipo de ‘irmandade’ para garantir o ritual judaico do sepultamento, já que não lhes era permitido usar os cemitérios israelitas da comunidade. Em 19 de janeiro de 1930, o Cemitério de Cubatão foi fundado. Em entrevista, o senhor Aluísio Alves Rabelo, funcionário da prefeitura de Cubatão, relatou que o cemitério ‘não tem interessado a ninguém’, não tem havido enterros e, em 1979, a prefeitura diminuiu seu terreno.”¹³¹

Interessante notar o depoimento do zelador, no período, relatando que:

"[...] havia uma sociedade cujos sócios só entravam se fossem da mesma religião e lá eram enterrados, ‘menos as crianças’. A cova se abria na hora [...]. Os mortos, mulheres e homens, vinham de Santos. [...] os caixões eram todos iguais, cobertos com um pano preto.”¹³²

Eva Blay relata o costume de pessoas que visitam cemitérios judaicos lavarem as mãos quando saem – ritual que também devia ser cumprido no cemitério de Cubatão, pois logo à entrada há uma pia com uma caneca para esse fim.

“Duas inscrições revelam quem ali os colocou: ‘Oferecido por Sara Mechlin’ e ‘Oferecido por Adélia Balbir e Elvira Hechtman’”.¹³³

¹³⁰ BLAY, Alterman Eva. “Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil”. In: **Tempo social**. Vol. 21 N.2, São Paulo: 2009, pp. 235-258.

¹³¹ *Idem.*

¹³² *Idem.*

¹³³ *Idem.*

Continuando seu relato, determina que do lado direito só havia sepulturas de mulheres e, do esquerdo, de homens. Faz parte do ritual, lavar o corpo do falecido ou da falecida, vestir uma mortalha branca e depois colocá-lo no caixão, que permanece fechado.

“O que me chamou a atenção naquela visita foi verificar que havia mulheres *e também homens* sepultados. Faz-se uma imagem dos rufiões como exploradores de mulheres, daí minha surpresa que elas os incluíssem nessa morada ritual. Não se tem como aprofundar essa questão diante dos atuais documentos disponíveis”.¹³⁴ [grifo da autora]

No artigo a autora faz uma reflexão sobre o Cemitério de Cubatão ser revelador das atividades profissionais daqueles homens e mulheres, e da manutenção dos vínculos com o judaísmo. Prostitutas e rufiões se identificavam, não escondiam suas origens, nomes e sobrenomes, assim como identificavam suas famílias; as inscrições incluem filhos, parentes e até mesmo os nomes dos pais.

“Apesar da exclusão dos cemitérios judaicos da comunidade por suas atividades, buscaram solucionar a questão reafirmando a fé no judaísmo. Fica claro o vínculo mortuário com o judaísmo. Construíram para si, além do cemitério, uma sinagoga à Rua Ribeiro da Silva, no Bom Retiro, em São Paulo, já demolida na época desta pesquisa.”¹³⁵

Confirmando a existência de uma sinagoga das prostitutas, como relatou Eva Blay em seu artigo citando na Rua Ribeiro da Silva, no bairro vizinho ao Bom Retiro, os Campos Elíseos, muitos “garotos da época” conheciam o local. Entre eles, citamos o testemunho de Chaim Wulf Birman¹³⁶, Engenheiro Civil, atualmente com 87 anos: segundo ele, nas grandes festas religiosas a garotada ia lá dar uma espiada e fazer *minian*¹³⁷. Os irmãos Israel e Leon Diksztejn¹³⁸ também confirmaram a existência da sinagoga, entretanto, ficando em dúvida quanto a sua localização exata.

¹³⁴ BLAY, Alterman Eva. “Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil”. In: **Tempo social**. Vol. 21 N.2, São Paulo: 2009.paginas 235 a 258 .

¹³⁵ *Idem*.

¹³⁶ Entrevista com o Sr. Chaim Wulf Birman, concedida ao autor em 24/12/2013.

¹³⁷ *Minian* é o número mínimo de 10 judeus exigido para que se possam realizar rituais como a leitura da *Torá* ou rezar o *Kadish* (a reza em homenagem aos mortos).

¹³⁸ Ver: entrevista com Israel e Leon Diksztejn [adiante, p.87].

As pesquisas sobre as polacas realizadas no Brasil, tanto no Rio de Janeiro (Lena Medeiro de Menezes, Beatriz Kushnir, Eliane Laudman, Marcelo Gruman) como em São Paulo (Margareth Rago, Sarah Feldman, Nachman Falbel), tratam do fenômeno a partir dos cafetões e das prostitutas ou da comunidade organizada. Mas, quem eram os clientes das polacas? Todos eram judeus, imigrantes, ou simplesmente eram homens e jovens do Bairro no qual atuavam as prostitutas? Seja como for, a seguinte lembrança dá um pouco de vida a um tema sobre o qual temos tão poucos testemunhos.

Chaim Wulf Birman lembra que na sinagoga das polacas na Ribeiro da Silva, havia um *Chazan*¹³⁹ que seguia as rezas e havia a Torá guardada em seu armário sagrado (*Aron há kodesh*). Este lembrança, de algo ocorrido no início da década de quarenta, trouxe à memória de Chaim outro episódio: relatando que foi ao barbeiro levado no braço por sua mãe. A barbearia ficava na esquina das Ruas Ribeiro de Lima com a Itaboca. A família Birman, cujo pai Henrique era alfaiate, morava na Rua Cônego Martins, numa casa de aluguel, modesta, geminada paralela à Ribeiro de Lima. Ao chegar à barbearia Chaim, 12 anos de idade, percebe a presença das moças de “*peignoir*” ou camisola e, estranhando, pergunta para mãe: “Elas estão doentes ou estão com sono?” Ele não sabia que aquela era a roupa de trabalho das mulheres, uma espécie de “*kimono*”. Na lembrança de muitos contemporâneos de Chaim, paira esta imagem das mulheres de camisola, na rua ou atrás das venezianas, das janelas das casas geminadas das ruas da “Zona”.

No próximo capítulo outros testemunhos serão relatados e a diferença entre o período das polacas do início do século XX e da fama das polacas da Zona Meretrício confinado no Bom Retiro na década de 1940 ficará mais clara.

¹³⁹ *Chazan* é o cantor que “puxa” as rezas, seguindo a leitura do *Sidur* (livro com as rezas apropriadas para o ritual diário ou dos dias festivos especiais).

Capítulo 4

A História da Rua Itaboca: rua de triste memória

História e Memória, segundo Pierre Nora¹⁴⁰, estão em constante conflito. O caso da Rua Itaboca e a mudança do nome confirma esta teoria.

Segundo a justificativa do decreto do vereador Jacob Zweibil, responsável pelo projeto que mudou o nome da rua, o motivo era claro, pois se tratava de “rua de triste memória”¹⁴¹. Tal atitude demonstrava a intenção de deliberadamente apagar da história a memória deste processo. Por se tratar de um local da vergonha, centro do meretrício confinado, a fama da Itaboca não era conveniente à História Oficial. Como ocorre em outras Ruas de São Paulo, o poder público, através da Câmara Municipal, elege arbitrariamente quem tem o direito à presença na História, perpetuando-se através das homenagens às personalidades que ganham nomes de rua.

As superposições, contradições, oposições e justaposições entre História e Memória foram analisadas por vários autores, entre os quais, Maurice Halbwachs e Pierre Nora. Esse último esclarece parte desta relação dialética entre a História Ciência, ou seja, historiografia, e a memória do seguinte modo:

“[...] desde que haja rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história. Pensemos nos judeus, confinados na fidelidade cotidiana ao ritual da tradição. Sua constituição em ‘povo memória’ excluía uma preocupação com a história, até que sua abertura para o mundo moderno lhe impôs a necessidade de historiadores. [...]”¹⁴²

Segundo Nora, memória e história não são sinônimos, pois tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos. A História é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais, já a memória é um fenômeno sempre atual, “um elo vivido no eterno presente”.

¹⁴⁰ NORA, Pierre. “Entre memória e história, a problemática dos lugares”. Tradução de Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, 10/12/1993 pp. 7-22.

¹⁴¹ Ver anexos: documento da câmara municipal de São Paulo.

¹⁴² Cf. NORA, Pierre. Obra citada. .

Ao se resgatar o nome Rua Itaboca vem à lembrança dos moradores do bairro e da cidade contemporâneos da década de 1940 uma memória que procurou ser apagada através da mudança do nome. Evocar uma homenagem a Cesare Lombroso é mais uma pista desta tentativa arbitrária e compreensível de excluir tal processo histórico dos anais da História paulista e da História da comunidade judaica em particular.

Do confinamento ao fechamento da Zona de Meretrício entre 1940 a 1953

Cabe diferenciar três períodos distintos na presença da Zona de Prostituição no Bom Retiro: o primeiro estaria ligado, efetivamente, ao tráfico e a movimentação de uma verdadeira rede internacional de prostituição confirmada por Jeffrey Lesser¹⁴³ e por Nachman Falbel¹⁴⁴. Destaca-se o papel da imprensa, da comunidade e suas instituições na luta contra a verdadeira máfia do grupo “*Zwi Migdal*”, a rede mais importante de prostituição judaica, com origem na Rússia e posteriormente na Polônia e que mantinha conexões com as grandes cidades da América (Nova York, Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo). Na Argentina, no início da década de 1920, foi feita uma operação para eliminar a presença desse grupo, e alguns vieram tentar a atividade no Rio de Janeiro e São Paulo, sendo rapidamente identificados pelos agentes da Polícia Federal. Muitos foram presos e deportados. Porém a prostituição não era crime e as prostitutas devidamente cadastradas permaneceram no país. Na década de trinta algumas delas tornaram-se cafetinas ou donas de pensões. Este ambiente caracteriza o que poderíamos denominar como “pré-Zona do Meretrício” até o fim da década de trinta.

Esse período inicial influenciou a imagem da região, que, não por acaso, foi escolhida por Ademar de Barros como centro da prostituição da cidade, através do confinamento elaborado pelo poder público. Durante o que poderíamos caracterizar como o segundo período, muito pouco documentado devido à censura do DIP – órgão repressor do Estado Novo.

¹⁴³ LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica**: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995, pp. 72-78.

¹⁴⁴ FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil**: estudos e notas. São Paulo: EDUSP-Humanitas, 2008. pp. 449-508.

Finalmente, a terceira fase seria o fechamento, após intensa mobilização dos comerciantes, da comunidade do bairro. Como destaca Liziane Peres Mangili¹⁴⁵, à mobilização se somaram atividades tanto da imprensa como do Governo Estadual, especialmente o esforço do Governador Lucas Garcez, confirmados por vários artigos e reportagens nos jornais da época (ver no anexo).

Após o fechamento da Zona, inicia-se o período da boca do lixo como centro da prostituição na cidade, porém o movimento ocupa as ruas e os pequenos hotéis da região decadente do bairro dos Campos Elíseos (Alamedas Cleveland, Glete e Nothman e suas ruas transversais).

Prostituição em São Paulo

Margareth Rago é uma referência nos estudos sobre a prostituição em São Paulo, devido às análises acerca da construção dos rótulos e discursos da elite brasileira direcionados às classes marginalizadas do início do século XX, em especial sobre o discurso preconceituoso dirigido aos operários e prostitutas.¹⁴⁶

Ao tornar-se “mãe-esposa-dona-de-casa”, a mulher representa exatamente o oposto da prostituta, antimodelo, rotulada como sendo “indecente”, “promíscua”, “carnal”, “vaidosa”, “mercadoria”. A autora completa a análise afirmando:

“A prostituta construída pelo discurso simboliza a negação dos valores dominantes, ‘párias da sociedade’, que ameaça subverter a boa ordem do mundo masculino. Seu objetivo principal é a satisfação do prazer e, nesta lógica, prazer e trabalho são categorias antinômicas. Por isso, ela deve ser enclausurada nas casas de tolerância ou nos bordéis, espaços higiênicos de confinamento da sexualidade extraconjugal”.¹⁴⁷

A discussão de Rago sobre políticas sócio-sanitaristas e condutas, para bordéis e prostitutas respectivamente, nos auxiliará na descoberta e compreensão dos possíveis motivos orientadores da concentração do comércio do sexo na região destinada para esse

¹⁴⁵ MANGILI, Liziane Peres. **Bom Retiro, bairro central de São Paulo**: transformações e permanências 1930-1954. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2011.

¹⁴⁶ RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985.

¹⁴⁷ *Idem*, p. 90.

fim no espaço da cidade, e como o modelo de “espaços higiênicos de comportamento da sexualidade extraconjugal” influenciaram o comportamento dos moradores do bairro.

Na obra *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo 1890-1930*¹⁴⁸, a mesma autora discute a utilização que a elite paulistana fez da Zona de Meretrício enquanto espaço de confinamento, como “mal necessário”, espaços reelaborados e higienizados da cidade e das classes marginalizadas, tolerados por ter a função de conter os desejos sexuais masculinos. A modernização econômica, cultural e principalmente social, alterou o panorama da prostituição, transformando o bordel em um mundo cuja maior função era divertir o sexo masculino, no mundo tão diferente daquele “espaço de contenção”, criado pelos médicos sanitaristas. Além da localização no Centro das grandes Cidades, necessitavam de uma estrutura de sustentação.

Michelle Perrot auxilia na discussão do papel de prostitutas e cafetinas lidando com o bordel enquanto espaço público de socialização, na classificação de “mulheres públicas”.¹⁴⁹ Em *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*, Perrot explica que à mulher, através do discurso implantado pela burguesia no século XIX, coube ordenar funções domésticas, circunscritas à dimensão privada da vida. Podemos observar a existência de uma divisão de gênero nos espaços e funções sociais: homens, público; mulheres, privado – onde a figura materna ocupava a mais alta posição, representando a mulher privada.¹⁵⁰

As teorias de Alain Corbin sobre o fenômeno da prostituição nas grandes concentrações urbanas são pertinentes para entender o impacto da prostituição nas grandes cidades do Ocidente. Seu ponto de vista foi resumido da seguinte maneira:

“Na primeira metade do século XIX, a população de Paris - e das grandes cidades – se caracteriza por uma desproporção entre o número de homens e de mulheres. Os imigrantes da época [...] só conseguem trazer a família mais tarde”.

[esta desproporção sempre foi crônica na cidade de São Paulo até o início do século XX].

¹⁴⁸ RAGO, Margaret. **Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

¹⁴⁹ PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

¹⁵⁰ PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 183.

“O bordel, sob grande vigilância da polícia, é uma instituição indispensável para evitar estupros, e outros problemas da área de costumes. [...] Essa revolução tem seu preço: sífilis.”¹⁵¹

Corbin faz um jogo com palavras *sifilização* e civilização.

“Se acrescentarmos que a mulher da vida às vezes também era alcoólatra, e amiúde tuberculosa, entende-se que a *angústia da degenerescência* tenha apavorado as populações e que o apelo à ordem moral tenha prevalecido como forma de proteger a raça. A sifilofobia só terminará após a Segunda Guerra Mundial, com o surgimento dos antibióticos”.¹⁵²

No anexo desta dissertação, estão fotocópias dos cartazes das secretárias da saúde do Estado de São Paulo e do Ministério da Saúde (do período do confinamento) com as campanhas de prevenção à sífilis, assim como as fichas de controle individual e outros documentos relacionados ao acervo do Museu Emílio Ribas.

O discurso sanitarista está presente nas diversas referências sobre a prostituição do início do século em São Paulo. Em estudo realizado por João Batista Mazzeiro, a respeito da criminalização da prostituição, aparecem alguns conceitos que explicam o motivo da fama duramente combatida pela comunidade judaica.

Segundo o autor, a prostituição não se constituía legalmente em crime, apesar de todas as formas de criminalização que o Estado lhe impunha, porém explorar o meretrício, pelo direito penal, era crime. As pessoas envolvidas no proxenetismo foram, portanto, controlados, reprimidos, presos e expulsos. Alguns juristas, policiais, médicos e outros profissionais que trataram da prostituição a consideraram um "mal necessário", tolerado nos centros populosos no próprio interesse da família e da sociedade. A polícia, porém, tem o dever de regulamentá-la, de localizá-la e de vigiá-la, impedindo que a sua sombra sejam cometidos atentados à moral pública ou praticado o lenocínio.¹⁵³

O chamado “mal necessário”, ao tolerar e regulamentar a prostituição, criava um “caftismo oficial”: as mulheres eram recolhidas às casas de tolerância e entregues a uma mulher de confiança da polícia. Segundo Cândido Motta:

¹⁵¹ ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. **História da Vida Privada, da primeira guerra aos nossos dias**, vol. 5 São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, pp. 352-353.

¹⁵² *Idem*, p. 353.

¹⁵³ MAZZEIRO, João Batista. “Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos” - São Paulo 1870/1920. **Revista Brasileira de História**, v. 18, n. 35, pp. 247-285, 1998.

“[...] era esse o pior sistema de todos, pois transformava as mulheres em escravas da dona da casa. Nesse sistema, elas não podiam sair da casa, não tinham o direito de escolha, transformando-se numa ‘máquina’ de produzir satisfação para os homens e dinheiro para a dona da casa”.¹⁵⁴

Em outra passagem do estudo de Mazzeiro, fica clara a relação de preconceito estabelecida pelo relato de autores da época entre a prostituição, rufianismo e os judeus:

“O pior dos proxenetas, nessa avaliação, seria o ‘judeu’, para quem a ‘mulher é exclusivamente uma mercadoria’, agindo como se estivesse num negócio: o meretrício devia dar lucro, não havendo sequer o relacionamento sexual com a mulher, sendo o proxeneta visto como um elemento desestabilizador da prostituição: ‘Se o proxeneta fosse eliminado, as mulheres que se dedicam ao comércio do meretrício teriam a sua vida melhor organizada e seria muito menor o volume de prostituição’”.¹⁵⁵

Concluindo seu estudo, João Batista Mazzeiro destaca que o desenvolvimento da cidade, a urbanização, traz a figura do “*câften* profissional”:

“A ele, estavam ligadas a competitividade e a violência da prostituição. A proximidade de São Paulo em relação ao Rio de Janeiro e o desenvolvimento da cidade atraíam os exploradores de mulheres. Apesar da grande imigração para São Paulo, somente o tráfico pode explicar o número de estrangeiras das mais diversas nacionalidades existentes na prostituição da Pauliceia”.¹⁵⁶

O período do confinamento da Itaboca, Aimorés, Carmo Cintra e Ribeiro de Lima

Na esquina das ruas José Paulino com Ribeiro de Lima, do lado esquerdo de quem vem do Jardim ou da Estação da Luz, avistamos os muros do elevado do trem –antiga

¹⁵⁴ MOTTA, Candido. “Prostituição, Polícia de Costumes e Lenocínio”. São Paulo, 1897, p. 316. *Apud* MAZZIEIRO, João Batista. “Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920”. **Revista Brasileira de História**, v. 18, n. 35, pp. 247-285, 1998.

¹⁵⁵ AGUIAR, Anésio Frota. “O Lenocínio como problema social no Brasil”. Rio de Janeiro, 1940. pp. 15-23. *Apud* MAZZIEIRO, João Batista. “Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920”. In: **Revista Brasileira de História**, v. 18, n. 35, pp. 247-285, 1998.

¹⁵⁶ *Idem, ibidem*.

Ferrovias Sorocabana –, até o pontilhão da Rua Silva Pinto¹⁵⁷. O grande muro de pedras vermelhas contrasta com a torre da Estação de trem Júlio Prestes que pode ser vista ao fundo. Do outro lado, andando à direita pelo muro, seguindo até 150 metros na outra extremidade, fica uma passagem, que permitiu a ligação entre o Bom Retiro e os Campos Elíseos, anteriormente fechada, isolando o bairro do Bom Retiro¹⁵⁸.

O desenvolvimento urbano da região está intimamente ligado ao alargamento da antiga Rua dos Imigrantes, rebatizada de Rua José Paulino, que ligava a estação de trem até a olaria que deu origem às primeiras casas, iniciando o processo de urbanização da chácara Bom Retiro.

O perímetro ou quadrilátero da Zona do Meretrício fica paralelo à Rua José Paulino, entre as paredes do trem e o elevado que separa o Bom Retiro do outrora bairro de elite dos Campos Elíseos.

Guido Fonseca, em sua obra *História da Prostituição em São Paulo*¹⁵⁹, faz citações sobre os cafetões, o tráfico e a exploração de mulheres, com números fornecidos pelos arquivos da Polícia Estadual¹⁶⁰. Ele apresenta um capítulo destinado à Zona do Bom Retiro¹⁶¹. Fica clara a ação do poder público e a escolha do local:

“[...] Após muita discussão, escolheram-se, finalmente, duas pequenas e discretas ruas do Bom Retiro, para acolher as marafonas que viviam nos mais sórdidos prostíbulos da Pauliceia.¹⁶²”

Um relatório pesquisado pelo autor Guido Fonseca, apresentado ao Presidente Getúlio Vargas pelo Dr. Ademar de Barros, Interventor Federal de São Paulo, em 1940, na página 92 da Revista dos Tribunais, afirma:

“Essa medida trará inúmeros benefícios: não só para facilitar o policiamento, como também, por oferecer um interessante campo para estudos sociais, defendendo, ao mesmo tempo, a ordem e a moralidade

¹⁵⁷ Consultar anexo: mapa do bairro com ruas em destaque.

¹⁵⁸ Ver documentário “**O Bom Retiro é o Mundo**”. Roteiro e Direção de André Klotzel, com texto e parceria do roteiro com José Roberto Torero.

¹⁵⁹ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

¹⁶⁰ *Idem*, pp. 133-149.

¹⁶¹ *Idem*, pp. 209-215.

¹⁶² *Idem*, p. 210.

públicas [...] A mudança ocorreu em 1940 e a Delegacia de Costumes, sua principal responsável, atravessou uma fase trabalhosa e agitada”¹⁶³.

Como motivo adicional o autor alega a pressão pela solução do problema que afetava toda a vizinhança. O centro da cidade no período era frequentado pela elite paulistana que não queria conviver com esses tipos perigosos, causadores de desordens e violência, principalmente nas noites de sábado quando aumentavam os transtornos.

Peculiar que, ainda segundo o Fonseca, percebe-se na Rua Itaboca durante o dia tinha o movimento de uma rua comum, como revela o excerto de Nuto Santana:

“[...] invadida por leiteiros, padeiros, verdureiros, catadores de papel e vendedores dos mais variados [...] Ao entardecer, no entanto, as mulheres iam postando junto às portas e janelas como em *mostruários*, à espera do desfile de homens que aumentava com a chegada da noite.”

164

Alegando o surgimento de rivalidades entre as ruas Aimorés e Itaboca, Guido Fonseca aponta novamente o depoimento do livro de Nuto Santana:

“[...] Suas negras fétidas, os seus bêbados, os desordeiros, os criminosos, os vadios, o cheiro nauseabundo, o bafio dos coitos selvagens e a miséria que emprestavam afugentavam a maioria dos seus visitantes.”¹⁶⁵

Outra referência ao confinamento pode ser conferida no artigo abaixo:

“O então Governador Ademar de Barros transferiu a ‘Zona’ para o Bom Retiro (Rua Aimorés e Rua Itaboca), alegando o seguinte: ‘É produto vosso, fica para vocês’”¹⁶⁶.

A frase, atribuída pelo artigo ao então interventor, demonstra a ignorância e o preconceito não somente do famoso político paulista, como de boa parte das elites paulistas.

¹⁶³ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982. p. 216.

¹⁶⁴ SANTANA, Nuno. “Rua Aimorés”, p. 41, ti Rossolillo, 1958, *Apud* FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982, p. 210.

¹⁶⁵ *Idem, ibidem*.

¹⁶⁶ **SHALOM, Revista**. Edição de Novembro de 1975, p. 52.

Além do mais, um estudo realizado sobre a nacionalidade das prostitutas comprova que a maioria era de brasileiras, e um número muito menor de russas ou polonesas.¹⁶⁷ Mesmo assim, na memória da própria coletividade, ficou marcado o período das polacas no bairro, como atesta o testemunho de Jacob Guinsburg:

“Em 1940, o Interventor Federal Adhemar de Barros confinou toda a prostituição da cidade na rua Aimorés. O Bom Retiro se tornou bairro de prostituição, onde reinavam as ‘polacas’, nome dado às prostitutas judias. Elas tinham sinagoga e cemitério próprios, pois atribuíam má fama aos judeus e sofriam com o preconceito da comunidade. Mas também eram grandes frequentadoras do teatro ídiche musical. As putas adoravam musicais”.¹⁶⁸

Outro testemunho da presença das prostitutas, diz o autor Eliezer Levin na obra *Bom Retiro*¹⁶⁹: “Os bêbados perambulavam pelas ruas. A zona prosperava na Aimorés”. Os relatos do autor falam de um período específico de sua infância, ou seja, idos de 1942:

“Um dia, um dos nossos sugeriu a ideia de darmos um passeio pela ‘zona’. Estávamos em pleno verão, o cheiro das folhas verdes andava no ar. Queríamos novas aventuras. Com o coração a bater em desespero. O acesso à ‘zona’ não apresentava muitos problemas. Havia um único guarda de ronda. Entramos correndo e nos refugiamos na primeira porta. [...] Assim, o nosso grupo percorreu-a de ponta a ponta, enchendo os olhos com tudo o que viu.

Eram duas ruas estreitas, que corriam paralelas, cheias de homens. Atrás das venezianas, mulheres vestidas com quimonos coloridos esboçavam acenos e gestos lascivos. Os seus estranhos movimentos faziam-nos rir. De vez em quando deixavam entrever um pedaço de seio nu.

–Vem cá, benzinho, vem cá!”¹⁷⁰

Algumas obras literárias pesquisadas por Márcia Regina Ciscatil¹⁷¹ para os estudos sobre o universo da malandragem e da boemia na cidade de São Paulo na primeira parte do

¹⁶⁷ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982, p. 212.

¹⁶⁸ GUINSBURG, Jacob. “Bom Retiro dos anos 30 - Estou falando de uma cidade que não existe mais.” **Revista 18**, ano IX, n. 30 p. 44-47, set. 2011.

¹⁶⁹ LEVIN, Eliezer. **Bom Retiro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

¹⁷⁰ *Idem*.

século XX revelam-se privilegiadíssimas fontes históricas para entender a dinâmica da chamada Zona do Meretrício. Muitos autores criaram entre seus personagens: vadios, malandros, cafetões, cafetinas, prostitutas, jogadores, golpistas e trabalhadores braçais. Isto é, criaram tipos sociais, generalizados, tanto pelo discurso da imprensa de época como pelo discurso de políticos, que falavam de uma “escória social”. Momentos, experiências, costumes e valores da parcela marginal da sociedade paulistana compõem as obras discutidas e localizadas entre o ficcional e o memorialístico. Segundo a autora, a decadência do processo de urbanização e existência das zonas periféricas em meio à modernização excluía os menos favorecidos na primeira parte do século XX.

Mme. Pommery, de Hilário Tácito, *Estórias da boca do lixo*, de Ramão Gomes Portão, e *Memórias de Simão, o Caolho*, de Galeão Coutinho, são algumas das obras literárias que representam uma visão de uma memória ou uma versão nada edulcorada da cidade que então se metropolizava. Apesar de categorizar esta literatura como “de segunda ordem”, por serem textos “popularescos, folhetinescos”, Ciscatil justifica sua importância ao afirmar:

“[...] permitem-nos costurar um conhecimento sobre parcelas e valores sociais não contemplados, ou sem espaço, numa proposta histórica glorificadora do ‘espírito bandeirante’ e do ‘triumfo paulista’.”¹⁷²

A partir do exemplo de *Estórias da Boca do Lixo* – que segundo a pesquisa, tem o sentido de confirmar o fracasso daquele projeto modernizador, já iniciado às avessas, desde o começo do século XX – vê-se que Romão Gomes Portão¹⁷³, embora contextualize sua trama na década de 1960, lembra muito o contexto da primeira metade do século XX, o ambiente oligárquico que representava o cotidiano nos *rendez-vous* das cidades grandes, também apontando, cinicamente, quem seriam os “donos da boca”:

“Já é do nosso tempo a fama das ruas Aurora e Vitória, onde o amor era fácil e barato. Amor blenorragico ,... o martelo de borracha, o dedo na próstata. Depois houve festa para receber a penicilina. Aqui entre nós, não falta quem se recorde de alegres visitas à ‘boca do lixo’ nas

¹⁷¹CISCATI, Márcia Regina. **O avesso da metrópole** – outra identidade paulista na literatura marginal. <http://www.portalamericas.edu.br/revista/pdf/ed7/art05.pdf>, acesso em 08/11/2014.

¹⁷²*Idem.*

¹⁷³ PORTÃO, Ramão Gomes. **Estórias da boca do lixo**. São Paulo: Exposição do Livro, 1969. Como se trata de uma ficção, optamos por destacar essas passagens em *italico*, para distingui-las das documentais.

ruas Itaboca, Aimorés... E nós, crianças de grupo escolar, cantávamos no pátio quadrinhas obscenas sem saber porque: “Lá na rua da Itaboca /Já puseram tabuleta, quem tem dinheiro...quem não tem ...”

Portão¹⁷⁴, embora contextualize sua trama na década de 1960, lembra muito o contexto da primeira metade do século XX, o ambiente oligárquico que representava o cotidiano nos *rendez-vous* das cidades grandes. Também aponta, cinicamente, quem seriam os “donos da boca”:

“Não, meus senhores. Os donos da ‘boca’ não eram marmanjos que vendem e usam maconha, ‘bolinha’ e ‘picadas’, que assustam o incauto em vez de atraí-lo com palavras de carinho como as cafetinas francesas, feias e bajuladoras: – Voilà, mon chéri!”

[relatando o ambiente rico da boca do luxo]

*“Os homens falavam de política, do Estado Novo, de mulheres nas confortáveis salas de estar, bebericando champanha, cerveja ‘Cascatinha’ (casco escuro, por favor...) ou conhaque Napoleão. Num ambiente fraterno não se faltava com respeito: – Como vai o ilustre amigo senador Vergueiro”*¹⁷⁵

O escritor Moacyr Scliar também dedicou uma obra ao tema das polacas. Na ficção *O ciclo das águas*, toda atmosfera dos traficantes e das dificuldades enfrentadas pelas jovens judias, pode ser identificada através dos personagens Esther, Mendele (seu pretense noivo) e do cafetão Leiser. Esther é uma personagem cuja trajetória revela muitas características deste universo: vinda de uma pequena aldeia do interior da Polônia, a filha de um *mohel*¹⁷⁶, vai até a Argentina e depois a um luxuoso bordel em Porto Alegre, no sul do Brasil.

A obra relata o fato revelador que devido a denúncia ao governo pela *Ezrat Nashim*, uma organização judia da Inglaterra que estava decidida a acabar com o tráfico de escravas brancas, teriam de fechar o bordel por uns tempos.

“Navio, outra vez. Ela, Leiser e mais duas. [...]

¹⁷⁴ PORTÃO, Ramão G. *Estórias da boca do lixo*. São Paulo: Exposição do Livro, 1969, pp.43-44.

¹⁷⁵ *Idem*, p. 44.

¹⁷⁶ *Mohel*: responsável pela execução do ritual judaico da circuncisão.

*O navio atracava. O ano era de 1929. No cais foram recebidos por dois homens- bem vestidos mas mal-educados [...]*¹⁷⁷

Em outra passagem podemos perceber a riqueza do ambiente das polacas e rufiões do início do século XX:

*“Esther tinha um quarto só para ela: larga cama com dossel vermelho, cortina da mesma cor; – e na parede e no teto espelhos.”*¹⁷⁸

Os rufiões do início do século XX tinham boas relações com os oligarcas:

*“Ali fumando cigarros que extraía de uma cigarreira de ouro, Leiser atendia aos emissários – e também gente importante, figurões que entravam em grandes carros e desciam com o chapéu puxado sobre a cara”*¹⁷⁹

O personagem Leiser criado por Moacyr Scliar tinha o hábito de rezar todas as manhãs conforme o rito judaico, utilizando o *talit* (uma espécie de xale com franjas de uso ritual) e os *tefilin* (filatérios). Leiser fazia reuniões com políticos da região e os bordéis eram numerosos, todos com requinte próprio ao período de 1929 ao início dos anos trinta.

A riqueza do ambiente das polacas relatada na obra de Moacyr Scliar, ou mesmo na de Hilário Tácito¹⁸⁰ em *Mme. Pommery*, não pode ser encontrada nos relatos sobre a Zona do Meretrício em São Paulo. O ambiente é decadente, pobre de recursos, imperam as doenças, os tipos são malandros ladrões de pequeno porte, não grandes mafiosos, políticos ou magnatas.

Durante 13 anos, houve a presença de prostitutas que não só trabalhavam nas ruas Itaboca, Aimorés e Carmo Cintra, como tinham moradia nesses locais, apesar de com o tempo ocuparem os hotéis da região dos Campos Elíseos para descansar ou morar com algum amante.

¹⁷⁷ SCLIAR, Moacyr. **O ciclo das águas**. São Paulo: Editora Globo, 1975, p. 27.

¹⁷⁸ *Idem*, p. 27.

¹⁷⁹ *Idem*, pp. 26-29.

¹⁸⁰ CISCATI, Márcia Regina. **O avesso da metrópole** – outra identidade paulista na literatura marginal. <http://www.portalamericas.edu.br/revista/pdf/ed7/art05.pdf>, acesso em 08/11/2014, às 11h.

Hiroito Joanides, autor da obra *Boca do Lixo*¹⁸¹, demonstra em detalhe o cotidiano dessas mulheres que no período da Zona, ou seja, no período do confinamento, entre 1940 até 1953, exerciam seu ofício num ambiente fechado, os clientes entravam no recinto e escolhiam suas preferências, sendo proibido negar um programa, as mulheres não tinham opção de escolha. Além disso, havia a questão da necessidade de segurança contra todo tipo de malandros, policiais corruptos ou violentos, limpeza do ambiente, proteção contra doenças venéreas ou infectocontagiosas, num local considerado justamente foco destas doenças.

Como foi constatado na obra *História da Prostituição em São Paulo*, de Guido Fonseca, relatada anteriormente, a maioria delas era de mulheres empobrecidas e migrantes brasileiras. A distinção entre os períodos históricos do início do século, período conhecido como o das “polacas” e seus rufiões, não deve ser confundido com a etapa posterior, quando a política de Estado causou enorme desconforto à comunidade judaica e, sobretudo, a toda a comunidade do Bom Retiro, ao confinar as prostitutas que antes estavam espalhadas centralizando o meretrício nessa específica região.

O Estado confinou as prostitutas (segundo as fontes, eram mais de mil moradoras¹⁸²). Controlava-se o movimento através da delegacia de costumes que mantinha acompanhamento médico e havia a profilaxia dos frequentadores através de delegacia, posto médico e farmácias no local.

Esta pesquisa não pretende resgatar a memória da comunidade das polacas no Bom Retiro, entretanto, elas são uma referência na construção da identidade judaica no Bairro. Assim, o objetivo da pesquisa é esclarecer em que medida o ato do Interventor Federal, Prefeito e Governador Ademar de Barros prejudicou o dia a dia dos moradores do Bom Retiro e como conviviam com tal situação. Cabe também refletir sobre quais seriam as relações entre os moradores e a região da Zona. Qual seria a sociabilidade do lugar?

No dia 8/03/1946, na página 7 do Jornal *O Estado de São Paulo*, na sessão de colaboração dos leitores, é publicada uma carta do Sr. Valdomiro Borges Couto, a qual, segundo a introdução da redação:

¹⁸¹ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977.

¹⁸² FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

“[...] assinala com acerto, a inércia da Polícia de Costumes que desprezando os bairros apenas se preocupa em chamar atenção do que faz ou não faz em relação à Zona Central de São Paulo. Suas observações assim definem uma situação que, se nada tem de novidade, muito tem, entretanto, de verdadeiramente aflitiva:”

A carta do leitor não poupa críticas à Polícia de Costumes responsável pelo controle da Zona:

“A polícia de costumes de nossa capital está agindo como fazia há vinte anos atrás! Imagine que por sua liberação a Zona do Baixo Meretrício ficou localizada no Bairro do Bom Retiro. Numa Zona comercial e industrial ela afeta a moral e a formação de inúmeros jovens de ambos os sexos que precisam manter-se pelo trabalho e ali transitam diariamente. E quanto aos escolares? Há nas imediações da citada Zona do Meretrício, inúmeras escolas como por exemplo as seguintes: Escola de Comércio Tiradentes, Colégio Santa Inês, Escola de Farmácia e Odontologia, Colégio Coração de Jesus, Colégio Stanford, Grupo Escolar Marechal Deodoro e outras.

Imagine Senhor Redator que os alunos destas escolas transitam diariamente por esta Zona, viajando de bonde ou ônibus em promiscuidade com homens e mulheres da pior espécie. Par disso inúmeros ‘bars’ se abriram como satélites do ‘bas fond’ e a orgia e as brigas se sucedem diuturnamente, com assassinatos, roubos, ferimentos, etc. Não se compreende como a Polícia não tome medidas drásticas, espalhando por toda ‘urbs’ esta chaga social, que dizem ser um mal necessário, mas que se agrava e se torna alarmante com a centralização, ligada aos aproveitadores de toda espécie e ao escândalo que submetem a população.

A aglomeração de desocupados de bêbados de ‘valientes’, etc., torna mais tétrica a solução do problema. Haverá solução? [...] E os botequins que funcionam ininterruptamente envenenando a população, propiciando a ocasião para prática de crimes, pervertendo a mocidade? [...]”

A carta termina com um apelo à redação do Jornal, pedindo apoio para uma campanha da imprensa no sentido de “remover do Bairro esta chaga social”. Tanto a carta como os depoimentos apontam para uma visão daqueles que não frequentavam a Zona do

Meretrício, evitando pessoas e lugares indesejáveis. Todavia, uma visão oposta como podemos conferir no livro autobiográfico de Hiroito Joanides sobre a Boca do Lixo, demonstra, – como as atas das associações de prostitutas de fé judaica, na pesquisa de Beatriz Kushnir – o lado humano dos “impuros”.

Um passeio pelos lugares da memória

Investigar o cotidiano de um grupo ou de uma pessoa, analisar experiências e memórias para dar algum sentido à coleção de vivências daqueles que atuaram e vivenciaram o processo histórico do confinamento do meretrício no bairro do Bom Retiro, na década de 1940 e 1950, não é uma tarefa simples. Até porque, conforme Portelli coloca:

“[...] a História Oral tende a representar a realidade [...] como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos [...]”¹⁸³

Não obstante, trabalhar com a memória através de depoimentos, nos quais o passado é trazido para o presente, também possui complicações. A narrativa oral, marcada pela subjetividade do depoente, colabora para fazer com que em sua fala estejam projetados desejos íntimos, fantasias, ou ainda, práticas não realizadas no passado, mas que, com o tempo, assentaram na memória como já realizadas. É como relata Portelli:

“Fontes Oraís contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez.”¹⁸⁴

Hiroito de Moraes Joanides, conhecido criminoso da *Boca do Lixo*¹⁸⁵ relata de forma autêntica suas primeiras impressões sobre a Zona que deu origem a “Boca”:

“[...] aquele primeiro encontro com uma profissional do amor. E gostei da coisa. Quero dizer, gostei muito, tanto assim que, de então em diante, possuísse eu os necessários cinco cruzeiros e haveriam de ver-me, todo

¹⁸³ PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: **Revista Projeto História 15 – Ética e História Oral**, p 16.

¹⁸⁴ PORTELLI, Alessandro. “O que faz a História Oral diferente”. In: **Revista Projeto História 14 – Cultura e Representação**, p.31.

¹⁸⁵ *Boca do Lixo* é a região do meretrício no bairro dos Campos Elíseos, região de fronteira com o Bom Retiro. Após o fechamento da Zona, seus hotéis e suas ruas tornaram-se o centro da prostituição do baixo meretrício.

afobadinho, a desfilar pelas ruas Itaboca e Aimorés, diante daquelas fileiras de portas e ‘janelas-vitrines’ onde um mar de mulheres, de todos os tipos, cores e tamanhos, se oferecia à ‘macharia’ passante.

Verdade que o ato do amor, ali, na condição de freguês pagante, era nada mais que mecânico, destituído de maiores floreios e de uma rapidez deveras entristecedora.”¹⁸⁶

Por se tratar de uma visão de perto e de dentro, o testemunho de Hiroito ganha contornos maiores e merece um olhar mais apurado. Algumas frases revelam parte de um mundo desconhecido, o mundo dos impuros ou, como ele mesmo definiu, o “submundo”:

“[...] talvez para espanto de alguns, os delinquentes, apesar de seus atos criminosos, da licenciosidade de suas condutas, dos seus desregramentos e vícios, são todos, seres humanos – sujeitos, portanto, às mesmas dores e alegrias, tristezas e prazeres, entusiasmos e angústias que sentem e sofrem os mais puros de espírito [...]”

“[...] invariavelmente a prostituição, no meio e em torno dela, sempre é que irão surgir e se desenvolver “colônias” de criminosos, contraventores e vadios. E isso porque, para tais seres, é a prostituição receptáculo não apenas dos apetites do sexo [...]. Unicamente nela, prostituta, encontra o marginal, o delinquente, possibilidades para uma pálida satisfação das humanas necessidades de relacionamento emocional-afetivo.”

Em São Paulo, até 1953, o submundo da cidade, com exceção de algumas pequenas sucursais, concentrava-se no bairro do Bom Retiro, girando e pululando em torno do meretrício, até então ali oficialmente configurado.”¹⁸⁷

Procurando esclarecer o lado humano dos criminosos, acaba por revelar uma ética da malandragem, onde outros padrões morais são estabelecidos e respeitados. Segundo o famoso bandido da boca, a ideia vulgarizada de que o delinquente é um tipo essencialmente ocioso e sedentário é falsa, assim como a expressão que afirma a prostituta como “mulher de vida fácil”.

“De toda classe de delinquentes unicamente o rufião, o cáften, que passa as noites flanando por boates, bilhares e casas de jogo, enquanto sua

¹⁸⁶ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977, pp. 39-40.

¹⁸⁷ *Idem*, p.20.

mina se prostitui, pode ser considerado, um ser parasitário. Além do mais, trata-se de tipo não muito difundido no nosso meio criminal e a sua ocupação (ou desocupação?) não é lá bem-vista pelos demais integrantes do submundo, que veem o rufianismo como algo assim meio imoral. É a imoralidade dentro da imoralidade...”¹⁸⁸

O autor alega que empregar o termo rufião a todo marginal que vive com uma meretriz é um erro, já que alguns possuem ocupação própria, não dependendo nem se valendo do dinheiro das suas parceiras.

“Aliás, chama-los de rufiões provoca nesses briosos rapazes, a mais autêntica das indignações.”¹⁸⁹

Hiroito também nos apresenta um personagem peculiar: Nelsinho “o judeu”, posteriormente apelidado como “Nelsinho da 45”. Apresenta o rapaz como bom tipo, loiro, parecendo um anjo, que por vadiagem foi preso na temida detenção da Avenida Tiradentes, onde lutou bravamente para evitar ser molestado – pois, como diziam na época ”mulher de preso é preso mesmo.”¹⁹⁰ Assim ganhou a fama de valente e um dos astros da boca do lixo. A região infestada por tipos malandros e valentes, também recebia os chamados otários, para isso existiam os bares no entorno, sua descrição dos bares da boca do lixo, nos Campos Elíseos na década de 50, revelam o cotidiano da Zona:

“Ainda como local de diversão, numa categoria à parte, destinada exclusivamente aos otários que frequentavam (pois que malandro algum iria ali deixar o seu dinheiro) a ‘Boca’, havia também os bares de garçonetes, os chamados ‘infernhos’, que infestavam a zona. Esses ‘infernhos’ não passavam de bares comuns, de portas abertas, com a diferença única de possuírem um toca discos tocando em altíssimo som e quatro empregadas, as ditas ‘garçonetes’, geralmente feias, as quais de dentro do estabelecimento, com sorrisos que eram promessas, se punham a aliciar os passantes: ‘vem cá, meu bem, me paga uma cervejinha amor’ e ditos que tais. A cervejinha ali custava cinco ou seis vezes o preço comum [...] sentadinho em uma das mesas, acompanhado e ajudado pela

¹⁸⁸ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977, p. 93.

¹⁸⁹ *Idem*, p. 33.

¹⁹⁰ *Idem*, p. 42.

dama escolhida, com direito a boliná-la, dentro de um limite que ia se alargando na razão direta do número de cervejas, e martines.”¹⁹¹

Um decreto do Prefeito Jânio Quadros, de junho de 1953, ordenava a suspensão dos alvarás dos bares nas ruas Itaboca, Ribeiro de Lima, José Paulino e Aimorés.¹⁹² Certamente havia polacas, remanescentes do período da década de trinta. Podemos intuir que após a expulsão dos cafetões na década de trinta, algumas, como a personagem fictícia Esther, do livro de Moacyr Scliar, resolveram estabelecer-se por conta própria, ocupando elas a função de cafetinas. O relato de Israel Diksztejn¹⁹³ abaixo esclarece a questão:

Entrevistador: O senhor conheceu ou ouviu falar desta Zona do Meretrício?

Sr. Israel: Como é que eu podia não ouvir falar? Era um câncer lá na redondeza, a vida ficava muito perigosa, casos de conhecidos mortos, doenças que se espalhavam, um negócio terrível, uma baixaria enorme. O que era de mais baixo lá, exploração das mulheres, inclusive das polacas, falavam às vezes ídiche.

Entrevistador: A maioria das mulheres era de judias ou brasileiras?

Sr. Israel: Sem dúvida, não podia ser diferente, a quantidade de imigrantes era pouca, trazidas desenganadas. De que época elas eram não sei. Já estavam lá, muitas doentes, cheias de problemas, às vezes não eram mais prostitutas eram cafetinas...

Entrevistador: Lembra-se do episódio do cercamento, fechamento em 1953?

Sr. Israel: Não, não. A gente evitava, quando ia lá era “escondidinho”. Lembro que tinha um centro médico que era de judeus, não me lembro desse episódio não. Frequentar, eu não frequentava, de vez em quando a gente escapava, dava uma espiada. Fruto proibido, né? Eu ouvia algumas falando em ídiche, a gente estranhava.

O ator Lima Duarte, em duas oportunidades, revelou seu romance com uma prostituta mais velha que se tornou sua amante, passando a morar na chamada Zona no

¹⁹¹ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Edições Populares, 1977, pp. 89-90.

¹⁹² **Jornal Folha da Manhã**, edição de 23 de junho de 1953, p. 8.

¹⁹³ Entrevista com Israel e Leon Diksztejn feita pelo autor em 20/05/2013.

final da década de 1940, antes da fama. No programa da Rede Cultura, *Roda Viva*, o ator afirma:

“[...] Quando eu cheguei no lindíssimo Mercadão de São Paulo, ajudei o homem a descarregar as mangas e depois ajudei o outro caminhão e fiquei lá, empurrando aquele carrinho de manga. Na terceira noite, me chamaram para ir para a zona [local que concentra atividades de prostituição], e eu falei: ‘Ah, eu vou! Mulher, vou’. Fui lá e conheci uma judia francesa, muito inteligente, que tinha vindo tocada pela guerra, e que me ensinou tudo o que a minha mãe não pode ou não soube me ensinar. Fiquei morando com ela, deve ter sido uma maravilha na vida dela, ela tinha quarenta e tantos anos, eu tinha 14 ou 15. E ela que me falou um dia, ela sabia das coisas, um dia eu estava ouvindo rádio: ‘Vem, garoto, vem aqui ajudar a construir esse mundo novo’. E eu falei assim: ‘Que coisa boa fazer esse drama aí no rádio agora’. Ela falou: ‘Por que você não vai lá tentar?’ Ela me ensinou a fazer o teste e até me deu um dinheirinho para eu pegar o carro. E eu fui fazer o teste na Tupi, que era no mato. E eu cheguei lá, o homem me deu o papel para ler e eu falei assim: ‘PRG2, Rádio Tupi de São Paulo, a mais poderosa emissora paulista’. O homem falou: ‘Mas de onde é que sai a sua voz, do sovaco?’ [...]”¹⁹⁴

Ariclens Venâncio Martins (Lima Duarte) nasceu em 29 de março de 1930. Aos seus 14 ou 15 anos de idade, portanto, 1944 ou 1945, tem-se o período da Zona do Meretrício.

Os frequentadores da Zona não poderiam ser classificados por um tipo único de indivíduos. A proximidade com as Estações de Trem e a enorme quantidade da oferta destes serviços, perto de mil prostitutas, aponta para uma variedade enorme de origens dos clientes.

A tradição de iniciar a vida sexual com uma prostituta sempre foi muito marcante entre os jovens paulistanos, porém, é muito difícil encontrar alguém que esteja disposto a revelar detalhes deste assunto que, além de acontecer normalmente às escondidas, envolve um tabu.

¹⁹⁴ Programa **Roda Viva**, TV Cultura, 15/03/1993. Disponível na página: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/456/entrevistados/lima_duarte_1993.htm , acesso em 31/10/2014, às 21h.

Assim como havia prostitutas judias, havia também, ainda que em minoria, cafetinas judias já de idade avançada. Entre os frequentadores, também havia muitos jovens judeus, moradores ou não do bairro. Eles circulavam pelo pedaço, independentemente de suas convicções políticas ou religiosas e até de suas condições socioeconômicas – aliás, pelo que se sabe, a Itaboca era para os menos favorecidos e a Aimorés, para os remediados. Muitos eram viajantes, vindos do interior paulista para fazer negócios, ou moradores da própria capital. Todos aproveitavam o tempo livre e o anonimato da cidade grande para visitar o que, afinal de contas, se configurava como um grande “centro de diversões”.

Para ter ideia da quantidade, se havia mais de mil prostitutas trabalhando, pode-se imaginar um número bem maior de frequentadores, pois além dos que vinham de fora, havia os homens que trabalhavam ou moravam ali mesmo, naquela região (entre eles, policiais, médicos, ambulantes, mascates, funcionários públicos, comerciantes do bairro, trabalhadores da indústria de confecções ou das pequenas oficinas, desocupados, bandidos e muitos “ébrios” – visto que o entorno era fartamente servido por pequenos bares e botequins).

O fechamento da Zona do meretrício

Após longo período, o Estado decretou fim da Zona, espalhando a questão para toda região dos Campos Elíseos e adjacências. O confinamento não foi noticiado pela imprensa, somente o artigo da Revista *Shalom* de março de 1975, somado a alguns depoimentos, pode constatar tal confinamento, além da pesquisa de Guido Fonseca em *História da Prostituição em São Paulo*¹⁹⁵. O fato ocorrido pôde ser constatado através de depoimentos informais de alguns moradores da época, porém, o fechamento das casas, ocorrido num período de livre expressão da imprensa, pôde ser documentado (ver documentos no anexo).

“1953. Decreto governamental põe fim às atividades do meretrício, até então confinado no bairro do Bom Retiro, onde as casas de mulheres ocupavam toda a extensão das ruas Itaboca, Aimorés e suas travessas, abrigando milhares de prostitutas devidamente registradas.

¹⁹⁵ FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982, pp. 211-215.

Imediatamente, após a promulgação do decreto, a garantir-lhe o vigor, tropas da Força Pública ocuparam as esquinas das ruas de acesso ao recinto da Zona, como a nova e ruínosa palavra de ordem: homem não entra.¹⁹⁶

Mas, por que migrar para um novo endereço? Hiroito explica, em seu livro, que mais de mil mulheres perderam o ponto onde se concentravam e foram morar “naqueles hoteleos e casas-de-cômodo” que sempre proliferaram no bairro dos Campos Elíseos, nas cercanias das estações ferroviárias da Luz e Sorocabana, e que na verdade costumam ser presença obrigatória nas imediações de estações de toda cidade grande. E, assim, elas foram se espalhando.

“Em breve [– relata Hiroito –] as ruas Santa Ifigênia, dos Andradas, dos Gusmões, Vitória e Protestantes, apresentavam o mesmo movimento, as mesmas feições, a mesma comunhão de propósitos que caracterizavam as noites da Itaboca e Aimorés.”¹⁹⁷

O movimento das prostitutas na porta do Jardim da Luz, frontal à Estação da Luz, atesta a continuidade das atividades da Zona do Meretrício nesta região. Estudos relacionados a esta atividade demonstram códigos próprios de conduta das prostitutas e sua permanência demonstra o fracasso do poder público que em várias ocasiões procurou excluir da paisagem do espaço urbano a prostituição – note-se que a prostituição não é considerada crime pelo Código Penal brasileiro.

O fim do confinamento, em 1953, espalhou a questão prostituição para toda a região e, durante muito tempo, houve reclamações dos moradores dos Campos Elíseos e ações do poder público procurando contornar o “problema”, mas tratavam a questão como caso de polícia e não como demanda social. Na assembleia legislativa do Estado, em 1956¹⁹⁸, foi estabelecida uma comissão para discutir a questão e encontrar soluções. Após muitos debates o grupo formado por deputados estaduais acabou dividido entre a maioria que indicou a volta do confinamento como solução e uma minoria (com destaque a Esther de Figueiredo Ferraz) que negou a assinatura do documento do relatório final alegando discordância, pois o caso deveria ser tratado como questão de saúde pública não

¹⁹⁶ JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Ed. Populares, 1977, p. 25.

¹⁹⁷ *Idem, Ibidem*.

¹⁹⁸ **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, Relatório, pp. 1-3, de 19 de janeiro, 1957 (ver anexo).

como problema de polícia, revelando a tendência assistencialista da sociedade paulistana para tratar da questão.¹⁹⁹

Procurando apagar a “triste memória”

No ano de 1957, na Câmara Municipal, sob o processo 2456, de 1957, promovido pelo Vereador Jacob Salvador Sveibil, do P.R.P., ligado ao Ademarismo, foi votado e aprovado o decreto que mudava o nome da antiga Rua Itaboca para Rua Professor Cesare Lombroso. No projeto a justificativa relata “Notável criminologista e antropologista, foi Cesare Lombroso, professor da Universidade de Turim.”²⁰⁰ Em parecer favorável à mudança, durante discussão no plenário chega-se à seguinte conclusão:

“Apesar de não existir em duplicata no Município a denominação ‘Itaboca’, opinamos favoravelmente à propositura, por considerarmos de toda a conveniência nesse caso, a alteração de denominação, uma vez que a citada via pública é lembrada por acontecimentos de **triste memória**.”²⁰¹ [grifo nosso]

No dia 02/05 de 1958 é publicada no diário oficial do Município de São Paulo a Lei 5497 que dispõe sobre denominação de via pública, assinada pelo prefeito Adhemar Pereira de Barros.

Por que os ilustres vereadores, apoiados pelo prefeito, escolheram o nome de Professor Cesare Lombroso? Para responder a esta interrogação, é importante lembrar alguns dados biográficos de Lombroso. Cesare Lombroso foi um professor universitário e criminologista italiano, nascido em 1835, em Verona. Tornou-se mundialmente famoso por seus estudos e teorias no campo que estuda a relação entre características físicas e mentais.

Lombroso tentou relacionar certas características físicas, tais como o tamanho da mandíbula, à psicopatologia criminal, ou a tendência inata de indivíduos sociopatas e com comportamento criminal. Assim, a abordagem de Lombroso é descendente direta da frenologia, criada no começo do século XIX pelo físico alemão Franz Joseph Gall e

¹⁹⁹ **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, Relatório, pp. 1-3, de 19 de janeiro, 1957 (ver anexo).

²⁰⁰ **Câmara Municipal de São Paulo**. Seção do protocolo, processo 2456 de 1957, disponível em: www2camara.sp.gov.br/1957/00/00/0A/00000aznk.pdf, acesso em 20/05/2014.

²⁰¹ *Idem*, parecer n. 188/58 da **Comissão de Justiça**, sobre o projeto de Lei 324/57.

estritamente relacionada a outros campos da caracterologia e fisiognomia (estudo das propriedades mentais a partir da fisionomia do indivíduo). Sua teoria foi cientificamente desacreditada, mas Lombroso tinha em mente chamar a atenção para a importância de estudos científicos da mente criminoso, um campo que se tornou conhecido como antropologia criminal.

A principal ideia de Lombroso foi parcialmente inspirada pelos estudos genéticos e evolutivos no final do século XIX, e propõe que certos criminosos têm evidências físicas de um "atavismo" (reaparição de características que foram apresentadas somente em ascendentes distantes) de tipo hereditário, reminescente de estágios mais primitivos da evolução humana. Essas anomalias – denominadas “estigmas” por Lombroso – poderiam ser supostamente reconhecidas a partir de formas anormais ou dimensões do crânio e mandíbula, assimetrias na face, etc., mas também por outras partes do corpo. Posteriormente, tais associações foram consideradas altamente inconsistentes ou completamente inexistentes, e as teorias baseadas na causa ambiental da criminalidade se tornaram dominantes.

Lombroso entendia que o criminoso é uma subespécie ou um subtipo humano (entre os seres vivos superiores, porém sem alcançar o nível superior do *homo sapiens*) que, por uma regressão atávica a essas fases primitivas, nasceria criminoso, como outros nascem loucos ou doentios. A herança atávica explicaria, a seu ver, a causa dos delitos.

O criminoso nato seria caracterizado por uma cabeça *sui generis*, com pronunciada assimetria craniana, fronte baixa e fugidia, orelhas em forma de asa, zigomas, lóbulos occipitais e arcadas superciliares salientes, maxilares proeminentes (prognatismo), face longa e larga, apesar do crânio pequeno, cabelos abundantes, mas barba escassa, rosto pálido. Lombroso estigmatizava os seres humanos de acordo com suas características físicas.

Apesar da natureza inconsistente destas teorias, Lombroso foi muito influente na Europa entre criminologistas e juristas.²⁰² Lombroso morreu em outubro de 1909, em Turim, Itália.

²⁰² SABBATINI, Renato M.E. “Cesare Lombroso, uma breve biografia”, site **Cérebro & Mente**, março de 1997. Disponível em: http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/lombroso_port.htm, acesso em 12/08/2014.

Como suas ideias influenciaram muitos intelectuais e políticos brasileiros, o nome para a rua não foi apenas uma homenagem. Foi um ato ideológico, uma tentativa de apagar o passado procurando afirmar ideias higienistas.

A figura de Ademar de Barros está ligada a todo o processo de confinamento, quando era Interventor a mando de Getúlio Vargas, de 1938 a 1941; Governador do Estado, de 1947 a 1951; e Prefeito da Cidade, em 1957, quando mudou o nome da Rua Itaboca através do decreto citado anteriormente. Ademar de Barros era médico e, na década de vinte, estudou na Alemanha fortemente influenciada pelas ideias positivistas e higienistas – teorias que alimentavam o ideário fascista e nazista.

Marli Guimarães Hayashi, autora da dissertação “*A gênese do ademarismo (1938-1941)*”, em uma das passagens para definir o político Ademar de Barros, declara:

“Uma das ‘tradições’ da política brasileira é a do ‘rouba, mas faz’, sobre o governante que enfrenta denúncias de corrupção ao longo do mandato, mas é querido pelo povo por causa das obras que realiza. Ex-governador de São Paulo e ex-prefeito da capital paulista, Ademar de Barros (1901-1969) até hoje é identificado com esse ‘lema’. Entre o início de sua carreira como deputado estadual, em 1934, e sua cassação pelo regime militar, 32 anos depois, ele colecionou feitos administrativos, suspeitas de desvio de dinheiro público e muita polêmica.”²⁰³

Nascido em Piracicaba, em 22 de abril de 1901, Ademar tinha o brevê de piloto de avião e estava casado quando entrou para a política, no ano de 1934, recém-chegado da Argentina, onde se exilou após participar do movimento constitucionalista de 1932. Ademar foi eleito, ocupou sua cadeira na Assembleia Legislativa, afirmando: “Tomei gosto pela danada”, ou seja, a política. No ano de 1937, quando Getúlio Vargas (1882-1954) implanta a ditadura do Estado Novo, imediatamente o Senado, a Câmara e as Assembleias Legislativas foram fechados, assim como os partidos políticos e a imprensa de oposição.

Apesar de criticar a ditadura Vargas na tribuna, o então deputado foi nomeado interventor (cargo equivalente a governador) de São Paulo em abril de 1938. Filinto Müller (1900-1973), chefe da polícia do Estado Novo, foi o responsável pela

²⁰³HAYASHI, Marli Guimarães. Dissertação: **A gênese do ademarismo (1938-1941)**, defendida na Universidade de São Paulo em 1996.

indicação. Foi uma troca por serviços prestados após a instalação da ditadura, quando Ademar denunciou supostos conspiradores à polícia.

A base da sua popularidade estava na construção das rodovias Anchieta, iniciada em 1939, e Anhanguera, em 1940, e do Hospital das Clínicas, que começou em 1938. As obras do Aeroporto de Congonhas teriam se iniciado em 1936, mas a propaganda ademarista divulgava que Ademar teria sido responsável por várias obras e remodelações do aeroporto. Ciscatil define de forma concisa a trajetória do populista Ademar de Barros:

“Enquanto a imagem de ‘político que faz’ era consolidada, a de ‘político que rouba’ começava a despontar. Durante a gestão de Ademar, surgiram denúncias de peculato e enriquecimento ilícito que levaram Vargas a afastá-lo da interventoria em junho de 1941. Mas as suspeitas não impediram que em 1947 ele fosse eleito governador para um mandato que se estendeu até 1951.”²⁰⁴

Filinto Müller era notório fascista responsável pela repressão do Estado Novo, chefe do DIP. e assumido antisemita. A obra de Maria Luiza Tucci Carneiro a respeito do Antissemitismo na Era Vargas²⁰⁵ demonstra de forma incontestável a política discriminatória do Estado Novo. Especificamente, uma carta de Oswaldo Aranha, endereçada ao interventor Ademar de Barros, datada de 1938²⁰⁶, alerta sobre a presença de judeus, com visto temporário de permanência, formando um quisto social, um gueto em São Paulo, indesejável por se tratar de uma imigração, segundo Oswaldo Aranha, de “elementos subversivos ou dissolventes e com tendências a gerar quistos raciais, corpos estranhos no organismo nacional.”²⁰⁷ Esta carta poderia representar o primeiro passo em direção ao controle da imigração judaica no bairro e o confinamento, uma extensão desta política. Lógico seria afirmar que desde o confinamento até o fechamento do meretrício no Bom Retiro, as más intenções de Ademar de Barros para com os imigrantes judeus eram claras. O Senhor Leon Diksztejn²⁰⁸ afirma categoricamente a respeito do estabelecimento da Zona:

²⁰⁴ HAYASHI, Marli Guimarães. Dissertação: **A gênese do ademarismo (1938-1941)**, defendida na Universidade de São Paulo em 1996.

²⁰⁵ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Antissemitismo na Era Vargas**. São Paulo: Perspectiva, 2001, Anexo 8, p. 432.

²⁰⁶ *Idem.*

²⁰⁷ *Idem.*

²⁰⁸ Entrevista com Israel e Leon Diksztejn feita pelo autor em 20/05/2013.

“O Ademar fez aquilo de ‘sacanagem’, pois ele era um tremendo antissemita.”

Considerações finais

O fechamento da Zona do Meretrício em 1953, o fim do confinamento e a mudança do nome da Rua Itaboca, para Rua Professor Cesare Lombroso completam informações importantes que faltavam na análise do processo histórico das Polacas em São Paulo. Esses elementos atestam sua decadência e o papel central do Estado, que neste período pendia para uma política autoritária, assim como são fatores vitais para compreender a trajetória do bairro do Bom Retiro e o processo de crescimento desordenado da metrópole paulista.

Compreender a história dos imigrantes judeus poloneses, suas origens e sua diversidade, ajuda a quebrar preconceitos e estigmas sobre esse grupo, dentro e fora dos marcos da comunidade judaica. Uma nova perspectiva sobre o tema permitiu esclarecer alguns tópicos importantes do fenômeno estudado, uma vez que foram utilizados os parâmetros da antropologia urbana sobre São Paulo, arriscando incursionar na história de um bairro paulistano a partir não só do estigma do bairro, mas principalmente procurando compreender este estigma à luz da teoria do espaço e da topografia urbana do Bom Retiro.

Acredito que esta dissertação constitui uma contribuição para os estudos judaicos, ao resgatar a história do bairro judaico, suas instituições fundadoras e o caráter de rede social de imigração, tanto da comunidade organizada como dos indivíduos que se associavam livremente, de forma clandestina ou não.

As estratégias para conquista de espaços possíveis de sobrevivência e desenvolvimento dos indivíduos demonstram um caminho que pode ser percorrido por outras comunidades que neste momento têm sua sobrevivência colocada em risco. Apesar das restrições governamentais e das dificuldades sociais e econômicas, além da questão cronológica por se tratar de um período especialmente ameaçador (início da década de 1940), quando a sombra do genocídio e da “solução final” nazista ameaçava a sobrevivência dos judeus de toda a Europa, houve uma organização interna.

As fontes na imprensa sobre o confinamento são escassas e o trabalho com as entrevistas encontrou um obstáculo, pois muitas pessoas preferiram não depor, por se

tratar de um assunto muito controverso no meio da comunidade judaica, um verdadeiro tabu. Um maior número de depoimentos traria contribuições significativas para esclarecer algumas lacunas desta pesquisa.

A maior dificuldade, porém, foi separar a pesquisa da lembrança e da memória da comunidade judaica e distinguir claramente entre História Oficial e Memória coletiva. Isto se agravou pelo fato do autor ter sido morador do bairro na década de setenta, filho e neto de judeus imigrantes poloneses.

O estigma do gueto é uma categoria abstrata difícil de ser definida. Estudar sociologia e antropologia urbana foi um enorme desafio para um historiador. Por isso mesmo, a contribuição das teorias e das práticas da antropologia abriram novos horizontes, ajudando a superação da ideia de gueto cultural, da comunidade fechada, e apontaram caminhos para entender a dinâmica do Bairro na cidade de São Paulo. Dinâmica que tem papel central neste sentido, assim como da atuação e contribuição da comunidade judaica, apesar de suas mazelas, na formação da metrópole paulistana.

O período do confinamento poderia ser pesquisado através dos arquivos da polícia civil e militar, os boletins de ocorrência, os inquéritos, etc. Uma pesquisa com os imóveis das ruas confinadas ainda existentes e com os cartórios, identificando os proprietários e as vendas, compras ou aluguéis, agregaria dados importantes apesar de que, por uma questão eminentemente pragmática, pela idade dos poucos frequentadores que ainda estão vivos, nunca será possível conhecer o ponto de vista dos nativos.

Da mesma forma, o Museu Emílio Ribas, local do desinfetório da Rua Tenente Pena, está em reforma e a pesquisa no local futuramente seria mais aprofundada, pois existem outros materiais não consultados tais como aparelhos utilizados no desinfetório, correspondências entre os administradores dos postos de controle das doenças transmissíveis, fichas de controle, etc.

As questões analisadas nesta pesquisa abrem caminhos para novos trabalhos sobre o crescimento urbano de São Paulo e sobre as experiências dos Governos, Municipais, Estaduais e até Federal no sentido de controlar e administrar os cidadãos e os indivíduos ainda hoje indesejáveis, através de várias instâncias como de segurança pública, saúde e políticas sociais para lidar com os marginalizados ou excluídos.

A experiência dos treze anos neste processo do confinamento pode indicar caminhos para que os órgãos públicos tentem resolver questões ainda hoje carentes de solução, como a própria prostituição, a exploração de mão de obra escrava, políticas de

recepção e encaminhamento de migrantes e imigrantes, enfim, de marginalizados da sociedade, como os moradores da chamada “cracolândia”.

Outros parâmetros podem ser percorridos a partir desta pesquisa para a realização de estudos do bairro do Bom Retiro, por exemplo, utilizando a etnografia para identificar as mudanças e permanências ocorridas com os indivíduos do bairro. O encontro, os conflitos e as fricções e o bom convívio entre pessoas de diferentes etnias poderia ser aprofundado, assim como a própria relação entre periferia e centro – convivência entre as pessoas de diferentes situações socioeconômicas e culturais.

Para os estudos judaicos, além de aprofundar o estudo do estabelecimento dos judeus em São Paulo, percebem-se as diferenças entre vários tipos judaicos e seus contrastes, mas agora tais relações se esclarecem sob uma perspectiva livre de preconceitos. Atualmente, não se fala do judeu pobre mascate, polaco, mas há uma visão não menos estigmatizadora: a do judeu rico, fechado em sua própria comunidade. Esse “novo estigma” pode ser tema de uma pesquisa em outra oportunidade.

Bibliografia

AGUIAR, Anésio Frota. **O Lenocínio como problema social no Brasil**. Rio de Janeiro, 1940. pp. 15-23. *Apud* MAZZIEIRO, João Batista. "Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920". *In: Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, pp. 247-285, 1998.

AHJB, **Boletim do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro**, julho2011, n. 0 44, pp. 14-24, Julho/2011.

ALBA, Richard & NEE, Victor."Rethinking assimilation theory for a new Era of immigration". *In: International Migration Review*, v. 31, pp. 826-874, 1997.

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. **História da Vida Privada, da primeira guerra aos nossos dias**, vol. 5 São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, pp. 352-353.

BAROCAS, Ester. "A língua hebraica? Vai bem, obrigada, pelo menos por enquanto..." *In: Cadernos de língua hebraica*, vol. 5, São Paulo, Humanitas /FFLCH/USP, 2006, pp. 29-63.

BLAY, Alterman Eva. "Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil". *In: Tempo social*. Vol. 21 N.2 , São Paulo: 2009, pp. 235-258

BRISTOW, Edward J. **Prostitution and Prejudice: the jewish fight against white slavery, 1870-1939**, Oxford: Clarendon Press, 1982

BURGESS, Ernest W. "The Growth of the City: An Introduction to a research project". *In: Urban Ecology* , 2008, p. 72. Disponível em http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-0-387-73412-5_5#page-2, acesso em 17/11/2014.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2.ed. 1 reimp. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2008.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O Antissemitismo na Era Vargas**. São Paulo: Perspectiva, 2001, Anexo 8, p. 432.

CARNEIRO, Maria Luísa Tucci & WIAZOVSKI, Taciana (Orgs.). **Bolchevismo e Judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

_____. **Cidadão do Mundo** – O Brasil diante do Holocausto e dos refugiados do nazifascismo. 1933-1948. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CISCATI, Márcia Regina. **O avesso da metrópole** – outra identidade paulista na literatura marginal. <http://www.portalamericas.edu.br/revista/pdf/ed7/art05.pdf>

CORBUSIER, Le. **A Carta de Atenas**. CIAM (Centro Israelita de Apoio Multidisciplinar) /Hucitec /EDUSP, 1993.

CYTRYNOWICZ, Roney & MUSSATTI, Monica. **Associação Cemitério Israelita de São Paulo 85 Anos**. São Paulo: Narrativa Um, 2008.

CYTRYNOWICZ, Roney. “Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado Novo e Segunda Guerra Mundial”. **Revista Brasileira de História**, v. 22, n. 44, pp. 393-423, 2002.

_____. “Instituições de assistência social e imigração judaica”. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 12, n. 1, pp. 169-84, jan.-abr. 2005.

DECOL, Rene. “População judaica no Brasil: um estudo demográfico”. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol.16. n. 46.1992. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n46/a08v1646.pdf> , acesso em 07/04/2014.

DINIZ, Pedro. “Bom Retiro numa boa”. **Revista São Paulo**, Seção Capa, p. 10, 01 abr. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/sp0104201210.htm>>. Acesso em: 20/05/2012.

FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil: estudos e notas**. São Paulo: EDUSP-Humanitas, 2008.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FELDMAN, Sara. “Bom Retiro – Bairro múltiplo, identidade étnica mutante”. Disponível em: www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/.../4381, 2013, pp. 13 a 15. Acesso em 25/10/2014.

FERNANDES, Antonio Teixeira. **Espaço Social e suas representações**. Porto: Publicações da Universidade do Porto, 1995.

FISCH, Harold. “A Figura do Dibuk”, *In*: AN-SKI, Sch. **O Dibuk entre dois mundos** (Org. Jacob Guinsburg) São Paulo: Perspectiva, 1965.

FONSECA, Guido. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988, p. 14.

GOLDBERG, Sylvie Anne. *In*: WIEVIORKA, Annette; BAUMGARTEN, Jean; ERTEL, Rachel; NIBORSKI, Itzhok (Orgs.). **Mil anos de culturas asquenazes**. São Paulo: Editora do Bispo, 2010.

GUINSBURG, Jacob . “Bom Retiro dos anos 30 – Estou falando de uma cidade que não existe mais”. **Revista 18**, ano IX, n. 30, p. 44-47, set. 2011.

HAYASHI, Marli Guimarães. Dissertação: **A gênese do ademarismo (1938-1941)**, defendida na Universidade de São Paulo em 1996.

HOJDA, Edith Gross. **Imigração dos Judeus Poloneses em São Paulo (1925-1940)**. São Paulo: Edusp, 1995.

JOANIDES, Hiroito de Moraes. **Boca do Lixo**. São Paulo: Ed. Populares, 1977.

KOIFMAN, Fábio. “Seleção questionável: O controle da entrada de estrangeiros durante o Estado Novo classificava os judeus como imigrantes indesejáveis”. **Revista de História**. Rio de Janeiro, 19 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/selecao-questionavel>>. Acesso em 31/03/2014.

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição**. As Polacas e suas associações de ajuda mútua. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LESSER, Jeffrey. **O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

- LEVIN, Eliezer. **Bom Retiro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. (1955, Edição Brasileira) São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 91-92
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Rua, símbolo e suporte da experiência urbana” (Versão revista e atualizada do artigo “A rua e a evolução da sociabilidade”, originalmente publicado em **Cadernos de História de São Paulo 2**, jan/dez 1993, Museu Paulista – USP).
- MANGILI, Liziane Peres. **Bom Retiro, bairro central de São Paulo: transformações e permanências 1930-1954**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2011.
- MAZZIEIRO, João Batista. “Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920”. **Revista Brasileira de História**, v. 18, n. 35, p. 247-285, 1998.
- MENEZES, Lená Medeiros de. **Os indesejáveis: desclassificados da modernidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- MILGRAM, Avraham (Org.). **Fragments de memórias**. São Paulo: Imago, 2010.
- MORIN, Edgar. **O mundo moderno e a questão judaica**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2006.
- MOTTA, Candido. **Prostituição, Polícia de Costumes e Lenocínio**. São Paulo, 1897, p. 316, *Apud* MAZZIEIRO, João Batista. “Sexualidade Criminalizada: Prostituição, Lenocínio e Outros Delitos - São Paulo 1870/1920”. *In*: **Revista Brasileira de História**, v. 18, n. 35, pp. 247-285, 1998.
- NORA, Pierre. “Entre memória e história, a problemática dos lugares”. Tradução de Yara Aun Khoury. *In*: **Projeto História: Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, São Paulo, 10/12/1993 pp. 7-22.
- NOVINSKY, Anita. **Cristãos Novos na Bahia**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

PARK, Robert Ezra. “Human Migration and the Marginal Man.” **American journal of Sociology**, v. 33, n. 6, p. 881-893, May, 1928.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 183.

PORTÃO, Ramão G. **Estórias da boca do lixo**. São Paulo: Exposição do Livro, 1969.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a História Oral diferente”. In: **Revista Projeto História 14** – Cultura e Representação fevereiro de 1997.

_____. “Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: **Revista Projeto História 15** – *Ética e História Oral*, Abril, 1997.

PÓVOA, Carlos Alberto. **A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

_____. **Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RATNER, Henrique. **Tradição e mudança**. São Paulo: Ática, 1977.

SABBATINI, Renato M. E. “Cesare Lombroso, uma breve biografia”, site **Cérebro & Mente**, março de 1997. Disponível em:

http://www.cerebromente.org.br/n01/frenolog/lombroso_port.htm, acesso em 12/08/2014.

SANTANA, Nuno. “Rua Aimorés”, p. 41, ti Rossolillo, 1958, *Apud* FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCLIAR, Moacyr **O ciclo das águas**. São Paulo: Editora Globo, 1975.

SHALOM, **Revista**. Edição de novembro de 1975, entrevista com Rodolfo Schreiber.

SIMMEL, Georg. "As Grandes Cidades e a Vida do Espírito". **Revista Mana**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005 [1903].

SINGER, Isaac Bashevis. **No tribunal do meu pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SORJ, Bernardo. **Díaspóra, Judaísmo e Teoria Social**. Disponível em: <<http://www.bernardosorj.com.br/pdf/diasporajudaismoeteoriasocial.pdf>>, acesso em 20/06/2012.

THOMAS, William I. & ZNANIECKI, Florian W. **The Polish Peasant in Europe and America**. New York: Dover Pubs, 1958 2 V.[1918-1920 5 V.].

TOPEL, Marta. "O *eruv* na Europa, nos Estados Unidos e no Brasil: novas estratégias de demarcação do espaço judaico". **Cadernos de língua e literatura hebraica**. n. 10, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/53661/57624>, acesso em 08/11/2014.

VARSANO, Fábio. "Tráfico de escravas brancas: polacas no Brasil". **Aventuras na História**, n. 38, out. 2006. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/trafico-escravas-brancas-polacas-brasil-434879.shtml>>, acesso em: 26/06/2012.

VELTMAN, Henrique. **A História dos judeus em São Paulo**. São Paulo: Expressão e Cultura, 1996.

WACQUANT, Loïc. "O que é gueto, construindo um conceito sociológico". **Revista de Sociologia e Política**, n. 23, p. 155-164, nov. 2004.

WALDMAN, Berta **A História do Teatro Ídiche em São Paulo**. São Paulo: Humanitas/Edusp, 2008.

WIAZOVSKI, Taciana. "A comunidade Judaica sob suspeita". In: CARNEIRO, Maria Luísa Tucci & WIAZOVSKI, Taciana (Orgs.). **Bolchevismo e Judaísmo: a comunidade judaica sob o olhar do DEOPS**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

WOLF, Egon e Frida. **Breve Histórico da Sociedade Cemitério Israelita de São Paulo**. Rio de Janeiro: SCISP, Edição Comemorativa 1989.

ANEXOS

27 de dezembro de 2010

Bom Retiro, anos 80

O visionário Vilem Flusser e um ensaio fotográfico sobre o bairro judeu

Eu estava acabando a faculdade e não sabia ainda se queria ser jornalista ou fotógrafo. Era 1981 e o grande Marcos Faerman editava o caderno de cultura da *Shalom*, prestigiada revista judaica cuja dona e diretora era a Patricia Finzi Fingerman.

Era uma revista progressista, como se dizia na época, e em plena ditadura militar levemente de esquerda. Era independente, pacifista, e corajosa: criticou a invasão israelense do Líbano e foi a favor do movimento Paz Agora desde o início. Pagou caro por isso: fechou ainda no começo dos anos 90.

A redação ficava no coração do Bom Retiro, em plena rua da Graça. O editor era o Jaime Klintowitz (hoje um dos editores-executivos da *Veja*). Por ali passaram nomes como Alberto Dines, Gilberto Dimenstein, Caio Blinder, entre outros. O diretor de arte era o Carlos Clemen, artista argentino bem conectado, particularmente com a nata da vanguarda dos artistas argentinos exilados no Brasil.

Por Renee Decol no blog:

http://caiotulio.blogspot.com.br/2010_12_01_archive.html#8506632143799524862

[as próximas 5 fotos foram feitas pelo fotógrafo Vilem Flusser]

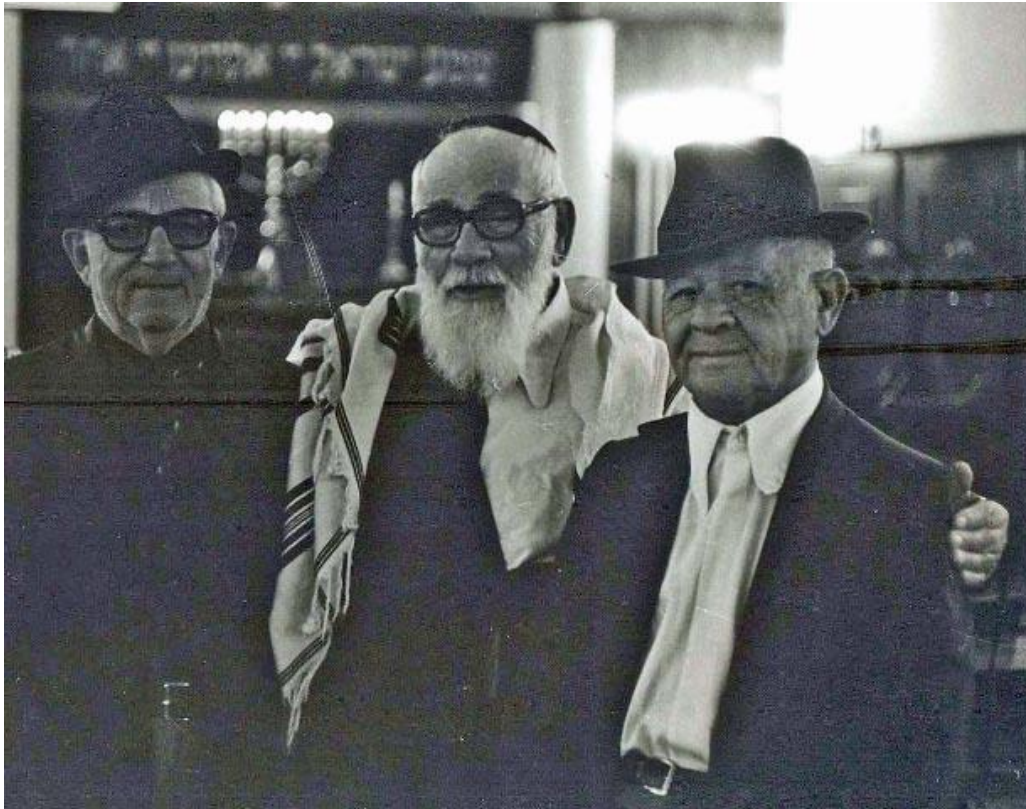


Figura 1 – Década de 1970, dia da semana Sinagoga Kehilat Israel, Rua da Graça, Bom Retiro.



Figura 2 – Restaurante da Sarah, famoso “Buraco da Sara”, década de 1970.



Figura 3 – Confeção de Bonés, Rua da Graça, década de 1960.



Figura 4 – Merceria Menorah, Rua Guarani, de bigode à esquerda, o atual proprietário, o “Zé”.



Figura 5 – Esquina da Rua da Graça com Ribeiro de Lima e Correia de Melo, o Pletzale, década de 1970.



Figura 6 – Mascate na Rua José Paulino, bairro do Bom Retiro, em São Paulo, década de 1940. Foto: acervo AHJB.



Figura 7 – À esquerda Moises Rechtman Z” L (de memória abençoada).
[Avô paterno do autor]
Mascate no Bom Retiro, 1934.



Figura 8 – À direita, Herch Birman, à esquerda, Saul Fingergut, em São Paulo, no ano de 1929. Pai e Tio de Chaim Birman



Figura 9 – Turma do Clube Judaico *Macabi*, na Rua da Floresta, em 1949.

Chaim Wulf Birman é o de braços cruzados



Figura 10 – Chaim Wulf Birman e os pais, Herch e Pesse Birman.



Figura 11 – Foto da primeira construção da Sinagoga *Kehilat Israel*, da Rua da Graça.
Acervo: Revista *Época São Paulo*. Data de 1927.



Figura 12 – Mapa da Região

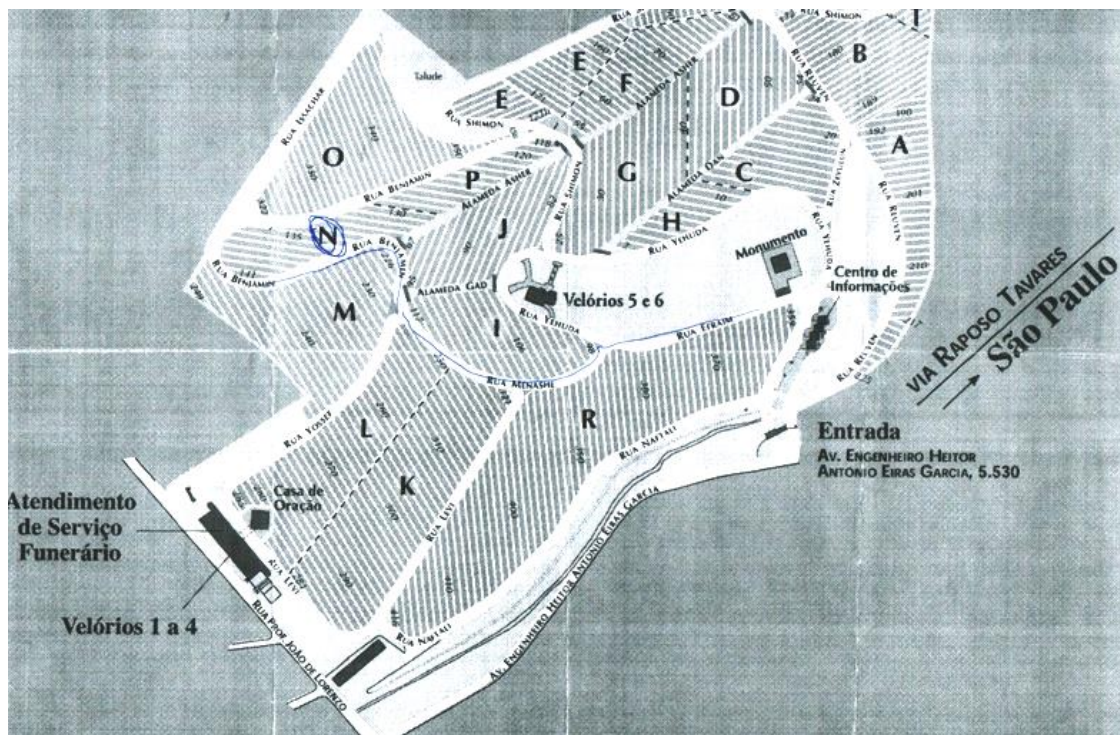


Figura 13 – Mapa detalhado do Cemitério Israelita do Butantã, quadra N, local das sepulturas das polacas.

A seguir, texto de Gilberto Dimenstein sobre o episódio do traslado das lápides entre o Cemitério do Chora Menino (Bairro de Santana) para parte interna do cemitério judaico do Butantã (Rodovia Raposo Tavares).

O rabino e as prostitutas judias

O rabino Henry Sobel prepara-se para inserir nos cursos para adolescentes de história do judaísmo as desventuras das "polacas" que reinavam nos mais finos bordéis paulistanos no século passado. Esse detalhe da história paulistana era, até pouco tempo atrás, mantido em segredo pela comunidade, envergonhada do passado.

Criado em Manhattan, o rabino envolveu-se diretamente no drama daquelas "polacas", todas judias, muitas delas religiosas. Como estavam impedidas de serem enterradas num cemitério judaico (e até de rezar na sinagoga), as prostitutas compraram um terreno em Santana, onde descansaram em paz até o local ser desapropriado pela prefeitura, em 1972.

Os restos mortais foram transferidos para o Cemitério Israelita do Butantã, mas, marginalizadas, elas continuaram na clandestinidade. Na lápide, apenas um número, nenhum nome. Com base em pesquisas históricas, Sobel ajudou na identificação, defendeu a inscrição dos nomes e realizou uma cerimônia, uma espécie de bênção tardia. "Não aprovamos a prostituição, mas essas mulheres são filhas de Deus."

Para o rabino, o drama das prostitutas judias é parte da história da crônica opressão contra os judeus -desta vez, com a ajuda dos próprios judeus. "Devemos mostrar essa dor aos nossos estudantes nas escolas", defende. As "polacas" desembarcavam em Santos, fugindo do antissemitismo e da pobreza na Europa oriental, especialmente na Polônia, seduzidas por uma rede internacional de cafetões judeus. Vinham com a promessa de emprego e casamento.

Ao recuperar a identidade das "polacas" e colocá-las na sala de aula, desenterradas do esquecimento, Sobel é seduzido não apenas pelo judaísmo, mas pela história de São Paulo. Ele já faz parte da paisagem paulistana e garante que nem pensa em voltar para Manhattan. "Sinto aqui uma notável energia, a riqueza da diversidade e, acima de tudo,

um calor humano que jamais encontraria em Nova York." [recentemente o Rabino mudou-se para Miami EUA]

Na resistência ao regime militar, ele fez uma marca na cidade por causa de um enterro. Não aceitou a versão de suicídio do jornalista judeu Vladimir Herzog; se fossem seguidos o atestado de óbito e as normas religiosas, o jornalista deveria ser enterrado numa área específica para os suicidas. Ao lado das prostitutas.²⁰⁹



Figura 14 – Foto do autor na Quadra N do Cemitério Israelita do Butantã, onde foram transportadas as lápides com os restos das “polacas”. Constam apenas as datas de falecimento que compreendem o período entre 1943 até 1953 em sua maioria de mulheres com nomes identificados.



Figura 15 – Cemitério Israelita do Butantã, foto do autor, em 30/03/2014.

²⁰⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/urbanidade/gd010802.html> . Acesso em 31/03/2014.

Texto de autoria de Eva Blay

Artigo Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil, pp. 235-258²¹⁰

Segundo a listagem que copiei na prefeitura, há 44 sepulturas de mulheres e 24 de homens. Os cemitérios judaicos incorporam alguns traços dos países onde estão situados e dos modelos da época. No de Cubatão, há túmulos com fotografias, assemelhando-se aos cemitérios cristãos das décadas de 1920-1930. Neles há inscrições muito carinhosas, traduzidas no local por Julio Blay, e que transcrevo a seguir:

Túmulo e data	Detalhes na lápide	Mensagem
Annie (Anita) Synberlist (15/8/1892-3/12/1955 ou 1965)	Data ilegível; Há sua foto e uma inscrição.	<i>Saudades de sua filha, genro e netos.</i>
Liba de Queiroz (7/2/1878-28/5/1948)	Em hebraico, a inscrição diz: <i>Liba filha de Isic Leraimer, nascido em Odessa.</i>	<i>Última recordação de seu esposo, irmã e sobrinhos.</i>
Maria Marcus (19/4/1880-23/4/1944):		<i>Saudades de sua irmã Malka Bat Levi (Malka filha de Levi).</i>
Aida BisbIn:		<i>Minha mamita morreste, foste com Deus. Mas viverás eternamente no coração de teu querido mamito.</i>
Rosa Steinhouser	Há uma foto de Rosa. Nascida em Przemis, Áustria, em 3/1/1880, falecida em 1932.	<i>Saudades de sua família.</i>
No túmulo de Dvoire,	Filha de Abraham Ehmitalzen.	<i>Saudades eternas de</i>

²¹⁰ <http://www.scielo.br/pdf/ts/v21n2/v21n2a11>, acesso em 11/12/2014

		<i>sua filha.</i>
Jaime Rubin (22/12/1888- 12/3/1948):	Na parte masculina.	<i>Saudades eternas de sua esposa e filhos.</i>
No túmulo número 1247	(nome ilegível):	<i>Saudade de sua esposa Imilia Chantak.</i>
Frederico Glick	Túmulo duas vezes maior do que os demais; Há sua foto e a inscrição. O túmulo é adornado com dois vasos de pedra nas laterais da cabeceira.	<i>Nascido em Odessa (Rússia) a 25/5/1884. Filho de José Glick e de Marie Miriam. Falecido em Santos a 4/1/1956. Saudades de sua esposa e filha (sic).</i>



Figura 16 – Desinfetório.(acervo Museu Emílio Ribas)

Serviço Sanitário do Estado de São Paulo — INSPECTORIA DE HIGIENE DOS MUNICIPIOS

SYPHILIS E MOLESTIAS VENEREAS

Data *N.*

POSTO de

Nome Idade Cor Sexo

Naturalidade Paes Est. civil

Profissão Residência Quantos filhos Abortos

Natimortos Conjuge doente? De que? Como se infectou?

..... Onde? Quando? Onde?

Já se tratou? De que? Quando? Onde?

Como? Peorou? Melhorou?

Syphilis? Lesões-natureza:

Sede inicial Actual

Wassermann Microscopia Diagnostico clinico

Blenorragia? Aguda? Chronica? Desde quando? Microscopia

Complicações? Quaes?

Cançoide? Lesões:

Sede

Observações

O MEDICO-CHEFE,

I. H. M 32

Figura 17 – Ficha de controle sobre pacientes.



Serviço Sanitário do Estado de São Paulo

Inspectoria de prophylaxia da Syphilis e Molestias Venereas

São Paulo, 4 de fevereiro de 1936

Nº 28

Senhor Diretor.

O posto de desinfecção, representa peça de importância relevante na organização da luta prophylatica contra a syphilis e molestias venereas, e por isso, venho de ha muitos annos insistindo pela instalação dessa aparelhagem simples e de tão grande utilidade, que actua directamente e instrue largamente.

Na rua Tymbiras, onde funcionam os Dispensarios nos. 1 e 4, é um ponto dos mais convenientes á montagem de um posto.

A adaptação necessaria é de muito pouco preço. A montagem e despesa com material prophylatico são devesas reduzidas.

Os enfermeiros seriam em numero de cinco, para que o posto funcionasse dia e noite consecutivos, e, fosse convenientemente fiscalizado. Nesse myster poderiam ser aproveitados, guardas sanitarias ou mesmo diaristas que tivessem alguma instrução, e que recebesse de nós os conhecimentos precisos para desinfecção e esclarecimentos aos pacientes. Temos já até modelos de fichas de impressos.

Apresentando a sugestão a v.s., venho novamente solicitar meios para iniciar a medida preventiva, bastando para isso, a devida autorização, orçamento da despesa da rapida adaptação, pela seção de engenharia, e designação dos funcionarios estranhos aos em exercicio nesta Inspectoria, pois que estes já estão em outras funções indispensaveis.

Tenho a honra de reiterar a v.s. os protestos de minha elevada estima e consideração.

H. de Oliveira

Inspector-Chefe

Do senhor doutor F. Borges Vieira
Diretor Geral do Serviço Sanitário

Inspectoria, Officiai do Estado - 1936-1936

Secretaria do Serviço Sanitário

CONTABILIDADE

Procedido gov. n. 7040, a fls. 107

do livro n. 2 de 1336

S. Paulo, 6 de 2 de 1936



Figura 19 – Instalações.



Figura 20 – Equipe.

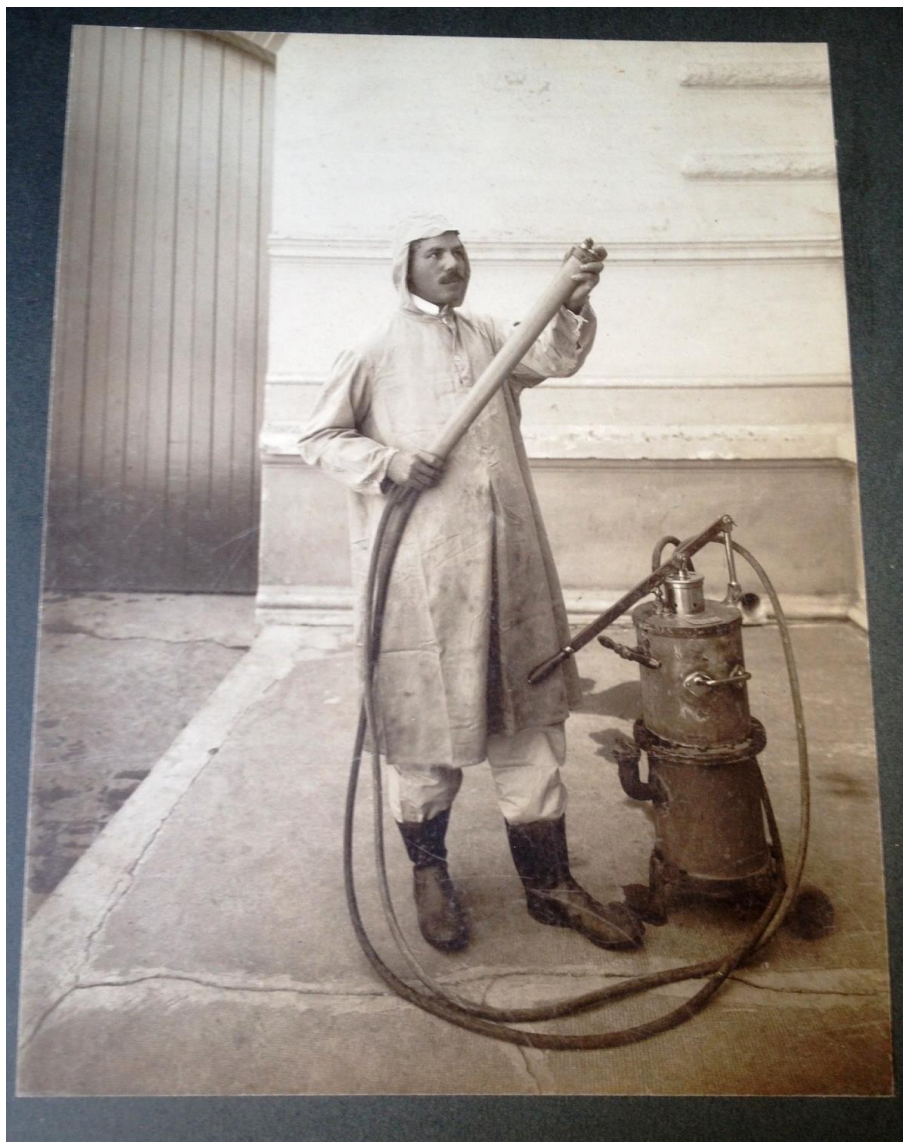


Figura 21 – Funcionário com equipamento.



Figura 22 – Cartaz da Campanha contra a Sífilis.



Figura 23 – Cartaz da Campanha contra a Sífilis.



Figura 24 – Cartaz da Campanha contra a Sífilis.




 CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO SEÇÃO DO PROTOCOLO			
Processo N.º 2.405 6 de 19 57			
Promovente: VEREADOR JACOB SALVADOR ZWEIBIL			
Natureza: PROJETO DE LEI N. 324 DE 2-5-57			
Assunto: DENOMINA PROFESSOR CESARE LOMBROSO A ATUAL RUA ITABOCA, COM INÍCIO NA RUA RIBEIRO DE LIMA, NO BOM RETIRO, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.			
ANDAMENTO			
COM. DE JUSTIÇA	COM. DE EDUCAÇÃO	COM. DE FINANÇAS.	
lei nº 5497/58			
Observações: de 2/5			
<small>CNC 540006</small> <small>Tipografia Legislação</small> <small>22440011713037</small> 00000116322-16 		20-11-58 	

Figura 25 – Primeira página do Projeto de Lei para mudança do nome da Rua Itaboca.

NOTAS POLICIAIS

INICIADO O FECHAMENTO DAS CASAS DE PROSTITUIÇÃO

— Atendendo indicação do governador Lucas Nogueira Garcez, a Secretaria da Segurança Pública iniciou ontem o fechamento das casas de prostituição localizadas nas ruas Itaboca, Aimorés e Ribeiro de Lima, no bairro do Bom Retiro. Cerca de 400 mulheres foram retiradas, cabendo ao Serviço de Assistência Social do Estado a tarefa de ampará-las, para evitar que se infiltrem em outros bairros. Segundo apurou a reportagem, tão logo seja evacuada toda a zona do baixo meretrício, será iniciada a demolição dos velhos prédios ali existentes, que darão lugar a novas residências e prédios de apartamentos, ficando a cidade livre de desalentador aspecto que apresenta aquele antro de vício e perdição. O serviço de retirada das inquilinas dos prostibulos vem-se processando dentro de perfeita ordem.

FALSARIO PRESO — Ontem à tarde, na zona bancária da cidade, foi preso por investigadores do Serviço de Ronda Especial, Bartolomeu Gomes Marinho da Silva, 25 anos, casado, morador na rua Entre Rios, 467, Vila Olímpia, logo após ter retirado de um estabelecimento de crédito, por meio de cheque falso, a importância de 22.500 cruzeiros. Em poder do falsário foi encontrada uma ficha de outro banco, que lhe possibilitaria a retirada de mais 23.000 cruzeiros, também por meios ilícitos. O melliante já há tempos vinha sendo procurado pela polícia como autor de golpes idênticos, cuja autoria confessou no interrogatório a que foi submetido. Após ser autuado em flagrante, Marinho da Silva deu entrada no presídio do Hipódromo.

ATROPELAMENTO — Ontem, às 9 horas, na av. 9 de Julho, imediações do túnel, o auto de chapa n.º 2-46-94, guiado por Cilas Domingues, atropelou e feriu gravemente Luís Vitalelo, 14 anos, filho de Liberato Vitalelo, morador na rua Frei Durão, 466. A vítima foi removida diretamente para o Hospital das Clínicas.

Figura 26 – Notícia de jornal da época sobre o fechamento. acervo Jornal Folha de São Paulo, 03/01/1954

Noticias Diversas

MANDA O GOVERNADOR SANEAR O BOM RETIRO

Fechadas as casas de tolerancia — Readaptação das mulheres pelo Serviço Social do Estado — Distúrbios na tarde de ontem

Por expressa determinação do governador do Estado, a Polícia fechou a zona do baixo meretrício, no Bom Retiro. Contingentes da Força Pública e elementos da Polícia Civil interditarão os quarteirões que a delimitam fechando praticamente todas as entradas das ruas Aimorés, Itaboca e Car. Cintra. A ação deu-se no dia 3 de dezembro último, às 5 horas e nada de anormal se verificou, já que as mulheres que residiam naquela parte da cidade ou que frequentavam as casas de tolerancia ali existentes vinham sendo preparadas psicologicamente há tempos, graças ao trabalho intenso exercido, nesse sentido, pelo Serviço Social do Estado.

De conformidade com informações prestadas à nossa reportagem pelo capitão Riolando Prado, encarregado da missão, as mulheres que ali residem têm liberdade de locomoção, se bem que lhes esteja terminantemente proibida se fazerem acompanhar por elementos que não moram naquela parte da cidade. Também os comerciantes estabelecidos nas ruas Aimorés, Itaboca e outras da zona não estão sendo impedidos de exercerem suas atividades, pagando impostos e sujeitando-se aos preceitos legais, não podendo sofrer quaisquer restrições. Há, todavia, o que preferem fechar seus estabelecimentos, o que é feito, então, por livre e espontânea vontade.

A fiscalização dos elementos perniciosos que perambulavam pelas imediações é rigorosa, a fim de evitar-se que malandros que sempre viveram à custa de infelizes criaturas que habitavam as casas das ruas ora interditas das promovam desordens ou tentem incitá-las à revolta.

Os próprios elementos da Polícia estão impedidos de entrar na zona interdita, com exceção, é evidente, dos encarregados do policiamento.

Os veículos que têm permissão para passar a barreira policial são os destinados a mudanças das inquilinas de tais casas.

O Serviço Social do Estado está encarregado de atender e encaminhar as mulheres que, desejarem a volta ao convívio da sociedade. Para tanto, mantém uma seção especializada que orienta várias casas de recuperação dessas infelizes transviadas.

DISTÚRBIOS

Na tarde de ontem, as mulheres da zona do meretrício, em sinal de protesto contra as medidas policiais, visando o fechamento dos conventillos, formaram grupos e provocaram desordens nas imediações. Tomando conhecimento daqueles movimentos, o delegado adjunto da Delegacia de Costumes, acompanhado de investigadores e militares, rumou para o local, a fim de impedir que continuassem as mulheres a promover espetáculos degradantes.

O fechamento das casas de tolerancia deu motivo para que as inquilinas dos conventillos daquelas ruas, talvez induzidas por terceiros, iniciassem o movimento. Na tarde de ontem, vítima de um mal súbito, faleceu a decada Antonia de Souza, de 38 anos casada, residente à rua Aimorés, 195. Prevaleram-se as mulheres dessa morte para culparem os policiais que ali se encontravam de serviço. Disseram elas que Antonia de Souza havia sido tomada de pânico e falecera de um colapso.

Por volta das 20 horas, um grupo de 20 mulheres, entrando no estabelecimento comercial de Samek Rosenski, à rua José Paulino, 358, onde tem instalada uma loja de armazinhos, depredaram-na e, em seguida, invadiram sua residência no n. 356 da mesma rua, onde puseram em polvorosa os seus familiares. Samek Rosenski, procurando fazer com que as mulheres abandonassem o seu domicílio, foi por elas agredido. A fim de se defender, Samek apanhou um ferro próprio para abaixar a porta de seu estabelecimento e desferiu golpes atingindo três das mulheres. As demais, vendo suas companheiras feridas, trataram de abandonar o local. Com a chegada da polícia, foi estabelecida a identidade das vítimas. Trata-se de Arinda Machado, de 32 anos, viúva, moradora à rua Itaboca, 208, Gulemar de Souza Carvalho, de 33 anos, viúva, residente à rua Aimorés, 231 e Alice Isabel de Jesus, de 28 anos, casada, moradora à rua Itaboca, 162. As duas primeiras, que apresentavam graves ferimentos, foram removidas para o Hospital das Clínicas, depois de socorridas pelo PSM. Alice Isabel de Jesus, após ser medicada, foi dispensada.

A autoridade de plantão na Polícia Central abriu inquérito a respeito da agressão, tendo ouvido Samek Rosenski. Ao local dos distúrbios foram enviados grupos de choque da Força Pública e uma guarnição do Corpo de Bombeiros, com um autotanque, a fim de dispersar as mulheres com jatos de água. Foi também solicitada a presença de peritos da Polícia Técnica, para vistoriar a casa de Samek Rosenski, que ficou bastante danificada.

Por determinação do Secretário da Segurança Pública, o titular da Delegacia de Costumes aumentou o número de policiais para vigiar as ruas situadas na zona do meretrício, os quais efetuaram a prisão de diversas mulheres que foram encaminhadas ao Departamento de Investigações, onde serão ouvidas pelas autoridades da referida delegacia.

Durante os distúrbios verificados na zona do baixo meretrício, as mulheres que se envolveram nessas desordens, além de oferecerem resistência à polícia, descompunham suas vestes e assumiam tais poses que inutilizaram os flagrantes que os reporteres de jornais conseguiram fixar.

Figura 27 – Jornal O Estado de São Paulo, 05/01/1954, p.8.



Figura 28 – Charge de Manolo, cartunista do Jornal *O Governador*, que circulou dando apoio a Ademar de Barros nas eleições para Governador do Estado de São Paulo, em março de 1954.

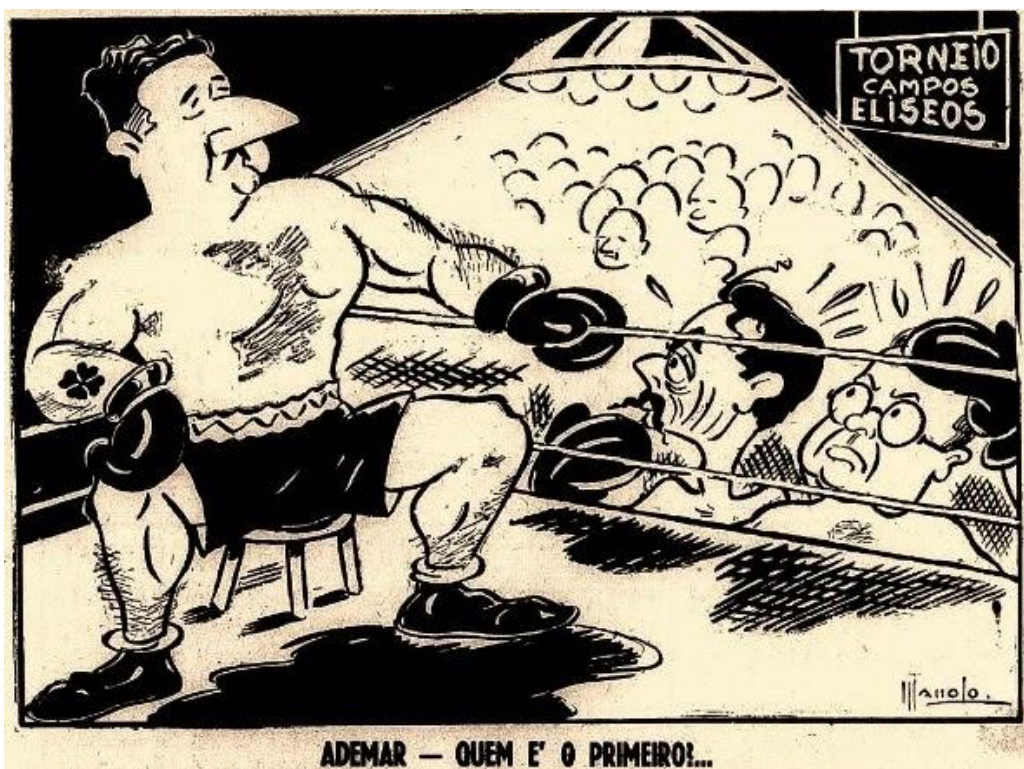


Figura 29 – Charge de Manolo, cartunista do Jornal *O Governador*, que circulou dando apoio a Ademar de Barros nas eleições para Governador do Estado de São Paulo, em março de 1954.



Figura 30 – Placa atual situada à Rua Professor Lombroso.



Figura 31 – Esquina Rua Professor Lombroso com Rua Silva Pinto. Único imóvel vago da rua preserva a sacada e a fachada do tempo da Rua Itaboca (antigo nome).



Figura 32 – Imóvel com arquitetura similar aos relatados pelos moradores da Itaboca, Rua dos Italianos, 2012.